REVISTA DA SEMANA

NO TEXTO:

A REVOLUÇÃO DOS PINCÉIS

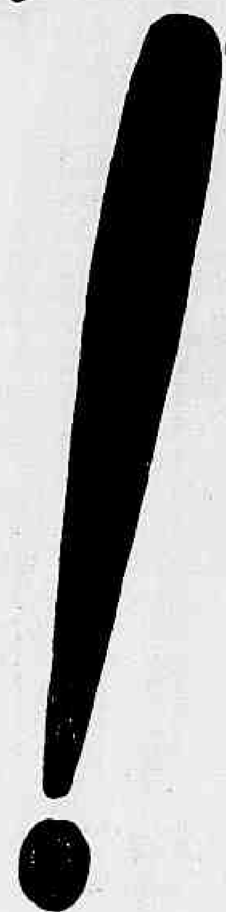
OS "BROTOS" DE WEST-POINT

DUTTA, O MÉDICO DOS PEIXINHOS





CADA VEZ MELHOR







JÁ ESTÁ À VENDA

ANUÁRIO ESPORTE Ilustrado

76 PAGINAS ILUSTRADAS

CR.$ 10,00

EM TODO O BRASIL

O MARACANÃ...


SEGUE

Uma das belezas panorâmicas do Maracanã, êsse colosso de cimento armado, é a simetria das curvas superpostas, que se pode apreciar de qualquer ângulo.

NÃO BALANÇA NEM CAI

DECLARAÇÕES DO EX-PREFEITO MENDES DE MORAIS ★ «ASSIM COMO ESTÁ, NEM DAQUI A DEZ ANOS», AFIRMA ARNO FRANK, SUPERINTENDENTE DO ESTÁDIO ★ LUÍS VINHAIS TAMBÉM FAZ AFIRMAÇÕES ★ A OPINIÃO DOS ENGENHEIROS QUE CONSTRUÍRAM O ESTÁDIO

Texto e fotos de LEVY KLEIMAN

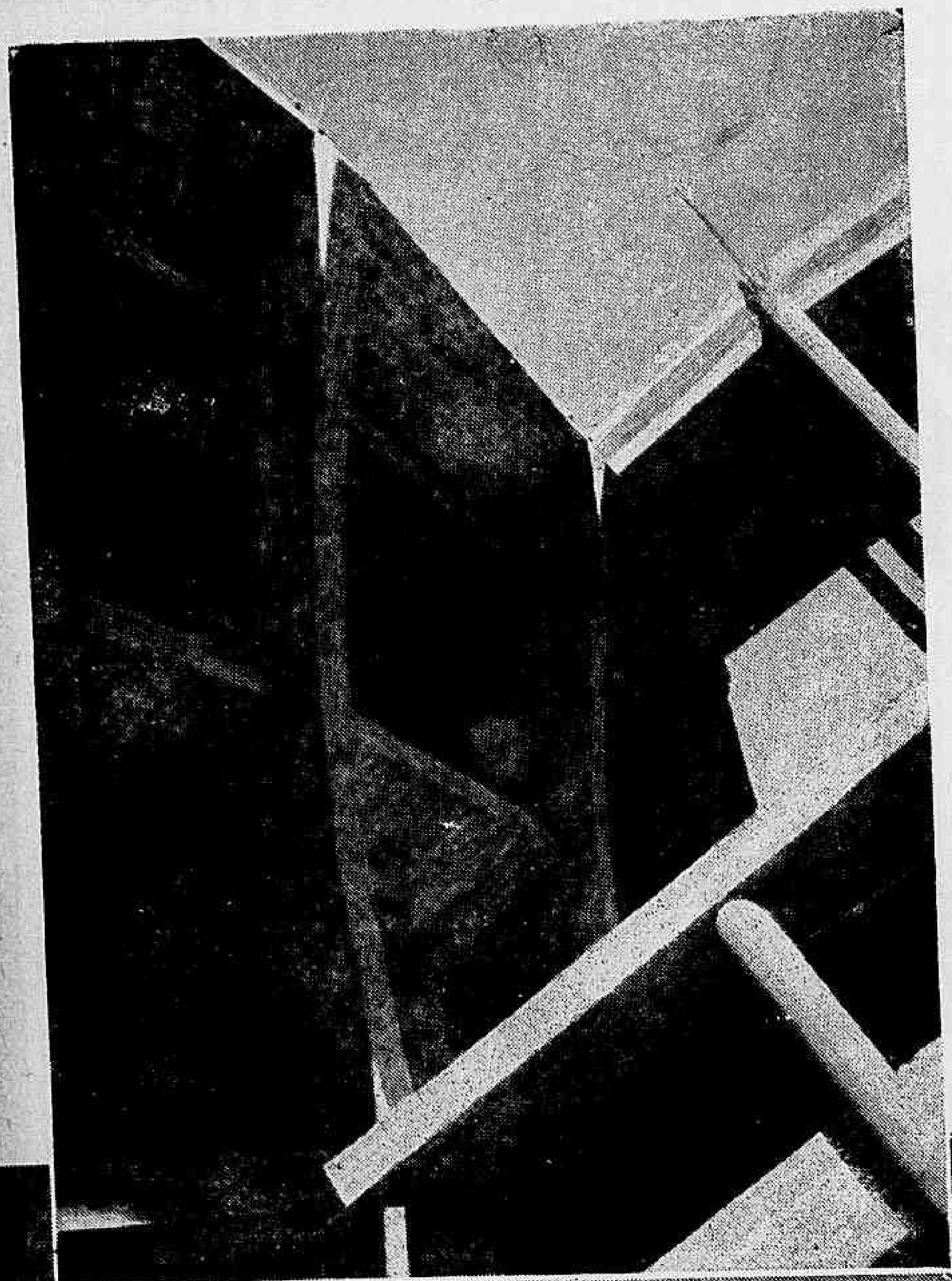
AS quedas de edifícios em construção ou dos arranha-céus já habitados que se vêm verificando últimamente constituíram, sem dúvida, uma boa preparação psicológica para o boato tantas vêzes já veiculado e tantas vêzes já desmentido de que o Maracanã estava ameaçado de ruir.

O Maracanã foi e será sempre um grande assunto, em função da sua grandeza como o maior estádio do mundo, construído em tempo "record" por um consórcio de seis das maiores firmas construtoras do Rio. O colosso de cimento e ferro foi terminado às vésperas da Copa do Mundo de 1950, e a rapidez com que foi concluído é um dos argumentos fortes dos boateiros para mostrar aos leigos que a pressa é inimiga da perfeição. O boato do possível desabamento do Maracanã foi igualzinho a de um certo tipo



O Sr. Herculano Gomes, que superintendeu o Maracanã durante as obras, deu também uma mãozinha na segurança do estádio municipal.

Nem mesmo a um leigo, afirmaram os engenheiros, poderia escapar, numa simples vista d'olhos, ante estas estruturas que o Maracanã não balança, nem cai...



de manchetes empregado pelos jornais que contam uma história sensacional, e quando se lê o texto verifica-se o alçapão armado pelo título. O bicho não era tão feio como diziam.

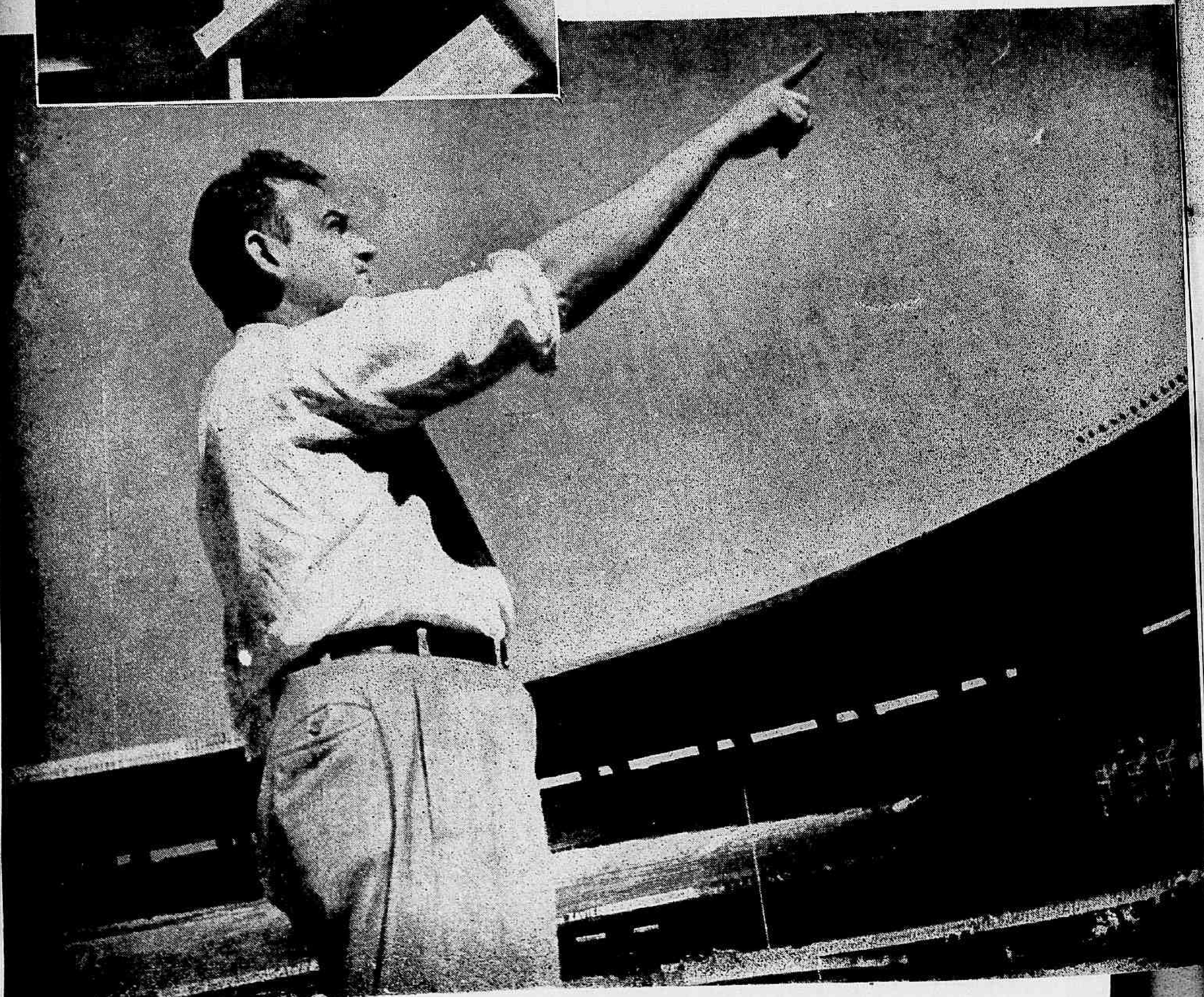
A melhor resposta sôbre a segurança da gigantesca obra, que honra a engenharia nacional, só poderia partir de quem realmente trabalhou pela sua construção e dos que zelam hoje em dia pela sua manutenção.

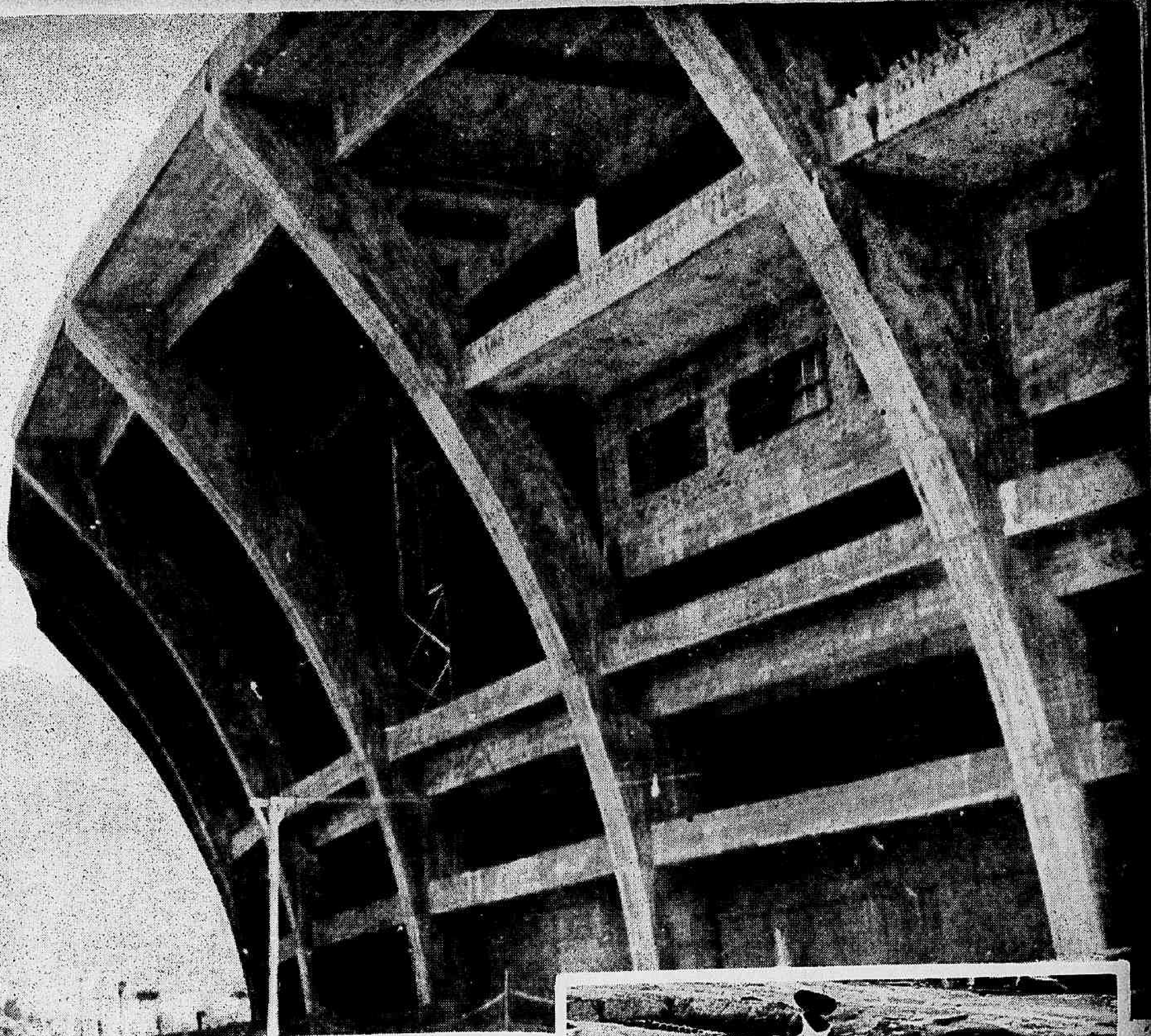
A repercussão mundial do Maracanã, não com referência ao boato, mas o fato concreto, o estádio, é tão notável que o engenheiro Schmidt, que construiu o estádio olímpico de Berlim para os jogos de 1936 e que supervisionou todos os trabalhos do Municipal esportivo, foi convidado pelas autoridades desportivas da Suíça para organizar os trabalhos de construção da praça de esportes que servirá de palco à Copa do Mundo de 1954, nos moldes da nossa, em tamanho menor. O citado técnico levou plantas, dados e fotografias do Maracanã, que servirão de ilustração para as palestras que pronunciará sôbre o Estádio Municipal no país helvético.

Ninguém melhor que o ex-prefeito do Rio, o General Ângelo Mendes de Morais, que foi o propulsor da grande obra, para falar sôbre o assunto. Foram estas as suas palavras:

— "E' deveras lamentável a recrudescência dessa campanha desmoralizante e demolidora em tôrno de uma obra que constitui, não tanto um mo-

O engenheiro João Villibaldi não pesca "lulas" de futebol, segundo sua própria expressão (isto é, não entende de futebol), mas garante que o estádio não desaba.





Neste impressionante aspecto externo podemos ver as colunas-mestras, que sustentam o estádio desde a fundação até às marquises de cobertura.

numento de nossa engenharia, mas também justo motivo de orgulho nacional. O Estádio Municipal foi construído, a despeito de campanhas derrotistas. E mesmo depois de construído não se libertou dos sabotadores. Dos que não queriam vê-lo de pé e que ainda torcem para vê-lo desabar. Mas a respeito do **"desabamento"** provável quem deve falar são os técnicos e construtores, que bem sabem o que fizeram, com aplausos gerais."

O superintendente do estádio Municipal, o veterano desportista Arno Frank, uma das maiores autoridades em administração esportiva, que tem sido insistentemente convidado para dirigir diversas entidades esportivas, assim se exprimiu sôbre as detalhes técnicos aludidos pelos boatos com o seu lastro de **conhecimentos:**

— "Em relação à marquise do estádio posso assegurar, com o conhecimento que possuo das obras, que mesmo que ela ficasse durante dez anos sujeita à ação corrosiva do tempo não lhe pesaria a ameaça de um desabamento, e em relação às colunas de sustentação, isso nem se discute, pois em tempo algum, e em qualquer hipótese se poderá verificar."

Outro veterano desportista, Luís Vinhais, antes de embarcar para Helsinki, chefiando a equipe brasileira de futebol aos Jogos Olímpicos, na qualidade de diretor esportivo do estádio, deu também a sua opinião sôbre a "onda":

— "Só o despeito pode gerar versão tão maldosa. Acompanho a vida do



Os operários tiveram que cavar bem fundo no antigo Derby para assentar as bases do maior estádio do mundo, obra de engenharia que muito elevou o Brasil.

O MARACANÃ NÃO BALANÇA NEM CAI

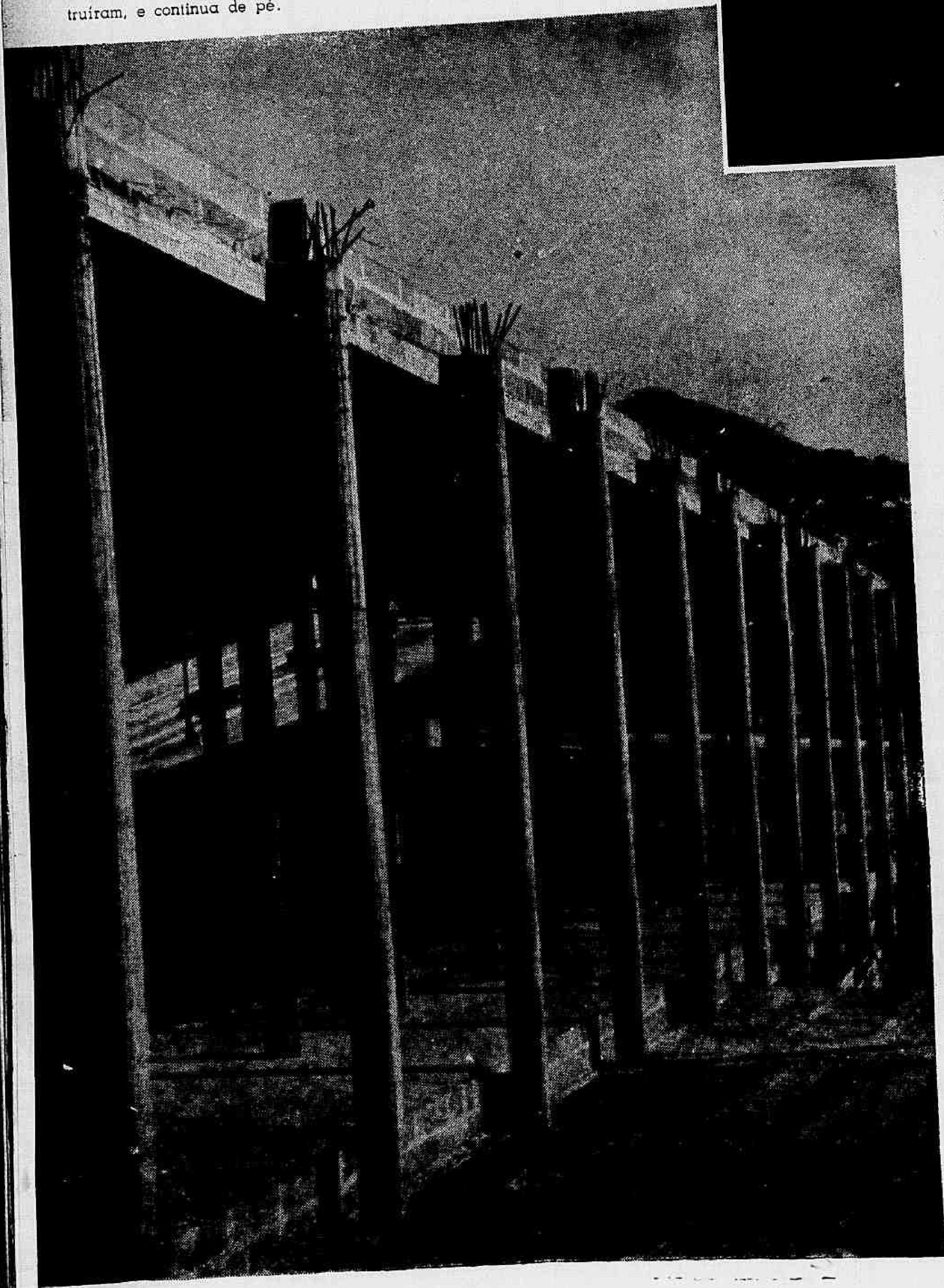
Estádio desde os primórdios do seu nascimento. Aqui vivi os momentos iniciais desta grande obra, de que tanto nos orgulhamos. Construído por técnicos de comprovada competência, o estádio foi submetido a tôdas as provas de resistência e delas saiu airosamente, pois os resultados sempre foram superiores ao que se esperava. Seu maior teste foi a Copa do Mundo, quando suas dependências estiveram abarrotadas. E o que aconteceu de extraordinário? Êste estádio ficará para a eternidade. Gerações passarão por aqui e o "gigante" continuará firme, mais firme do que a cabeça dos que inventam **coisas**."

Depois das expressões dos que conhecem o assunto por experiência faltavam as opiniões dos técnicos, os engenheiros atualmente à testa do departamento especializado do estádio.

Os engenheiros João Villibaldi e Mauro Coutinho acharam até graça na história, e nos apontaram o esqueleto do Hospital das Clínicas, bem em frente ao estádio, que ali estava desde 1928 com os seus vários andares em concreto armado exposto à ação do tempo, e que durante a construção do Maracanã serviu de moradia para os milhares de operários que o construíram, e continua de pé.



Aqui sim, a ferrugem atacou com violência. Trata-se de terminais das colunas de sustentação, sem perigo para a segurança do estádio ou das rampas.



Uma firma de máquinas de furar mandou um representante para fazer uma demonstração, informou-nos o sr. Villibaldi, e pediu para usar uma perfuratriz no concreto, e a broca ficou em pedaços. Os operários estão encontrando muita dificuldade para abrir furos na arquibancada entre os dois lances, para a colocação das armações de ferro, tal a resistência que oferece o concreto. Viram, como todos que aqui passam, as ferragens das colunas de sustentação das rampas, as que estão expostas à ação do tempo, completamente enferrujadas, mas estas não têm nenhuma significação."

— "Antes de todo êste barulho foram feitas as concorrências para utilizar a verba de 90 milhões de cruzeiros, em 3 anos, votada pela Câmara Municipal para a conclusão do estádio, esclareceu-nos o nosso entrevistado, e dentro de seis meses, de acôrdo com os contratos, ficará completo o estádio de futebol pròpriamente dito. Já foram iniciadas as obras de substituição do degrau de madeira da arquibancada, no revestimento externo e interno da marquise e dos muros externos."

— "O melhor teste do estádio — disse-nos o engenheiro Mauro Coutinho — não foram os jogos da "Copa do Mundo", mas o arrancar das escoras de madeira da marquise, retiradas à valentona, às vésperas dos jogos da Copa do Mundo. As escoras eram amarradas em conjunto, e caminhões do Exército puxavam as correntes lá das gerais, e o madeirame desabava com tôda fôrça sôbre a arquibancada e nada acontecia. Êste estádio é mais duro do que rocha. Não se fêz economia de ferro, nem de cimento. Está mais firme que o Pão de Açúcar."

Estas são as originais rampas de acesso que levam o público da rua aos diversos lances de arquibancadas. Não exigem outro estôrço além do de andar.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 30 ★ 26-7-52

SUMÁRIO

REPORTAGENS

O Maracanã não balança nem cai (por Levy Kleiman) 3/ 6
Fogo do Conselho em Campinas (por Domingos de Lucca Júnior) 11/13
Dutta, o médico dos peixinhos 17/19
Assim nasceu a nação 27/29
Nem peito nem umbigo de fora (por Danilo Ramirez) 40/41
A revolução dos pincéis (por José Asmar) 46/49
Um livro que derrubou tronos (por Jean Galloti) 55/57

LITERATURA

Ouro vale sempre ouro? (por Renato de Alencar) 7
O Pequeno Conto (por Géo William) .. 8
Homem ao mar (por Roland Dorgelès) 23
Coincidência (por Edgard de Sousa Machado) 26
Semana Literária (por Edmundo Lys) .. 20/21

SEÇÕES PERMANENTES

A semana em revista 8/ 9
A personagem da semana (Lucas Nogueira Garcez) 9
Lido... Visto... Ouvido... (por Jim) 14/15
Passatempo (por Renato Cartaxo) 45
Puxe pelo cérebro 44
A Revista há 50 anos 16

FOLHETINS

Aventuras do Capitão Rob 32/33
Filho, meu filho 42/43

ROMANCE

Um príncipe em minha vida (Michel Davet) 24/25

FEMININAS

Uma sugestão 35
Um estilo jovem 36/37
Casamento 39
Matar (por Isolete) 44
Rotina de beleza 45
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) . 50
À luz da psicanálise (Dr. Luiz Fraga) .. 51

VARIEDADE

A morte trágica de Mireille 30/31

CARICATURA

Êste mundo e o outro (Darcy) 10

NA CAPA:

Peggy Dow (Foto RKO)

OURO VALE SEMPRE OURO?



O homem começou a sofrer, a torturar-se, a ser infeliz, quando a fatalidade social converteu o ouro no pomo apetitoso da opulência e do poder. Por êle, tronos se destruíram; com êle, os mais terríveis crimes se deram; em face dêle, as consciências se denigrem, o direito se posterga, a mentira alça o colo impudente, encarceram-se os honestos, premiam-se os delinqüentes, despreza-se uma Cornélia e se exalta uma Chica da Silva, deprime-se a virtude e se galardeia o crime. **Auri sacra fames**, é uma voz eterna, como a eternidade da própria vida. Possuir ouro, ouro em abundância, é tornar-se rico, opulento, poderoso, respeitado, ter sob os pés a bajulação cortesã e a vassalagem dos adoradores do metal precioso. Até Deus ao sopé do Sinai, viu seu culto substituído pela adoração de um bezerro de ouro. E quando Moisés descia da montanha misericordiosa trazendo sob o braço as Tábuas da Salvação humana, o ouro já contaminava todos os seus rebanhos, como as sete pragas do Egito na chaga moral dos falsificadores da Fé. O Brasil já foi um dos mais movimentados cenários da conquista do ouro. A metrópole lusitana tinha sêde de ouro, e com êle deslumbrava as côrtes da Europa, construía monumentos religiosos alicerçados com toneladas das batéias de Minas, de Mato Grosso e da Bahia, enchendo caravelas como se fôsse areia da praia. E foi êsse ouro que provocou a Inconfidência Mineira e despertou a cobiça dos flibusteiros para a imensa riqueza do Brasil. Nosso país, entrando na seara da produção que dá solidez e felicidade, — a agrícola e a industrial — foi esquecendo-se da ganância nutrida pelas grupiaras. De quando em quando surge um episódio semelhante àqueles dos séculos da colonização. E enorme afluxo de aventureiros deriva como caudal humano até aos filões aluvionais do metal enganoso e pérfido. E' o que se dá agora com o ouro do Amapá. Cem quilos de ouro de aluvião foram colhidos num semestre de 1951. E ouro de elevadíssimo teor. Quando as notícias tomaram vulto, até do estrangeiro começaram a correr até às regiões inóspitas e pestilentas do Jari e do Paru, levas de gente, ávidas de riqueza fácil, colhida à flor da terra que é dadivosa mesmo sem ser preciso plantar... E o ouro está torturando milhares de pessoas daqui e de fora, tôdas de língua de fora subindo os declives da montanha fugidia do novo El-Dorado. Mas se trata de aluvião, de ouro disperso pela erosão do solo, desbaratado pelo tempo, não constituindo pròpriamente nenhuma **riqueza**, e sim ilusão de falaz opulência. Repetem-se os sonhos de Fernão Dias Pais e de Borba Gato, e muitas desilusões plasmadas pela crueldade dos espíritos gananciosos, hão de lastrear de cruzes tôscas, à beira dos pântanos povoados de piuns, o túmulo dos que buscam a felicidade da vida na infelicidade da sêde do ouro. Nem sempre ouro vale **sempre** ouro. O ouro que jamais perde o seu valor é o que é conquistado sem o veneno da ganância, da sofreguidão traiçoeira. Se dessa corrida em busca do Amapá verificar-se a fixação do homem ao solo para as conquistas do trabalho fecundo, bendigamos as pepitas e os aventureiros vorazes; mas, se depois dêsse drama só restarem alguns "capangueiros" enriquecidos com a desgraça das vítimas de tais miragens, que não mais esqueçamos a lição dos séculos.

RENATO DE ALENCAR

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na Capital a cargo da Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569

Diretor: **GRATULIANO BRITO**

Redator-Chefe de Publicidade: **J. M. COSTA JÚNIOR**

Paginação de **VICTOR TAPAJÓS**

Desenhos de **ALBERTO LIMA**

A decana das revirtas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. — Êste número tem 60 páginas.

PEQUENO CONTO

VOCÊ ME ENVERGONHA!

Por GEO WILLIAM



TRUBOLD Andersen era um gigante aloirado que jamais experimentara a sua fôrça no trabalho. Quer dizer que jamais experimentara o "pesado", pois que trabalhar já trabalhara muito, arrombando portas e janelas, gavetas e repositórios e, alguma vez, mas não muitas, um cofre. Agora, com o filho já crescido, se julgava em condições de tirar prolongadas férias e abandonar, definitivamente, sua vida de riscos e aventuras. Nutrira aquêle rapagão durante 18 anos e depositava, agora, nêle, tôdas as suas esperanças. Deveria ser digno filho de semelhante pai... Trubold apenas desejava poder viver de barriga para o ar, ter o seu fumo predileto para alimentar o cachimbo enegrecido pelo uso e poder beber copiosamente a loira cerveja, uma de suas fraquezas nesta vida. Witold crescera num ambiente de ociosidade, de vagabundagem pelas ruas do bairro, de brigas e conflitos com os moços de sua idade. Conhecia tôdas as delegacias e prisões das imediações, por ter ido centenas de vêzes visitar o pai recluso, levando-lhe fumo e recados. Conhecia todos os policiais, todos os secretas, todos os delatores e, sobretudo, conhecia mil formas para abrir uma porta ou uma janela. Tinha tido ótimo professor e agora, lançado oficialmente, deveria substituir o genitor, continuando na nobre arte que tinha, em sua família, raízes profundas. Deveria manter a tradição e honrar o brasão que cruzava em pé-de-cabra com a chave falsa...

●

Tinha chegado sua primeira noite de trabalho. Recomendações não faltaram. Sobraram até. Nada de penetrar em casas de pequenos-burgueses, êsses que amealham os cobres nas caixas econômicas ou em Bancos. Procurasse mansão senhorial. Um bom golpe valia por vinte outros de menor importância. Significava semanas de descanso e semanas de descanso significavam, por sua vez, lazer e diversões..

Tudo correu bem: forçou a porta dos fundos, penetrou no labirinto da casa silenciosa, alcançou o quarto da madama e carregou, nervoso por ser principiante, a caixa onde deveriam estar as jóias.

Sem dar pela coisa, realizara um dos maiores roubos da história de sua terra. Conseguira carregar com as jóias da baronesa Lindorf, essas jóias que os melhores larápios tinham tentado surripiar. Não tropeçara em nenhum dos mil sinais de alarma. Não despertara o menor eco na grande mansão. Não chamara a atenção do faro finíssimo dos mastins rondando pelo parque. Nada! Entrara e saíra sobraçando a caixa algo pesada.

●

— Aqui está, pai...

As gemas rutilantes sob o revérbero do lampião a querozene cintilaram, ofuscando por um minuto os olhos ávidos de Trubold. Havia diamantes, safiras, esmeraldas, rubis, topázios, pérolas. Uma fortuna! Meio milhão de florins que, além fronteira, se reduziriam à metade, mas assim mesmo numa fortuna para o resto dos dias dos Andersen.

Trubold, após ter calculado o valor daquele maná, fechou o cenho e, virando-se para o filho, explodiu:

— Você me envergonha!

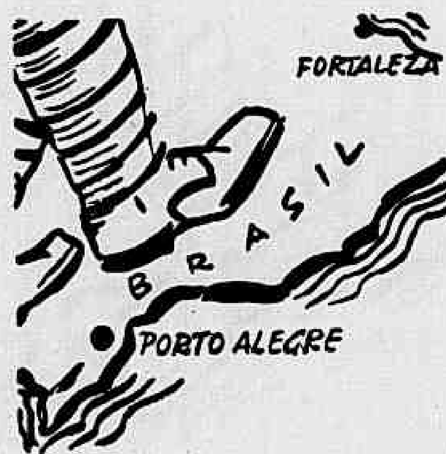
— ???

— Pois é... Em vinte anos de "trabalho" nem sequer consegui juntar a centésima parte disso tudo e agora, você, um fedelho, dá um quinau no velho pai! Francamente, estou envergonhado...

A Semana

Gauchos e Cearenses

FAZ poucos dias chegaram a esta capital quatro andarilhos gaúchos, Hyoda da Fontoura Pontes, Olmiro Pereira, Jaime Bittencourt e Paulo Krauthein. São todos muito jovens e estão empreendendo uma viagem a pé, de Pôrto Alegre a Fortaleza, capital do Ceará. O motivo é pagar a visita que fêz ao Rio Grande a jangada dos pescadores da terra de Iracema. Como os gaúchos não têm dessas embarcações, resolveram ir a pé. Quanto tempo levarão se não houver contratempos sérios ou desistência? Até ao fim do ano esperam chegar a Fortaleza. Narrando a jornais os primeiros percalços de sua travessia fraternal, explicaram êles que foram muito bem recebidos pelo Prefeito de Lajes, Santa Catarina, o qual os auxiliou muito. Mas o mesmo não se deu com o Prefeito de Ourinhos, São Paulo, que nem os quis receber. Resultado: tiveram que vender até peças de roupa a fim de pagar o hotel. Também já foram assaltados, mas reagiram a facão e afugentaram os malfeitores. As Prefeituras por êsse Brasil grande e despovoado deviam receber com mais simpatia os andarilhos do Rio Grande. O motivo que os leva ao Ceará é até comovente e até hoje inédito. Achamos até que o próprio Ministério da Educação podia interessar-se por êles, fornecendo-lhes quesitos para preencherem e, de volta, fornecer dados úteis ao país, de acôrdo com as suas observações. A audácia dêsses jovens merece mais atenção dos poderes públicos.



As ruas do Rio

O progresso avança e as ruas ficam. Muitas vêzes ficam velhas, atestando decadência; outras, se renovam, alargam-se dando mais espaço ao homem e seus veículos. Mas, nem sempre sucede assim. Uma cidade já velhinha como esta, com tanta coisa dos séculos passados, não pode transformar-se com a mesma facilidade com que mandamos pregar novo colarinho tirando-o da fralda da camisa. Mas, pouco a pouco, as autoridades que dirigem os municípios vão acertando os furos e consertando o que anda torto. Agora mesmo vai a Prefeitura tomar providências contra certos abusos dos senhores construtores, que, em desacôrdo com as leis e regulamentos em vigor, colocam materiais nas vias públicas, impedindo o trânsito dos pedestres, forçando-os a descer ao leito das ruas, com risco de ficar sem uma perna. Montes de madeira, tijolos, pedra, cimento e até máquinas são vistos sôbre os passeios em frente a construções. O engenheiro Alim Pedro, secretário geral de Viação e Obras da Prefeitura, já baixou severa ordem de serviço visando a melhor fiscalização, conforme dispõe o Código de Obras. Todo infrator que fôr apanhado em falta será multado, enquanto os caminhões da Prefeitura tratarão de ir removendo os entulhos e os materiais para seus domínios. Além disso, precisa a Prefeitura agir contra os buracos da cidade, as falhas dos passeios, muitas vêzes causadores de acidentes, alguns graves.



Em Revista

É preciso saber português

O diretor da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará, prof. Lauro Antunes de Magalhães, comunicou ao Ministro da Educação e Saúde haver a Congregação daquele estabelecimento de ensino superior homologado a inclusão de prova escrita de português no concurso de habilitação à matrícula na primeira série do curso médico da mesma Faculdade, nos têrmos da resolução do respectivo Conselho Técnico. Esta é uma notícia que nos vem de Belém, capital do Pará, e que foi divulgada pela imprensa carioca. Pelo que vemos também lá no Pará os ginasianos que procuram ingressar nos cursos superiores estão fraquinhos em matéria de português. Isso é uma notícia alarmante. Quando uma nação começa a desprezar sua própria língua, esquecendo-se de seus preceitos, de sua sintaxe e da maneira correta de grafar as palavras, é sinal que está em decomposição. Nenhum povo consciente de suas responsabilidades pode desprezar sua língua materna. O vernáculo, como idioma vivo, pode modificar-se, receber novos vocábulos por importação, adaptação, ou criação de seus filólogos por meio de neologismos; mas ninguém pode afastar-se da ciência da linguagem, se quer que a pátria continue forte e unida. Não há mais belo vínculo de nacionalização do que a língua pátria. Nas regiões mais afastadas pode haver diferenciações locais; mas a estrutura é uma só. Se a nossa mocidade estudiosa desaprende a própria língua, que futuro esperará o Brasil?

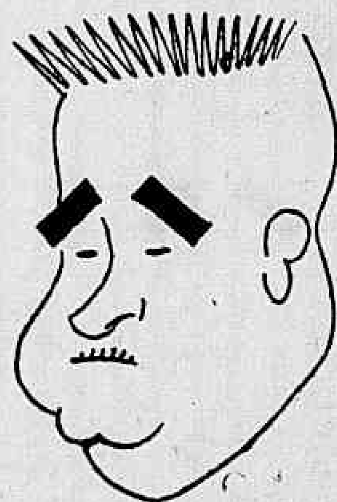


Lagoa do Sacopã

É êste o nome tradicional da atual Rodrigo de Freitas. Também era conhecida por Lagoa das Garças, quando havia garças na lagoa. O prof. Roquete Pinto, homem de vasta e sólida cultura, conhecedor dos nossos topônimos, acha que não há razão nenhuma para dar-se à bela lagoa entre a montanha e o mar, o nome de Rodrigo de Freitas. Quem foi êsse cidadão? A gente vai aos dicionários biográficos, ou às biografias dos léxicos e não acha nem traço dêsse senhor Rodrigo. Vem o prof. Roquete Pinto em nosso auxílio e explica: "Rodrigo de Freitas foi um comerciante português que possuiu um engenho de açúcar à margem daquela lagoa. Depois de enriquecer ali, retirou-se para sua terra levando todos os seus cabedais convertidos em moeda sonante, jóias e outras coisas, ali morrendo". Diz mais o prof. Roquete Pinto, que o tal Rodrigo de Freitas nunca foi um benemérito do lugar, nada havendo que justifique a homenagem ao seu nome. Vemos, por êsse testemunho, que sucedeu com Rodrigo de Freitas o que se dá com o Largo do Machado. Nesse local morava um açougueiro lusitano, de nome Machado. E o largo ficou com o seu nome, de forma tão arraigada, que nem mesmo o Duque de Caxias conseguiu desbancá-lo... Lagoa Rodrigo de Freitas está consagrado pelo povo; mas votamos pelo de Sacopã, nome indígena, legítimo tamoio, uma corruptela de Sacopeipan. E é aproveitar a "chance" de crime do citroen negro, também conhecido por Crime de Sacopã. Dois crimes numa só história...



A PERSONAGEM DA SEMANA



Sr. Lucas Garcez

PELA sua importância econômica na comunhão federativa do país, desde que o café se tornou a coluna vertebral de nosso progresso através da exportação, colocou-se o Estado de S. Paulo à vanguarda de todos os seus irmãos da República, e, por isso, sua influência política cresceu cada vez mais. O fenômeno veio confirmar o velho conceito de que, "quem dispõe do poder econômico, dispõe do poder político". Com a recente visita do Sr. Presidente da República à terra bandeirante, projetou-se com repercussão de sensacionalismo político o nome do Sr. Governador Lucas Garcez, avultando os comentários sôbre novos panoramas em tôrno da organização administrativa do país. O motivo da ida do Sr. Getúlio Vargas a S. Paulo fôra o de inaugurar uma exposição e obras da refinaria do Cubatão; entretanto, segundo comentaristas e observadores políticos, teriam sido tratados assuntos relativos a uma próxima reforma ministerial, com a escolha de mais dois secretários de Estado saídos de S. Paulo. Já possui êsse Estado os ministros da Fazenda e da Viação, passando agora a ter mais dois, que ocupariam pastas ainda não bem determinados. E' de tal maneira prestigiada a posição do atual chefe do Executivo paulista na política federal, que andou em curso a suposição de que assuntos mais importantes foram tratados entre êle e o Sr. Presidente da República, como seja o de ir-se planeando o nome do Sr. Lucas Nogueira Garcez para o possível sucessor do atual chefe da Nação. O caso não teve maior evidência, pelo fato de estar em excursão pela Europa o Sr. Ademar de Barros, o qual não teve oportunidade de expender sua opinião a tal respeito, o que, se fizesse, provocaria maior amplitude na seara da política e das competições partidárias. Seja como fôr, o nome do Sr. Lucas Garcez estêve na maior evidência na semana que passou, para êle convergindo as atenções de tôdas as correntes partidárias, atraindo o interêsse público que não pode dissociar-se de acontecimentos de tamanha relevância como o que assinalou a última visita presidencial ao Estado de S. Paulo. Em tudo isso, porém, é digno de louvor a discrição do Sr. Lucas Garcez, cujo senso político e equilíbrio de atitudes têm contribuído para que o seu nome se mantenha numa situação bem interessante no ambiente nacional.



MASSAS AYMORÉ

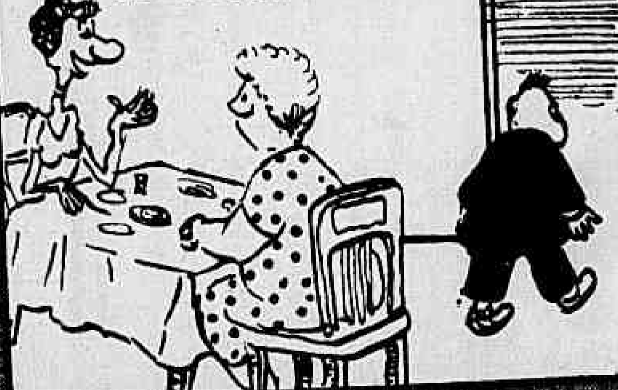
"A MASSA QUE O POVO EM MASSA EXIGE"

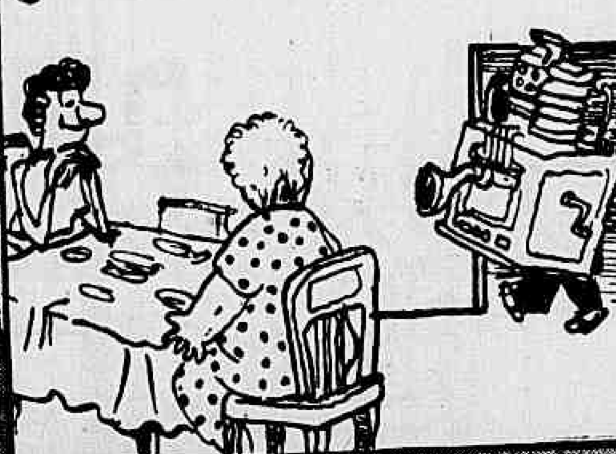
ESTE MUNDO E O OUTRO

OH! OS INVENTORES

Criação de DARCY

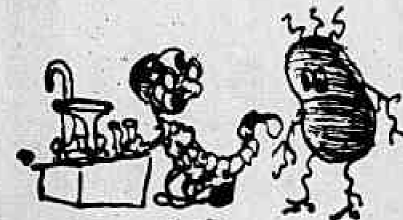








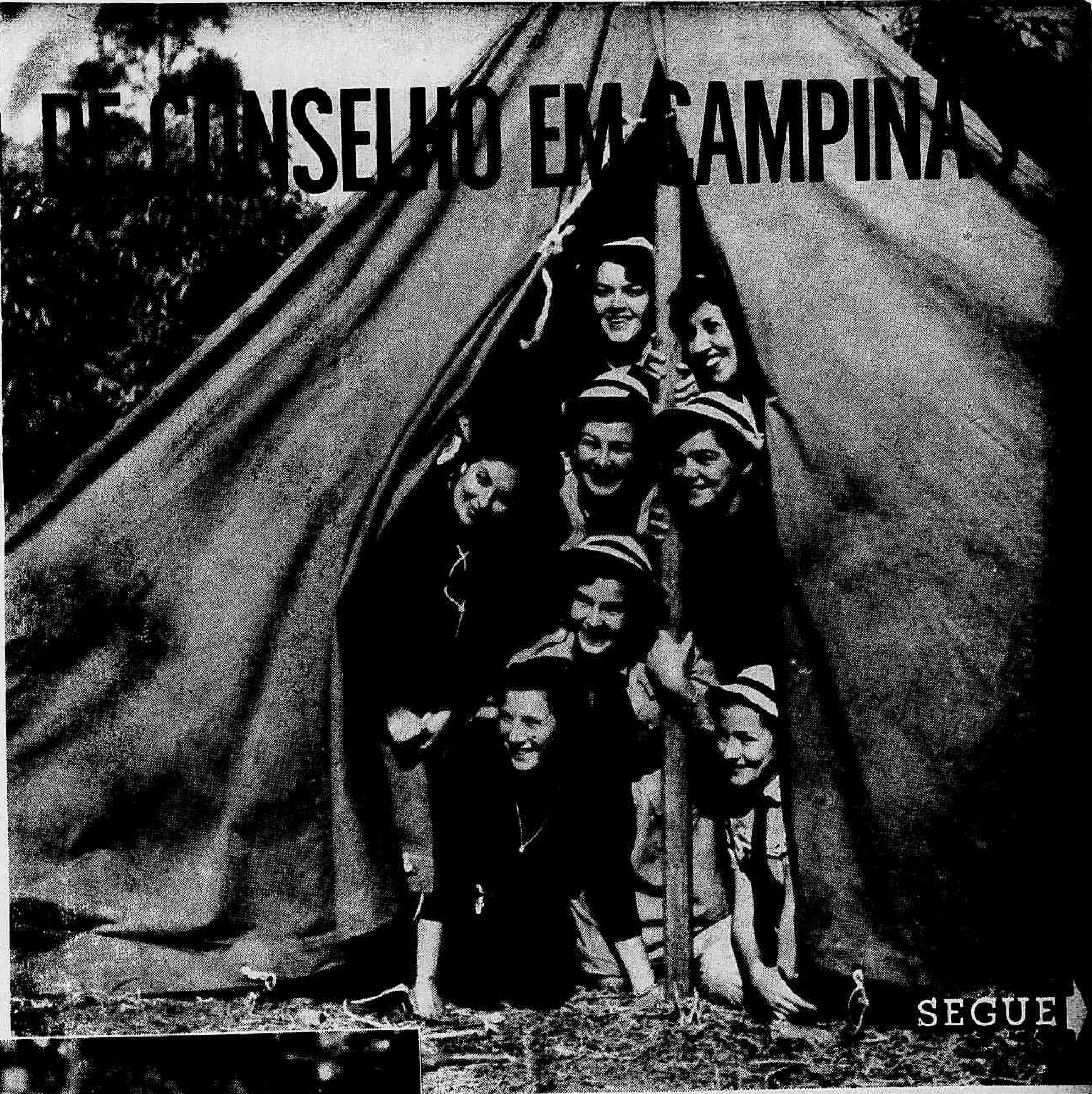








FOGO DE CONSELHO EM CAMPINAS



O Brasil unido, em Campinas, pelas ações das Bandeirantes, que, durante dez dias, ficaram acampadas na Fazenda Mato Dentro: Preparando a "bóia" — não faltam os legumes, o macarrão ou o leite. Boa comida, moças fortes e alegres.

SEGUE



O BOM SAMARITANO FOI PARA O SACOPÃ ★ MISSES, BERGAMOTAS, ATÍLIOS E CARPINS CAUSAM CONFUSÃO NA FAZENDA «MATO DENTRO» ★ ARMARAM AS BARRACAS, CORTARAM LENHA E DEIXARAM SAUDADES ★ HOJE HÁ CINZAS E A LEMBRANÇA DA ALGAZARRA ★ ONDE ESTÃO AS ANDORINHAS?

Texto de DOMINGOS DE LUCCA JÚNIOR — **Fotos de DARIO TERINI**

FAZENDA Mato Dentro, Campinas, Estado de S. Paulo, julho — Verdade é que onde há mulher, via de regra, há confusão, há tumulto. Por mais dócil, por mais meiga, por mais linda e reservada que ela seja, acaba provocando tumulto. Imagine, pois, o leitor, o que seja a confusão alegre provocada por 147 garôtas, vindas dos mais diferentes pontos do Brasil, para armar suas barracas nesta fazenda aprazível e calma, que o Instituto Biológico mantém, para estudos experimentais.

Campinas, sem dúvida, é cidade grande. Contudo, não houve campineiro que não saísse à rua, naquela manhã em que a cidade nem bem despertara de um mal dormido sono de inverno, a fim de verificar qual o motivo daquela barulheira, daquelas sirenes estridentes, daquele buzinar ininterrupto. Cortando a cidade, ràpidamente, viaturas do Exército conduziam Bandeirantes que, com as vozes cristalinas e juvenis, enchiam a manhã de novidade.

Os semáforos apagaram, os guardas deram-lhe prioridade, o povo saudou-as e, por minutos, Campinas voltou a ser a cidade das andorinhas, que, há anos, mudaram de rumo e abandonaram os forros dos seus casarões antigos.

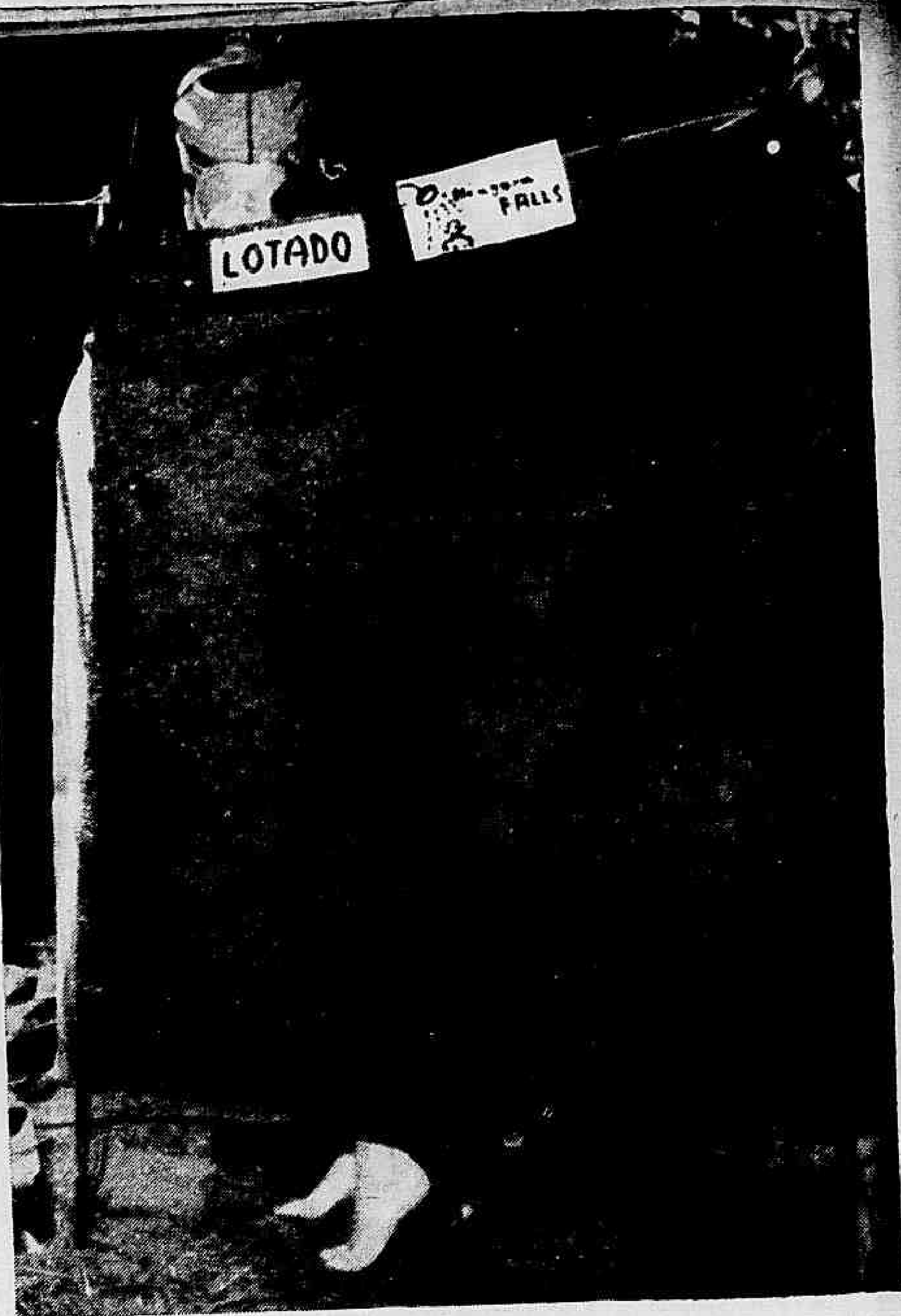
★

Eram 147. Vinham do Rio, do Estado do Rio, de Minas, da Bahia, de Pernambuco, da Paraíba, do Rio Grande do Sul, de São Paulo e do Pará, mas não podiam ser distinguidas. Haviam trocado os uniformes escolares,

FOGO DE CONSELHO EM CAMPINAS



Dormem dentro de "sleeps", cerrados com fecho eclair, usando o máximo de roupa. Antes de deitar, elas se arrumam direitinho, pois isso faz parte da higiene.



Apesar do frio das matas de Campinas não ser brincadeira e de estarem num acampamento, funciona o "Niagara Falls", chuveiro de lona e regador. Tá?

os aventais de enfermeiras, os vestidos de sêda, por singelos uniformes escolares, os aventais de enfermeiras, os vestidos de sêda, por singelos uniformes azuis; os casacos de lã e os "petit-gris" por capas de casemira pesada; as "menodiéres" elegantes pelas mochilas; as canetas de ouro por pás e picaretas.

Os rapazes, à beira das calçadas, davam assobios coiós, enquanto as mocinhas comentavam que lugar de mulher era em casa. Os senhores de idade lembravam-se de passagens da juventude, enquanto as vovòzinhas suspiravam de leve: "Oh!, se no meu tempo tivesse disso..."

E elas seguiam satisfeitas, cantando com voz bonita e firme, admirando a cidade grande do interior paulista, juncada de linhas de bondes, salpicada de lindas vivendas, de indústrias e edifícios. Era um mundo novo, para as meninas do Rio, de Pernambuco, da Bahia, do Pará, uma surprêsa agradável.

Rumaram diretamente para a fazenda Mato Dentro. Chegaram, quebraram o silêncio das colinas e dos campos, abriram fossas, cortaram lenha, fincaram as estacas, armaram barracas, estiraram os "sleeps", que as abrigaria do severo inverno campineiro, armaram banheiras de lona, cujos chuveiros eram regadores, e iniciaram a arrumação das peças íntimas.

Foi o clímax da confusão. Era o momento do contato de todo dia, com companheiras de Estados diferentes, onde os costumes e o linguajar diversificavam, não deixando, mesmo, que elas se entendessem perfeitamente.

A baianinha insinuante, tostada de sol e lembrando as tardes gostosas de Itapoã e Abaeté, com ares de segrêdo, perguntou à paulistana ingênua:

— Prima, ó prima, trouxeste o teu atílio?

— Atílio?! — fêz admirada a paulista. — Mas... homem no acampamento?

E só quando a filha da Barra explicou que atílio eram ligas femininas é que a coisa se aclarou.

(Cont. na pág. 54)



À noitinha, cantam músicas regionais, lembrando os torrões distantes. Flagrante agradável das Bandeirantes de todos os Estados, unidas no mesmo amor ao Brasil.



Elas trocaram os vestidos de sêda pelas fardas de brim, as meias de seda por carpins ... so quetes ... os sapatos de salto alto por botinas os "batons" por facas de mato. Tudo O.K.



LIDO... VISTO...

Como êles se defendem...



PLAGIANDO O ROMANCE

UMA NOVA LADY CHATTERLEY

A vida copia o romance, escreveu Wilde, e pensaram que era "humour"... Mas um patrício seu e uma patrícia sua em todos os sentidos — pois patrícia, em Roma, significa a gente pertencer à nobreza, acaba de mostrar que o autor de "Dorian Gray" tinha razão.

● O romance copiado pela vida foi o de D. H. Lawrence, o famoso "O Amante de Lady Chatterley". Até o nome do protagonista real, já parece uma predestinação: Woodward — quer dizer guarda campestre, e além disso Raymond Woodward, o mocinho desta história real, era mesmo guarda campestre, como o célebre latagão que virou a cabeça de Lady Chatterley. Tudo parece mesmo um escandaloso plágio da vida. Angela Barrat, linda e de 26 anos, é filha de um alto magistrado inglês, uma ex-debutante na côrte do Rei Jorge VI, a quem havia sido apresentada no ano passado. Pouco tempo depois tomava parte numa daquelas célebres caçadas reais, que andam espalhadas pelo mundo em sem número de gravuras e postais. O "party" era no Condado de Diddlelburry, onde o pai da jovem possui opulenta propriedade. O cavalo de Miss Barrat tropeça e torce o tornozelo. Angela entra, então, na fazenda mais próxima a pedir auxílio. Um rapagão ordenhava uma vaca. Era Raymond, forte, robusto, um rude "gostosão" de 23 anos, não um grã-fino, mas... um guarda campestre, como o de Lady Chatterley. Entreolharam-se os dois... e é "coup de foudre"...

Durante dois anos, os dois... uma cabana... e a vida plagiando o romance de Lawrence. Depois, a confissão, o pai furioso, o perdão, um "happy end" de "best-seller": ambos foram morar na Austrália, numa fazenda que o velho deu, longe da rígida côrte inglêsa.

A CARICATURA



"SIMILIA, SIMILIBUS, CURANTUR"...

O médico ao doente de cleptomania:

— Vou fazer-lhe um tratamentozinho homeopático...

QUEM DISSE ISTO?

QUEM DISSE ISTO?

21 "Esta não é a República de meus sonhos".

22 "Não faz amigos quem não tem um inimigo".

23 "Na origem de tôdas as grandes fortunas há coisas que fazem tremer".

24 "Estamos condenados à civilização: ou progredimos ou desaparecemos".

25 "Não sigais a multidão!"

RESPOSTA ÀS ÚLTIMAS:

16 — *Frase de John Bright num discurso político, em Birmingham, em 1865, que se vulgarizou;* 17 — *Frase pessimista de Simon Bolivar, em momento de desânimo;* 18 — *Palavras heróicas do general Gurjão, ao morrer na ponte de Itororó;* 19 — *Foi Voltaire, num conselho salutar dado num de seus Discursos;* 20 — *La Bruyère no seu célebre "Les Caractères".*

OUVIDO...

ONTEM, HOJE, AMANHÃ...

...de ...chapéu...



POUCAS... E BOAS...

● PACIFISTA

Bertrand **Russel**, o **famoso** filósofo, autor da "Filosofia da **Vida**", **prêmio** Nobel da Paz, poucos dias depois de **haver completado** 80 anos, pediu divórcio pela terceira **vez**...

Com essa idade, com tôda aquela filosofia da vida, êsse campeão da paz universal parece não ter conseguido nunca a paz dentro de casa. Ou dirá êle que faz isso mesmo para estar em paz?

● "EU TE AMAREI SEMPRE"...

Tudo é bem organizado nos **Estados Unidos**. Até para os combatentes na Coréia existe um "Serviço Especial de Compras", através do qual os "boys" podem fazer à vontade suas encomendas e mandá-las entregar às "boas"... No último Natal "O Serviço Especial de Compras para o Natal", organização do Exército americano, recebeu uma ordem de um pracinha "do outro mundo"... isto é... das Arábias e foi cumprida à risca... Êle encomendou oito bôlsas para senhoras, iguaizinhas, de acôrdo com o catálogo, e deu instruções para serem enviadas a oito pequenas diferentes, na América do Norte, tôdas com êste cartãozinho junto: — "Eu te amarei sempre"...

● A BALEIA E A TARTARUGA

Pagar impôsto é dever, mas é de ver (com perdão do trocadilho) que às vêzes encontra "curto" quem precisa ter o dever cumprido... Era o caso de Mr. Patric Wales (Patrício Baleia), que não tinha com que pagar seus impostos municipais... em Atenas (excuzes du peu) lá mesmo nos Estados Unidos.

Mas Mr. Baleia (isto é, Mr. Wales) possuía uma enorme tartaruga em seu quintal e propôs pagar os impostos com a tartaruga.

A Prefeitura ateniense... (êsses americanos...) aceitou, avaliou a tartaruga e ainda deu uns trocos ao original contribuinte. E a tartaruga foi para o Jardim Zoológico da Prefeitura. Tudo prático. Viram? Por que v. não propõe pagar ao Vital o seu impôsto predial com uma sucuri?

ESTRANGEIRA



"O CRIME PERFEITO"

— Fique com o seu livro. Afinal de que me serviu êle?

RESPONDA ESTAS:

21 **Que foi e onde foi o "Mata-Bicudo"?**

22 **Qual foi a bebida mais cara que alguém já tomou neste mundo?**

23 **A água é alimento?**

24 **Quem escreveu "O Reino da Estupidez"?**

25 **De onde vem a expressão "saber de cor"?**

RESPOSTA ÀS ÚLTIMAS:

16 — *Em Maricota (perto de Goiana), em 30 de Novembro de 1848, quando os revolucionários de Pernambuco são batidos pelo coronel José Vicente do Amorim Bezerra;* 17 — *Desde* 1877; 18 — *Afonso Augusto Moreira Pena;* 19 — *Uma simples combinação de letras, feita por George Eastmen, começando e acabando pela letra K, que era a sua favorita;* 20 — *As mesmas sete dos mamíferos, porém, mais longas.*

A REVISTA HÁ 50 ANOS

(27 de julho de 1902)

CRÔNICA

CONTINUA a Réjane a deliciar os freqüentadores da nossa cena aristocrática; na Câmara dos Deputados, instituição absolutamente desertada pelo público, vozes muito republicanas e muito arrependidas bordam glosas mais ou menos opiáceas sôbre o conhecido mote "Não é esta a república que eu sonhava!" A polícia insiste em justificar os apodos de barbárie com que o estrangeiro, de tempos a tempos, nos mimoseia. Prolifera a criminalidade. E' sempre Presidente da República o Sr. Dr. Manuel Ferraz de Campos Sales. Ainda não foi desagravada a honra nacional no caso Palhares. Tivemos alguns dias lindíssimos, de azul claro e sol tépido. Abriu com grande concorrência a Exposição de Arte Portuguêsa, promovida pela Sociedade Nacional de Benas Artes, de Lisboa. Mas todos os assuntos, alegres ou trágicos, repugnantes ou sugestivos, devem ser preteridos pela homenagem prestada ao venerando Sr. Visconde de Barbacena, ato de estrita justiça cujo valor é centuplicado pela escassez sempre crescente dessa moeda na consciência nacional.

A enternecedora romaria de domingo último honra sobretudo os seus promotores. O festejado dispensava-a, pois o seu patrimônio ao conceito da posteridade já entrou de há muito na posse de quem tem de julgar-lhe a memória. Êsse homem é, ainda em vida, uma das mais puras glórias da sua pátria. Cem anos de existência ilibada na nevrose americana atestam uma têmpera moral excepcionalmente rija. E' raro, cada dia mais raro, êste fenômeno consolador e salutar. Os de hoje desfazem em uma hora mais do que êsse velho respeitável fêz em três quartos de século de serviços prestados ao seu país. À atividade que construía, sucedeu a que tudo procura demolir. Ao trabalho miudinho e perseverante dos artífices de nacionalidades a obra ímpia e desalmada dos iconoclastas. Parece, entretanto, para honra nossa, que, nos últimos tempos, uma reação vizinha do remorso nos desvia o olhar para o passado, onde dormem no eterno descanso tantas criaturas cuja bondade e pureza excelsas igualavam o desinteressado civismo.

As cruéis lições do presente para alguma coisa têm servido. Oxalá o exemplo aproveite e frutifique para honra e proveito de todos nós. Pode sem receio afirmar-se que a grandeza de uma civilização se afere pelo culto que ela presta aos que em seu seio se distinguiram pela inteligência associada à virtude. Sem êsse culto não há povos mas simples tribos à mercê da primeira mão forte que delibere empolgá-las. A história é o mais resistente e intransponível dos baluartes, a mais rude barreira oposta ao invasor. Perante um passado glorioso, a mais descaroável cobiça hesita, titubeia e as mais das vêzes recua. Ora, até há pouco tempo, a ingratidão, a mais negra ingratidão, era o signo indelével do nosso atraso. Ao leão moribundo não faltava nunca o coice do onagro e para a velhice alquebrada de serviços o desdém e o esquecimento eram moda corrente. Uma genealogia ilustre, uma fôlha de serviços copiosa e ilibada não constituíam capital de onde fluíssem juros. Na luta pela vida, na febre vital do momento, no anarquismo da ambição, um inválido era fatalmente um inútil e, como tal, condenado à indiferença impiedosa. "Para que... se para nada serves?" bradava o estômago da coletividade, síntese de alguns milhões de egoísmos; e eis por que, à míngua de solidariedade moral, a nacionalidade se desagregava pouco a pouco. A homenagem prestada ao venerando Visconde de Barbacena, a êsse caráter inteiriço, digno descendente de uma das mais ilustres linhagens do Brasil colônia, foi a nota vibrante de semana finda, pelo menos a que mais fêz vibrar os nervos do cronista. — JACQUES BONHOMME.

O FEMINISMO NA NORUEGA



A famosa atriz da Comédie Française, muito aplaudida aqui no Rio, no II ato da "Casa de Boneca".

DE um interessantíssimo artigo de uma senhora norueguesa, publicado na "Revue" sôbre o movimento feminista, extraímos os seguintes períodos, que respeitosamente dedicamos às nossas leitoras: Na Noruega, as mulheres tomaram pela primeira vez uma parte ativa nas eleições municipais. Segundo a nova lei, todo norueguês do sexo masculino nasce, por assim dizer, eleitor municipal. Não lhe é exigido o pagamento de fôro algum. Eis aí um liberalismo sem dúvida excessivo. Para corrigir êsse defeito é que foi dado o eleitorado municipal a tôda a mulher norueguesa solteira, pagando um impôsto de 300 coroas no campo, e de 400 na cidade.

São também eleitoras tôdas as mulheres casadas cujo marido pague o impôsto de 300 ou 400 coroas. Duzentas mil mulheres na Noruega foram, dêste modo, promovidas à dignidade de eleitoras municipais. As eleições de Cristiania foram um verdadeiro acontecimento. Viam-se velhos acompanhando as suas velhinhas que vinham depor os seus votos na urna. Viam-se também donzelas tímidas, mas com um arzinho enérgico, que, ao cumprirem o seu primeiro ato de cidadãs, sorriam da sua própria timidez.

Mulheres de tôdas as classes tomaram parte nas eleições: operárias, burguezinhas, espôsas de negociantes riquíssimos. As norueguesas não são só eleitoras, mas também elegíveis nas eleições municipais. A municipalidade de Bodo elegeu já uma dama. Cristiania conta doravante duas conselheiras na sua assembléia municipal. O resultados das eleições municipais na Noruega é um evidente triunfo para o "feminismo".

UM NOVO KLONDYKE

● Um novo eldorado acaba de ser descoberto na Thunder Mountain, Estado de Idaho. As suas riquezas parecem exceder as do Klondyke e Clipple-Creet. Cinco mil aventureiros estão a caminho dêsse lugar privilegiado. A viagem é difícil e semeada de perigos, atravessando massas de neve de dez metros de espessura. Só de noite a viagem é possível. De dia, a camada de neve mais superficial derrete-se, pondo em risco iminente a vida dos viajantes.

O distrito abrange um milhão e quinhentos mil quilômetros quadrados. As amostras de quartzo aurífero ali colhidas representam 3.000 a 300.000 francos por tonelada, contando-se, entre elas, grandes blocos de ouro quase puro. Uns sessenta aventureiros adquiriram, por ato legal, a exploração de jazidas que devem render a cada um dêles dois milhões, pelo menos. Calcula-se que, dentro de dois meses, 50.000 pessoas tenham chegado ao local. Em tôda parte surgem novas cidades. Há mais de cem hotéis em construção. Os objetos de primeira necessidade custam um preço louco. Paga-se o toucinho a 25 francos a libra e a farinha a 200 francos os 50 quilos.

● O Papa recebeu há dias uma mulherzinha chamada Ana Maroni, que completara em outubro 100 anos. Na sua mocidade teve o prazer de fazer saltar muitas vêzes sôbre os joelhos o pequeno Gioacchino Pecci, que então contava quatro anos. A velhinha, que continuou sempre nas melhores relações com a família Pecci, recordou ao Papa diferentes episódios da sua infância, de que êle já se não lembrava. O Papa ofereceu-lhe um belo rosário de contas de sândalo. A veneranda velhinha conserva tôdas as suas faculdades físicas e mentais.

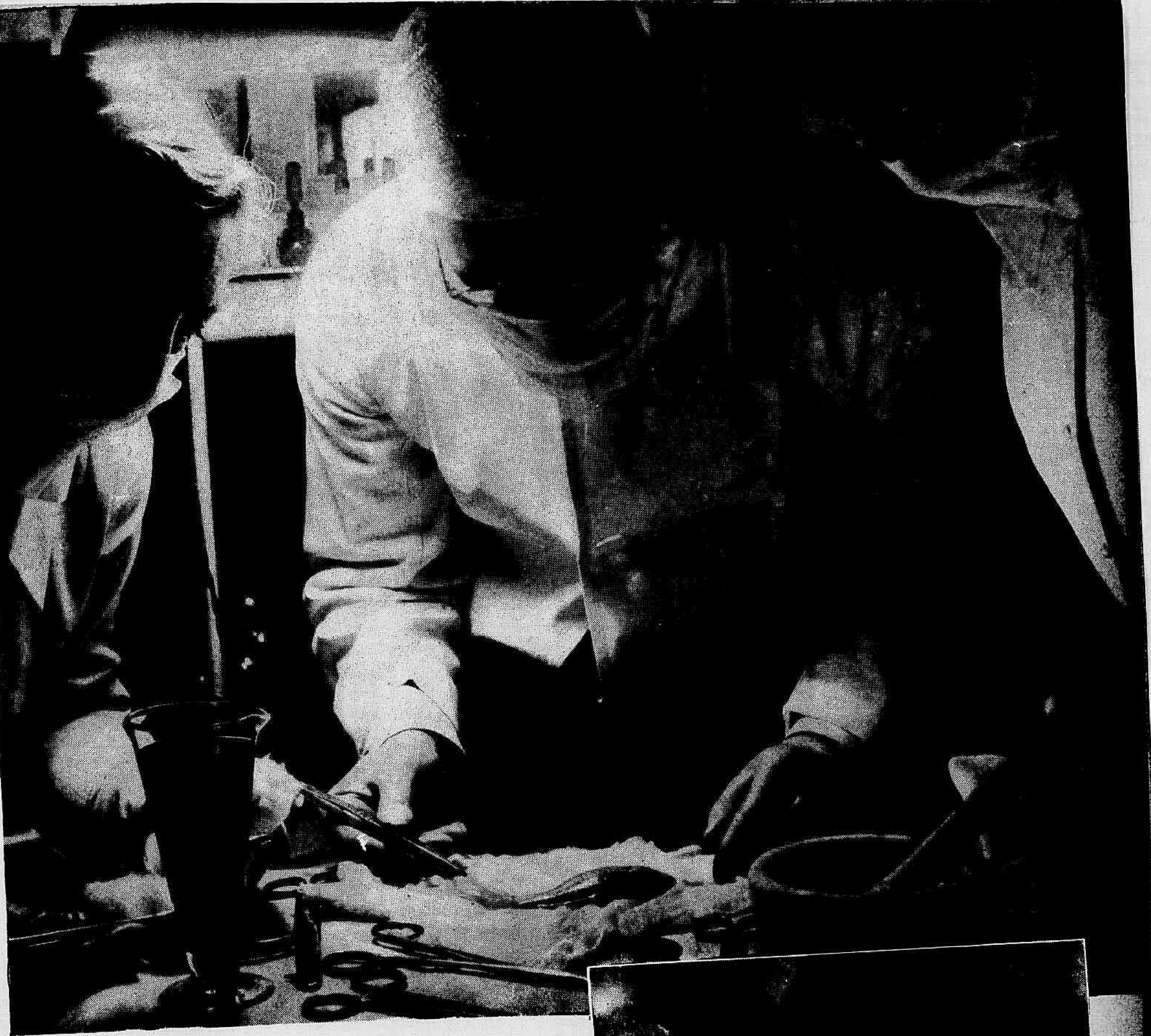


VISCONDE DE BARBACENA — completou o seu centenário natalício no dia 20 do corrente mês.

● *Uma opinião, a respeito de duelos:*

— Eu, pela minha parte, o único duelo que compreendo, é êste: dez passos de distância, uma pistola descarregada... e a outra, também.

● ***Quando ouvimos uma voz humana pedindo socorro, encontramos nela alguma cousa de imperativo, que nos subjuga e domina, a nosso pesar.***





Rex Dutta — célebre médico de peixes — e seus assistentes, diagnosticando um peixe oranda, com uma infestação de piolho de peixe; doença de olhos num peixe telescópio, é remediada pela passagem no ôlho de um pedaço de algodão com glicerina e iodina para remover a cegueira.

A CLÍNICA ★ AS DOENÇAS ★ MEDICAMENTOS ★ OPERAÇÕES ★ REGIME ALIMENTAR ★ LONGEVIDADE ★ CORRESPONDÊNCIA

(Fotos **INTERNATIONAL NEWS**)

DUTTA - O MÉDICO DOS PEIXINHOS

DUTTA—O MÉDICO DOS PEIXINHOS

A ciência médica, para peixinhos de estimação, está ganhando novos louros graças a Rex Dutta, e a seu hospital, único no gênero, em Baker Street, antigo lar de Sherlock Holmes.

Um amável veterano de Dunkerque, Dutta, se especializou nos problemas médicos e cirúrgicos dos tais bichinhos. Um tanto detective, êle próprio, pesquisou os mistérios de seus males e descobriu-lhes as curas.

Agora, seu estabelecimento, conhecido como "Tanques de Peixe", é uma meca para os peixes que necessitam de suas habilidades. Dutta conta entre seus pacientes, os peixes de notabilidades como sejam o Primeiro Ministro Winston Churchill e seu neto, e a famosa comediante Gracie Fields.

De tôdas as partes do mundo, cartas pedindo conselhos, chovem sôbre "Tanques de Peixe". De distâncias tais como da China e da Austrália, clientes embarcam seus peixes, por via aérea, para tratamento. Depois que Dutta diagnosticou-lhes os males, tratou-os e deu-lhes um período de repousante recuperação, os peixes são devolvidos a seus proprietários em excelentes condições.

Peixinhos de estimação, Dutta declara, deverão viver de 10 a 15 anos se forem convenientemente tratados. Para os aquários domésticos, recomenda — peixes cauda de leque, cauda em véu, oranda, telescópio e pimpão (shoebunkins), sendo que êsses últimos são os mais comuns e os mais econômicos. Menos de cinco cruzeiros alimentará uma dúzia de pimpões durante um mês ou mais.

O médico dos peixes fêz um exaustivo estudo das enfermidades a que está sujeita a vida submarina. As mais comuns são: hidropsia, mancha branca (uma forma de influenza de peixes), fungos, apodrecimento das caudas ou barbatanas, congestão das guelras, ganchos (uma irritação da pele), a perturbação da bexiga natatória. Dutta reivindica como sua a descoberta de uma cura quase infalível para a influenza dos peixes.

O homem com o estabelecimento na esquina

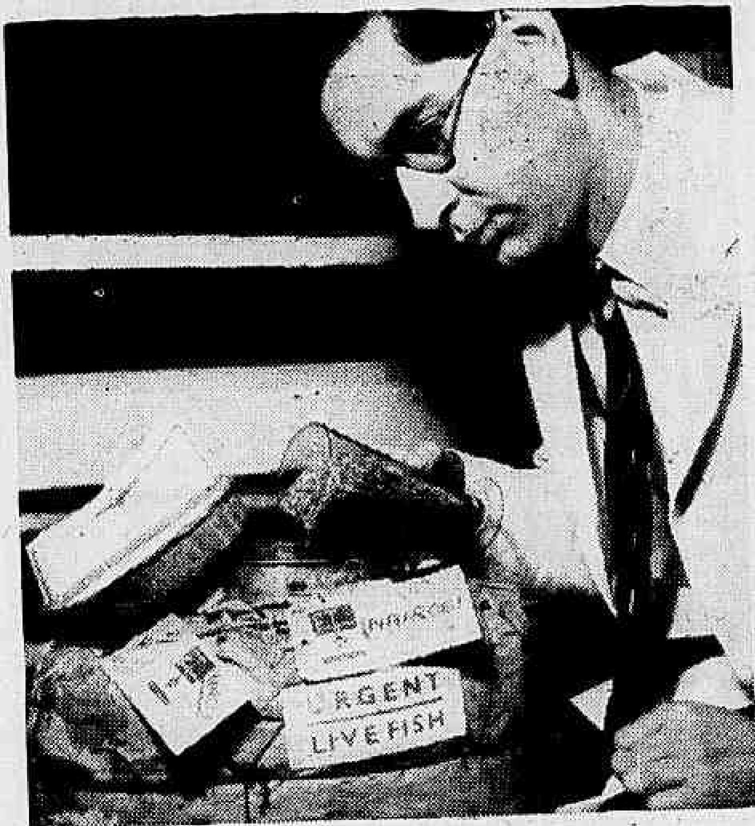


Estômagos transtornados são habituais quando os peixes são superalimentados ou recebem uma dieta imprópria. Robert Manuel, de cinco anos, traz sua cauda de leque, um jovem exemplar, para ser examinado e tratado pelo especialista Dutta.

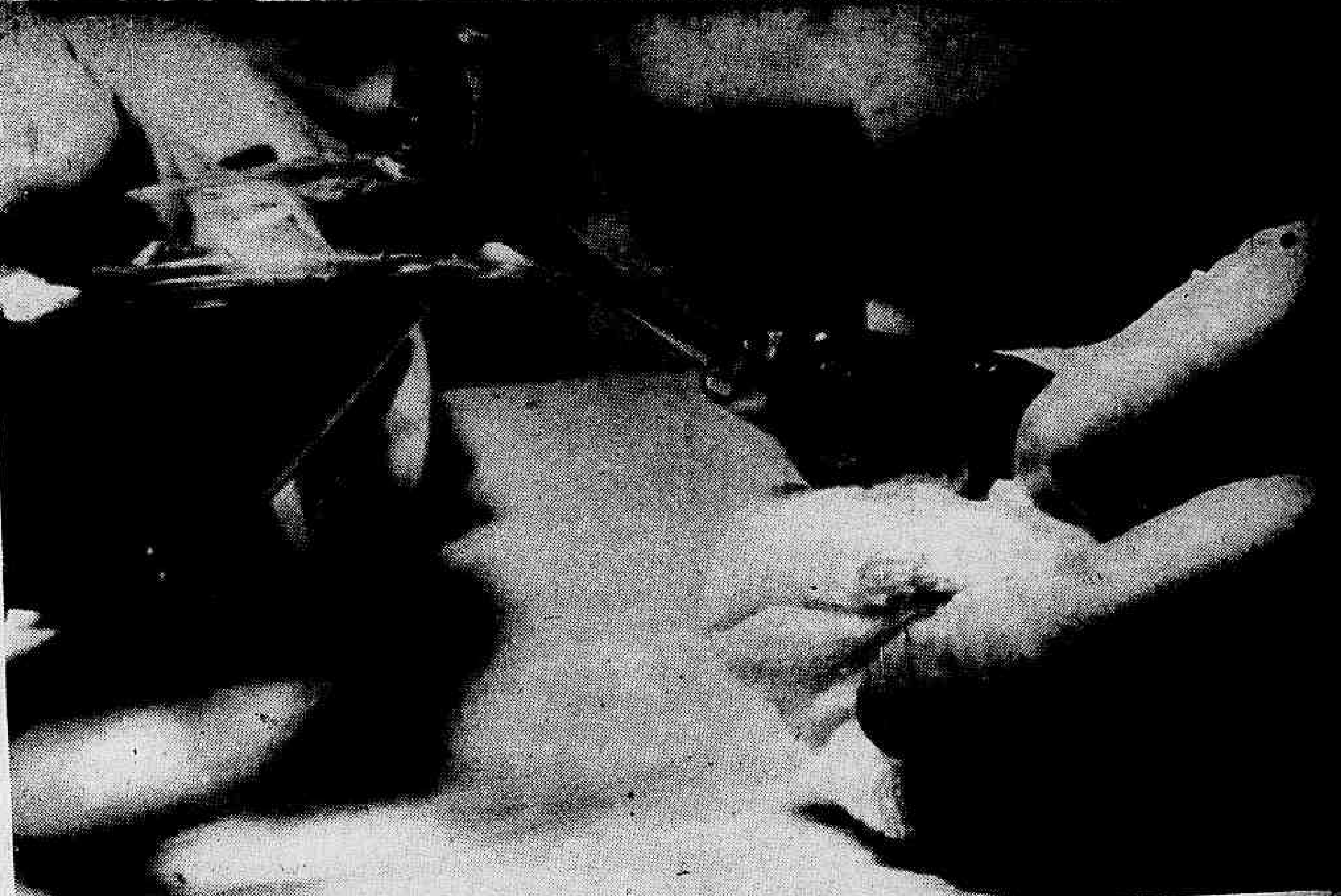
Na foto superior uma caso de congestão de guelras, está sendo tratado, Pinças levantam as guelras para uma dose de quinino. O apodrecimento da cauda, que pode ser fatal, cessa desde que se corte fora, com tesoura, a parte atacada.



No estabelecimento "Tanque de Peixe", gente de tôdas as condições sociais trazem peixes doentes e procuram todos o auxílio e os conselhos de Rex Dutta — veterano de guerra londrino — que se especializou no tratamento de peixes.



Um pó especial, fabricado por Rex Dutta, é derramado dentro de um recepiente no qual vão ser retidos peixes, por via aérea, para um clima tropical. O pó em solução mantém uma temperatura sempre igual e constante, durante doze horas.

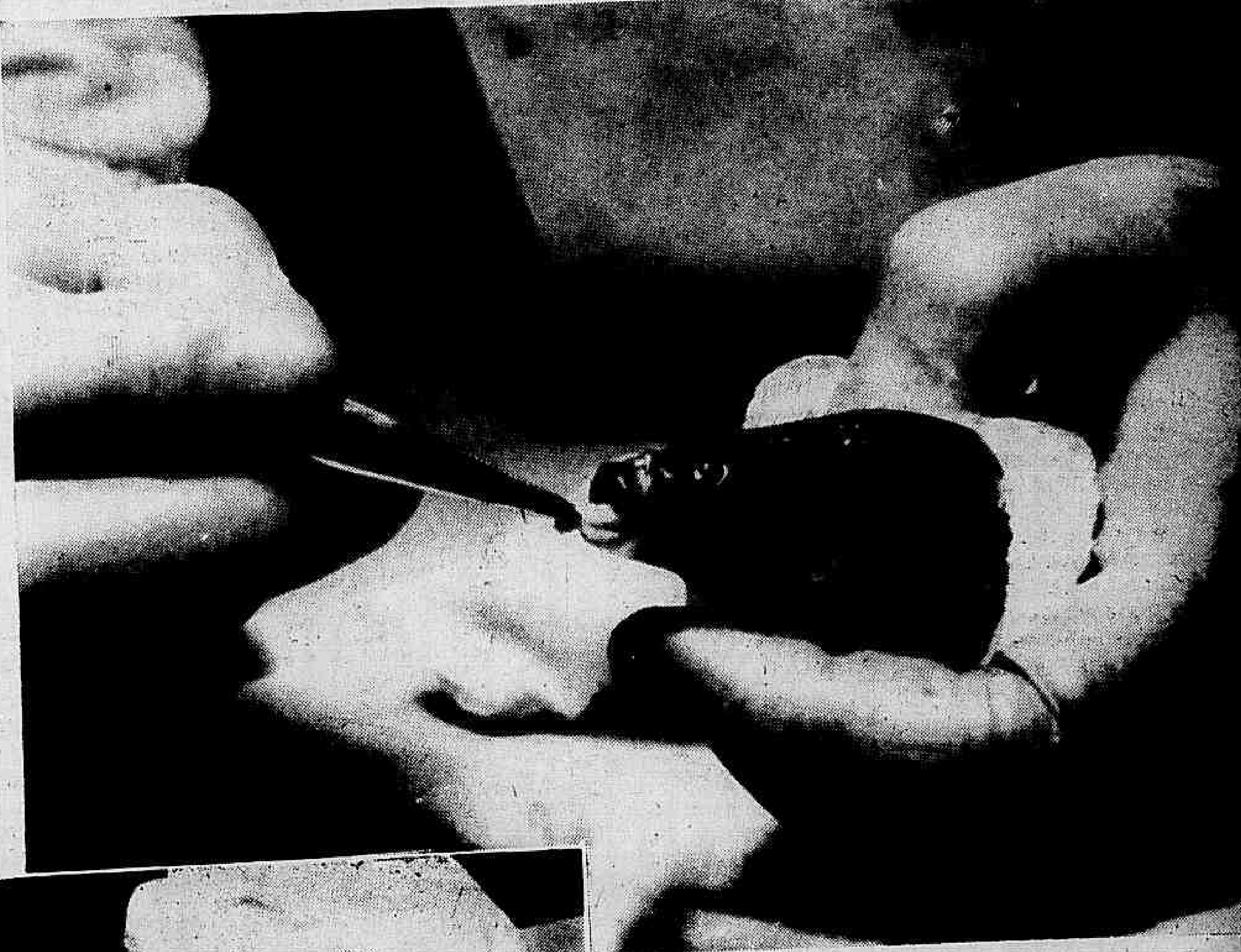


de Baker Street, e seus assistentes vão de vento em pôpa, fazendo também tratamento a domicílio. Os casos mais graves são levados para "Tanque de Peixe".

A maioria das pessoas, acredita êle, reconhecerá a óbvia crueldade de manter um grande cão num local acanhado, porém, são poucos os que notam como é bárbaro colocar uma porção de peixinhos dourados num pequeno vaso de vidro. Os peixes, descobriu Dutta, são tão sensíveis como o cão, portanto, certas vêzes, exatamente, como crianças.

Se estão aborrecidos nadam para o canto mais afastado do tanque, voltam as costas e recusam-se a dar a menor importância ao intruso. Quando Dutta deseja alimentar seus peixes, tudo que faz é sacudir um dedo dentro d'água. Ondas de som alcançando o peixe, atuam como uma espécie de gongo. E êles vêm nadando apressadamente.

Opõe-se, veementemente, ao hábito de bater dos lados do tanque. Isso, diz êle, é demasiado violento. O som é extraordinàriamente aumentado debaixo d'água e o peixe fica tão aterrorizado



Um alimentador especial é empregado para forçar um pouco de whiskey, guelra abaixo de um lôbo marinho. Na fotografia inferior, zoófitos estão sendo removidos da membrana da bôca de um peixe cauda-de-véu, por meio de aplicação cirúrgica.

que empalidece e não recupera a coloração natural senão depois de cêrca de dez minutos.

Algumas das práticas cirúrgicas de Dutta, são verdadeiramente surpreendentes. Às vêzes, quando opera um dos seus pacientes escamosos, usa anestesia local e conserva-o fora d'água, com tôda segurança, por mais de uma hora, uma vez que as guelras sejam mantidas com um pano encharcado.

Desde que se interessou pelos peixes, êle reuniu volumoso material e escreveu um tratado elementar e simples: " A maneira correta de cuidar dos peixes".

O tamanho que alcançará um peixe — um peixinho dourado comum, isto é — está, em grande parte, condicionado ao tamanho do recepiente no qual o animalzinho é guardado. Isso, contudo, não quer dizer que o peixe colocado num grande vaso, crescerá até um tamanho despropositado.

(Cont. na pág. 51)



Baker Street, conhecido como "Tanque de Peixe" — um paciente hidrópico: um pimpão da China, é visitado nos famosos "Tanques de Peixe" de Londres, por sua dona de quatro anos, Sally Manuel, que traz flores para estimular a cura.

SEMANA LITERÁRIA

Notícias de São Paulo

Maria de Lourdes Teixeira voltou da Europa. Foi convidada para supervisionar tôda a parte referente à Arte, na "Fôlha da Manhã", na "Fôlha da Tarde" e na "Fôlha da Noite", de São Paulo, e recebeu o prêmio da Academia Brasileira de Letras, dêste ano, com o seu admirável romance "O Banco de três lugares". Por êsse motivo, o poeta Reynaldo Bairão e o desenhista Darcy Penteado ofereceram, à ilustre ensaísta e romancista, uma recepção no apartamento de ambos. Estiveram presentes à reunião: Hernani de Campos Seabra e sra., Isolina Portugal, Maria José de Carvalho, Cyro Pimentel, Sérgio Milliet, José Tavares de Miranda, Luís Lopes Coelho e sra., Odette de Freitas, Tony Ennes Cardoso, Maria Amália Penteado de Camargo, Nelson Rezende, Christina e Victor de Azevêdo, José Geraldo Vieira, Maria Antônia, Miguel Franchini Neto, Vicente Augustus Carnicelli, Coronel Euryale Zerbini, Rubens Teixeira Scavone e sra., Diogo de Assis Pacheco, Pola Rezende e outros. O coquetel prolongou-se até altas horas da madrugada.

● **O Museu de Arte Moderna apresentou uma exposição de jovens pintores franceses que foi bastante concorrida. Fizeram parte da interessante mostra de arte os seguintes artistas: Adrien, Aicardi, Paul Clément, Le Bourg, Jean Jacques Philippon e Yrondy. A referida exposição foi organizada pelo sr. e sra André Guiet.**

● Cyro Pimentel já entregou os originais do seu novo livro a aparecer nestes próximos dois meses. O livro, que tinha por título "Elegias", será agora lançado com o nome de "Espelho de Cinzas", numa edição do Clube de Poesia de São Paulo, inaugurando, assim, uma nova série de publicações daquela entidade cultural: a coleção "Centenário".

● **Subordinadas ao título "Curso de Divulgação Musical", a Secção de Divertimentos Públicos e Turismo, do Departamento de Cultura, patrocinará uma série de quatro palestras que serão ilustradas e proferidas pela professôra e cantora Dulce Salles Cunha. Acompanhamentos, ao piano, pelo maestro Miguel Arquerons.**

● Foi realizado, em São Paulo, o III Congresso Paulista de Escritores, iniciativa da Sociedade Paulista de Escritores. Entre os intelectuais de fora, anotamos os nomes de Marques Rebelo e de José Condé, êste último recentemente premiado aqui na capital bandeirante com o Prêmio Fábio Prado.

● **Passou por esta cidade, aqui realizando diversos concertos, o pianista de renome internacional Alfred Cortot.**

● E, por falar em conferências, Dulce Salles Cunha realizou interessante palestra sôbre "A Música Brasileira". Aliás também o crítico e compositor H. J. Koellreutter pronunciou algumas palestras sôbre a música erudita contemporânea.

● Alfredo Volpi, Mário Zanini e Paulo Osir Rossi estão expondo os seus últimos trabalhos no Instituto Cultural Italo-Brasileiro. Eleonora Koch por sua vez está apresentando interessante exposição de pintura na Galeria Ambiente.

Poema

Não cantarei esta cidade nua,
invisível com todos os desejos.
Não cantarei êste sol impiedoso,
que toma de assalto todos os prédios,
tôdas as casas, todos os casebres,
tôdas as crianças que não são crianças.
Não cantarei o túmido seio da amada [perdida,
imperfeita como a bondade de todos os [homens.
Não cantarei o dia que expirava na praia [longínqua,
dia e noite de uma só solução,
tarde em que a esperança se volta para a [cova,
ontem, sequiosa, cemitério abandonado e [triste.
Não cantarei o morto boiando nas águas [do mar,
cadáver impotente ante a grandeza do [nosso fracasso.
Não cantarei a tristeza de tôdas as [despedidas,
a alegria de tôdas as virtudes não [cometidas,
o horror anterior à nossa frustração,
o grito que jamais daremos ante a morte [irrevogável.
Não cantarei os nossos pais, os nossos [deuses,
o nosso desespêro, a nossa solidão, a [nossa dor.
Cantarei o minuto que passa, olhando os [meus olhos
com os meus próprios olhos semi-cerrados.
Cantarei a virgem que perdeu o saxofone
e, agora, não mais encontra os seus [sofrimentos.
Cantarei os novos mistérios que vêm da [montanha
e perguntarei a mim mesmo se a verdade [sou eu.
Cantarei o teu rosto de espuma,
aguardando a miséria que a vida não tem.
Cantarei o sorriso da infanta,
já amanhã outrora morta,
soluçando sôbre si mesma,
à espera de ninguém.
Cantarei a inexpugnável memória,
memória sem abatimento,
memória inscrita na fase do Amor.

REYNALDO BAIRÃO

UM AUTOR:

SIR GEORGE NEWNES



UM AUTOR? Sim, um autor, um editor, mas principalmente um jornalista, isto é, um renovador do jornal, um espírito criador — George Newnes, cujo centenário vem passando quase despercebido.

Sua glória, entretanto, não pertence apenas às letras e ao jornalismo britânico, tanto é certo que, quer o "Tit-Bits", quer o "Strand Magazine" tiveram um larga influência no jornalismo mundial, para nada dizermos de outra grande iniciativa sua, a "Westminster Gazette".

George Newnes iniciou-se nos domínios da imprensa lançando um gênero novo, com "Tit-Bits". Ocorrera-lhe, diante da abundância do noticiário dos jornais, dos longos artigos e da fartura dos editoriais que caracterizavam a imprensa do tempo, criar um jornal em que as notícias fôssem reduzidas à sua essência, dadas em duas ou três linhas, resumidas, esquematizadas e, assim, podendo interessar e informar muito mais, sem que lhes faltasse nem o comentário vivo, o sabor e o colorido, nem o ponto de vista, a opinião, o aplauso ou a reprovação. Foi assim que nasceu a idéia e o jornal, no fim do século passado. O jornal pegou logo e, logo, foi imitado por tôda a parte. Podemos dizer que o espírito de síntese e de objetividade, de vivacidade e de humor que caracteriza a imprensa moderna surgiu com "Tit-Bits".

Em seguida, o dinâmico jornalista, certo de seu campo e de sua capacidade criadora, funda o "Strand". Outro sucesso. Com seu dinamismo, sua tremenda energia, Newnes não se deteve mais. Começou como editor de mais largos horizontes, dilatando suas atividades. Cria a casa que tem o seu nome e lança autores dos mais reputados, entre êles o estreante Edgar Wallace e a mais famosa das escritoras de obras infantis, Enid Blyton. No mundo dos livros, Newnes se especializou em publicações técnicas, com a série "Reference", de tanto prestígio universal.

Sir George Newnes foi membro da Casa dos Comuns, representante os Liberais e, vivendo em Lynton, no Devon, como um perfeito gentilhomem rural, foi êle quem doou à localidade sua primeira biblioteca pública.

UM LIVRO:

"CONTINHOS BRASILEIROS"

ATÉ HÁ POUCO lamentava-se que o gênero da história curta fôsse tão pouco e tão mal cultivado por nossos escritores. De fato, possuíamos poucos contistas, pelo menos relativamente aos nossos numerosos poetas. E, entre êsses, raros os que poderiam interessar. O fenômeno parecia inexplicável para os que não viam nêle a falta de vocações. Nem por ser um gênero da prosa, melhor, um gênero de ficção, pode ser tão eletivo como supõe o leigo. E tanto o conto é também uma vocação que raramente encontramos um romancista, um dramaturgo ou um poeta que possa praticá-lo com êxito relativo. O que nos faltava eram vocações de contistas, acontecimento aliás natural, em uma literatura nova, como a brasileira, tanto é certo que o conto representa um requinte, tanto de concepção como de forma. De tempos a esta parte, começam a surgir mais amiudadamente os nossos contistas. E de resto muitos dêles da maior significação.

Entre os que últimamente têm aparecido cultivando o conto, com grande originalidade, encontramos Carlos Castelo Branco, agora estreando com êste livro — "Continhos Brasileiros" (Editôra A Noite, Rio). O título despretencioso e justo, talvez seja mal interpretado pela massa de leitores que preferem os títulos mais pomposos. Entretanto, há um motivo para êsse título definidor e bem escolhido. Estas páginas nos contam pequenas histórias muito brasileiras, não por um colorido regionalista, mas por uma ambientação que nos é própria, quer urbana, quer rural, por um grupo de criaturas que sentimos nossas, próximas e confidenciais, feitas de matéria idêntica à nossa, tanto pelos caracteres somáticos, pelos dados psicológicos, como pelas reações diante dos problemas essenciais da vida, do amor e da morte.

Com isso, uma trabalhada arte do conto, a faculdade de reduzir um mundo a um momento culminante, de tomar tôda uma existência e dinamisá-la em meia dúzia de traços fundos e característicos, de abrir todo um largo panorama de drama íntimo na tela exígua de cinco páginas. Essa arte de tirar o sumo dos fatos e das criaturas, de espremer à prensa todo o ornamental e tôda a superabundância dos incidentes e dos sêres, de desbastar a complexidade das criaturas, de encontrar no cotidiano e no vulgar o traço significante, lírico ou dramático, épico ou caricatural.

Quanto ao estilo, encontramos no de Carlos Castello Branco um dos mais simples, originais e comunicativos. Êle tece suas narrações com uma pureza, uma espontaneidade coloquial. E essa é outra virtude especifica do contista. O conto exige, mesmo, essa maneira de narrar sem literatura, se assim podemos dizer. E' da sua técnica particular a secura expositiva. Só assim êle ganha em naturalidade e dá ao leitor uma participação no acontecimento. Tôda retórica lhe é contrária, todo rebuscamento lhe é oposto. A prosa de Carlos Castello Branco possui extraordinárias virtudes de comunicação, consegue a emoção, atinge ao lirismo, ao humor, à ironia, sem carregar no literário, antes dêle se distanciando, por uma fôrça e uma palpitação extraordinárias. Plástica, de uma sintaxe singela e de um vocabulário muito expressivo, seu conto chega sempre muito perto do que de melhor se tem escrito, no gênero, em qualquer literatura.

Edmundo Lys

NOTAS E NOTÍCIAS

O PROFESSOR Artur Kutscher, da Universidade de Munique, pediu que os estudantes respondessem à seguinte pergunta: «Qual é o escritor alemão que consideram o maior dêste século?» Eis o resultado dêsse inquérito: Herman Hesse, 89 votos; Rilke, 87; Thomas Mann, 82; Gerard Hauptmann, 75; Hans Carossa, 69; Stefan George, 60; Ernest Wichert, 60; Zuckmayer, 50; Bert Brecht, 46 e Ernst Junger, 41. No ano passado (1950) um inquérito semelhante colocara Rilke em primeiro lugar.

●

EM COMEMORAÇÃO do 1º aniversário de nascimento de Victor Hugo, C. Tavares Bastos escreveu uma série de notas bibliográficas, com traduções e comentários sôbre as «Versões poéticas brasileiras de Victor Hugo».

●

FALECEU A escritora norte-americana Katherine Bush.

●

COMEMORA-SE a 27 de junho dêste ano o primeiro centenário do romance de Manuel Antônio de Almeida, considerado nosso primeiro livro do gênero, na ordem cronológica. Foi, realmente, nesse dia que começaram a aparecer, em folhetim, no suplemento «Pacotilha», do «Correio Mercantil», as «Memórias de um Sargento de Milícias». A primeira edição em livro só apareceu em 1854 (1º volume). O segundo volume surgiu em 1855. A obra era assinada por **Um brasileiro**.

●

ESTÁ ANUNCIADO o apartamento de mais uma revista de cultura: «Ensaio», direção de Afonso Félix de Sousa, Darci Damasceno e Fausto Cunha. Como se sabe, os diretores de «Ensaio» são dissidentes do grupo de «Orfeu».

●

«FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO» — eis o título da conferência que Roland Corbisier realizou há poucos dias no Colégio do Estado Presidente Roosevelt.

●

NAPOLEÃO AGUSTIN LOPES, que lançou há alguns meses um livro bastante curioso: «Palavra e Poesia», passou alguns dias na capital bandeirante, onde se manteve em contato com vários escritores representativos da nova geração.

●

SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA e Lourival Gomes Machado realizaram diversas conferências no Clube dos Artistas e Amigos da Arte, subordinadas ao Barroso Brasileiro. As palestras estiveram muito concorridas.

FORA DO PRELO

NOIVADO EM SÃO DOMINGOS — Colhidas na literatura universal de todos os tempos, as "Novelas do mundo", que as Edições Melhoramentos vêm dando a público, surgem em seu 3º volume, "Noivado em São Domingos", título da primeira, a que se juntam mais duas no mesmo tom: "A Marquesa de O..." e "O terremoto do Chile", tradução de Paulo Edmur de Sousa Queiros, ilustrações de Renato Eggers. Vida agitada que desfechou em suicídio-após matar a companheira — Heinrich von Kleist, autor de "Noivado em São Domingos" e "A vingança de Michael Kohlhaas", é uma das grandes figuras alemães do século XIX, não sendo poucos os críticos e ensaistas que o colocam a par de Goethe e Schiller pela fôrça inspirativa e nobreza de estilo. Nessas três novelas, predomina o pessimismo, clima ideal do romantismo.

● **AMIGOS DE TODO O MUNDO** — Clássico da literatura juvenil européia, Felix Salten já tem oito livros publicados, entre nós, pelas Edições Melhoramentos: Em boa companhia; Renni, história dum cão de guarda; Bambi; Florian, o cavalo do imperador; Djibi, a gatinha; Perri, o jovem esquilo; Os filhos de Bambi e "Amigos de todo o mundo", que acaba de sair do prelo. Contendo o romance dum jardim zoológico, êste volume tem qualidades para atrair os leitores entre doze e quinze anos. Tradução de Germano G. Thomsen e ilustrações de Philipp Arlen.

● **POESIAS** — Reunindo Panóplias, Via Latea, Sarças de fogo, Alma inquieta, As viagens, O Caçador de esmeraldas e Tarde, a Livraria Francisco Alves presenteia o público ledor com a 24ª edição das "Poesias" de Olavo Bilac.

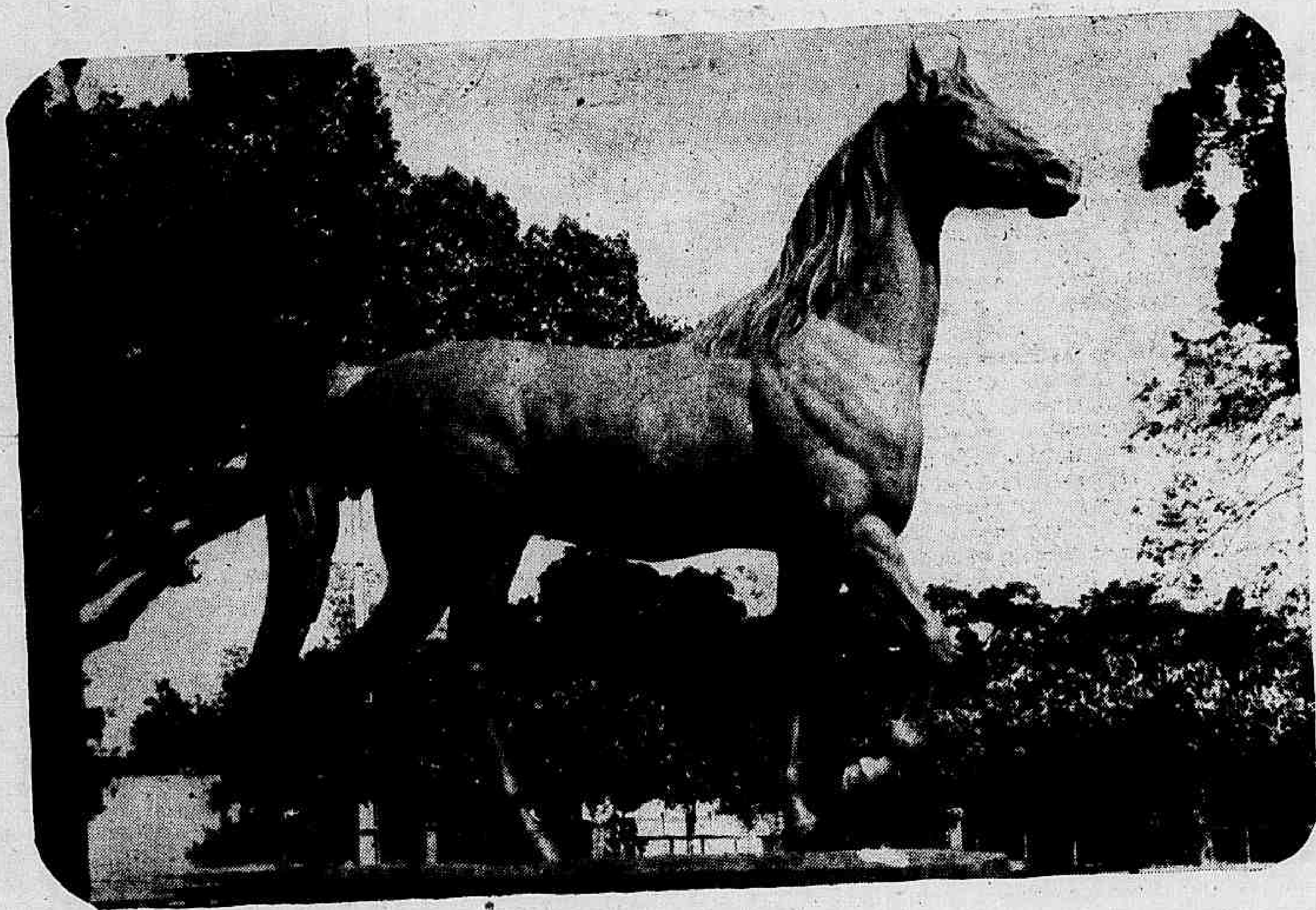
● **ESPELHO MAGICO** — O livro "Espelho Mágico", que a Editôra Globo acaba de lançar, revela ao nosso público mais outra face do multiforme talento poético de Mário Quintana. Já conhecido como autor de "Rua dos Cataventos", como o puro lírico das "Canções", o agudo anotador dos deliciosos flagrantes de "Sapato Florido" e como o notável surrealista de "O Aprendiz de Feiticeiro", Mário Quintana nos surge agora com uma obra inteiramente diversa. Trata-se de uma coleção de quartetos, muitos dos quais, publicados e reproduzidos que foram na imprensa nacional, já são do conhecimento público. Reunindo-os agora num volume, o autor presta mais uma contribuição à poesia nacional, que tanto lhe deve por suas obras anteriormente publicadas.

● **VIDAS DE GRANDES POETAS** — Êste volume contém as biografias de alguns dos mais famosos poetas do mundo. Vinte grandes mestres da lírica são retratados em suas páginas, com segurança, penetração e vivacidade. Graças ao vigor e calor da narrativa, êstes gigantes da literatura descem dos seus pedestrais para entrar no círculo das nossas relações, como amigos íntimos. Em cada uma das histórias destas vidas são apresentadas não só o romance e a aventura de suas atraentes carreiras, como também o drama e a glória de seus esforços para trazer a felicidade e a justiça ao seio da humanidade. Não é preciso gostar de poesia para apreciar a história destas eminentes personagens. Entretanto, para quem se interessa por poesia, as presentes biografias aumentarão o aprêço e a compreensão das obras-primas da arte poética. Os vinte poetas apresentados no livro são os seguintes: Dante, Chaucer, Villon, Milton, Pope, Burns, Wordsworth, Coleridge, Byron, Shelley, Keats, Browning, Tennyson, Swinburne, Bryant, Poe, Longfellw, Whittier, Whitman e Kipling. Tôdas as biografias são precedidas de uma bela ilustração a duas côres e um quadro cronológico. "Vidas de Grandes Poetas" foi magnificamente traduzido por Breno Silveira.

3 DE AGÔSTO

GRANDE PRÊMIO BRASIL

Cr$ 1.000.000,00 (Sweepstake—Cr$ 5.000.000,00)



no

HIPÓDROMO DA GÁVEA

do

JOCKEY CLUB BRASILEIRO



HOMEM AO MAR

ESTENDERAM o homem encharcado sôbre o tombadilho da segunda classe. Segundo dizem, é um intérprete chinês, meio louco, que não quisera comer nada desde o embarque. Ao entardecer, consentira em acompanhar um de seus compatriotas para tomar um pouco de ar e, sùbitamente sem uma palavra, atirara-se por cima da amurada.

— Chinês e gira, não merecia tamanho esfôrço — resmungou um dos salvadores.

Um círculo silencioso de passageiros e tripulantes cerca o afogado. Observam ansiosamente o médico e um tenente do exército colonial que, ajoelhados numa poça d'água, levantam e abaixam os braços daquele boneco de engonço. O peito não arfa mais. "Congestão, infelizmente..."

"Boys" chineses surgiram de tôdas as escotilhas; são os mais indiferentes. O do bar, que se aproximou de mim, nem mesmo perdeu o sorriso profissional que pede desculpa de não entender os pedidos. Dir-se-ia que se diverte.

Por cima das cabeças, uma mulher gorda e vulgar indaga de uma camarada que se acha na primeira fila:

— E' um homem bonito?

Uma outra, que ri nervosamente, abre passagem a cotoveladas:

— Quero ver — insiste, muito pálida.

Um marinheiro a informa, rompendo caminho:

— Está liquidado. Teria sido melhor deixá-lo onde estava...

Logo a seguir, efetivamente, renunciam aos movimentos respiratórios. O tenente se levanta, com o rosto banhado em suor: mais nada a fazer... Por um instante a turba imóvel contempla o cadáver, e as grandes lâmpadas elétricas projetam sôbre o nosso grupo uma luz de circo, ou de sala de operações. Mas um dos tripulantes, que mistura em sua algaravia muitas línguas dêste mundo, ordena a seus homens que retirem o morto, terminando assim a ordem:

— Avanti, Savoia!

O cortejo passa diante de mim. O náufrago é de uma horrível magreza, com cara de museu de cêra e uma língua preta que cai pendurada até o pescoço. Nem mesmo um cadáver: um trapo mole.

— Para onde vão levá-lo? — pergunta uma voz de mulher.

— Primeiro para a enfermaria — responde um homem de bordo piscando um ôlho. — Depois, dentro de um saco e n'água...

Os últimos curiosos se dispersam. Eu também subo. No bar, o "bridge" foi reiniciado. No grande salão, uma moça toca piano e um segundo-tenente vira as páginas da música. Não sabendo para onde ir, reúno-me aos homens da tripulação.

— Faz-se o que se pode — replica um que cumprimento por sua ação.

E o imediato, sempre brincalhão:

— Já fizemos pior com pior tempo.

Diante da pequena ponte que dá para as cabines encontro religiosas ajoelhadas. Assim que o homem caiu ao mar elas iniciaram suas orações e ainda não se ergueram. De vestes brancas, rosário entre os dedos...

Desajeitadamente, peço desculpas pela intromissão e, refazendo caminho, vou para a pôpa. Nesse momento a escada se enche de crianças animadas e de vozerio: terminou o jantar dos petizes. Por um instante ainda correm pelo "deck" chilreando: o boa-noite dos passarinhos antes de se recolherem ao ninho. Depois, vão sendo levados pelas mamães e amas. Fico só. Agora já é noite fechada, sem fendas no céu negro. E no canto gemedor das vagas e do vento, procuro ouvir o ruído surdo de um corpo que vão jogar ao mar...

Ilustração de RENATO DE SOUZA

Conto de ROLAND DORGELÈS

UM PRINCIPE EM MINHA VIDA

Novela de MICHEL DAVET

ERA bastante estragada, e o bom do cura procurava reparar os buracos metendo-lhes tufos e massarocas de papel em cada uma das fendas. Às vêzes, êle se ficava a olhar as rachaduras das paredes, medindo-as ano a ano, e balançava a cabeça desconsolado, prevendo desastre próximo. Mas o casarão permanecia de pé, desafiando o tempo, numa tenacidade heróica, enverdecida de limo parecendo velha camponesa a resistir a tempestades e a tôdas as desgraças.

Pelas janelas havia violetas de estranhas côres, a pender tristemente para as ruínas. Até elas chegavam, em selvagem desordem, ramos verdes de roseiras sem muito trato, entre outras florinhas atormentadas, algumas delas de belo rosado vivo, e que eram o grande amor do velho cura. A um recanto do alpendre se via um viveiro de coelhos. Em outro ângulo havia uma touceira de rosas de Bengala, sempre a florir, mesmo no inverno. Foi entre as rosas e os coelhinhos que eu me preparei para a minha primeira comunhão. E as rosas se debruçaram sôbre o meu velho catecismo. Ballerine tinha chegado bem pertinho de nós, a agitar os seus braços roliços para estender o linho. Por vêzes, ela era forçada a recorrer a tôda a bateria de vasos de cobre para escolher os que lhe serviam melhor naquele afã interminável. Diante da porta, muito vermelha pelo trabalho estafante, ei-la a erguer o tachão brilhando ao sol, e ela convencida de que era uma heroína com ares de vitória.

Eu me esforçava para ouvir bem e reter ainda melhor a história de Tobias. Mas havia em meu espírito um mundão de pensamentos, de idéias confusas, de imagens diversas a turbilhonar em meu cérebro. Em primeiro lugar eu me preocupava muito com o narrar essa história a Manoue, e recomendar-lhe que fechasse bem os olhos quando estivesse a dormir lá debaixo dos loureiros, temendo eu que as andorinhas não fizessem com ela o que sucedeu àquele pobre e santo homem. Ah! Devia haver um sapo sob os panos estendidos na relva. Eu notava que êle se mexia e palpitava como um coração que bate... Eu estava com o espírito inquieto, a ouvir as lições do padre, mas com o pensamento em coisas muito diversas. Olhava o trabalho de coradouro de Ballerine, e imaginava sapos sob os panos estendidos. E, de quando em quando, ia respondendo ao vigário: "Sim, senhor cura... Não, senhor cura..." E eu olhava para Ballerine e me pareceu perceber que ela usava uma cinta, a qual se ligava às suas meias. E, embora com o pensamento em coisas assim, ia respondendo ao padre: "Sim, senhor cura; não, senhor cura..."

Mas, como que percebendo que eu estava com o pensamento longe, êle perguntou, abruptamente:

— Você está sonhando, Bertille?

Eu, que estava naquele instante com os olhos fixados nas pequenas pocinhas d'água deixadas pela chuva sôbre os côncavos das pedras, interessava-me muito mais pelas cambiantes que se desenhavam à superfície das águas, por vêzes de uma côr rosada e fugidia, como de nuvem incendiada de sol; outras vêzes refletindo sombras verdes de ramos que se agitavam sôbre elas. Aquelas pocinhas d'água de chuva me interessavam tanto como se fôssem um livro de figuras.

E o cura, a insistir:

— Está ouvindo, menina?

Também havia por ali, suspensas de ramos e das paredes, dessas pequeninas aranhas que ficam suspensas no ar por meio de fios, como artistas de circo a fazer malabarismos e acrobacias. Algumas delas desciam até às vestes do padre, e êste, embora as visse, ia deixando o mundo rolar, e as aranhas a fazer coisas sôbre a superfície de sua batina esverdeada. Além de tudo isso muito me divertia e chamava a minha atenção as brincadeiras dos coelhinhos lá em suas gaiolas de gradeado. Eu lhes achava uma graça enorme e minha atenção ficava prêsa a tudo isso. Não, eu não poderia aprender nada, não podia reter coisa alguma do que o bom vigário me ensinava com tanta paciência. Mas tudo tem seus limites. Até a paciência evangélica. E o cura, deixando tombar o livro, desesperançado de encaminhar minh'alma aos páramos celestiais, olhou-me em silêncio durante minutos, perguntando com voz bondosa e paternal:

— Sei que você não é nenhuma idiota, Bertille. Mas por que não se interessa em nada do que lhe digo?

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Bertille, órfã, era criada por sua tia Manoue, em casa de quem vivia outro filho adotivo, Malique, já homem feito, quando Bertille estava com dez anos. Bertille muito se impressionara com as histórias de Príncipes encantados que lhe contava Manoue, antes de dormir. Um dia, Bertille, ao adormecer no campo, teve a impressão de que um príncipe chegava e a beijava, fugindo depois. A menina ficou profundamente impressionada e contou a visão aos de casa. Êles procuraram desvanecê-la disso. Mas Bertille guardava o sabor daquele beijo. Malique entrara de namôro com uma jovem, e, certa noite, ao sair para os seus encontros furtivos, em ponto marcado à beira da estrada, Bertille se ergueu e, sorrateiramente, foi atrás dêle, surpreendendo-o com a namorada. Descoberta, a moça lhe deu umas tapas, resultando disso Malique abandonar o namôro. Dias depois, Bertille foi à vila buscar o pão, em companhia de Malique. Lá estava a ex-namorada do mesmo, o que muito encabulou a Bertille, que ainda sentia nas faces o queimar das bofetadas. Bertille, depois da visita do cura, teve que ir estudar catecismo e aprender orações para a primeira comunhão.

— Não sei, Sr. Vigário. Eu não sei pensar nisso que o senhor está dizendo. Não fixo nada.

Apesar disso eu fiz a minha primeira comunhão com tôdas as outras meninas, logo que chegou o verão, e aquilo foi um belo dia para mim.

Desde o alvorecer eu estava ao pé de Manoue, que, agitada, ocupadíssima, mas ágil como uma jovem de quinze anos, arrumava os indumentos para a comunhão, tôda aquela vestimenta branca, o véu, como se fôsse vestir uma noiva. Manoue desaparecia entre tanta brancura esvoaçante.

De longe, a um canto, braços cruzados, olhos bem abertos, Malique acompanhava com muita atenção todos êstes movimentos. A roupagem da comunhão pertencera à minha mãe, quando ela tinha seus quinze anos. Quantas vêzes ela perlustrara os caminhos que iam de Rouquet à Croix du Reposoir, envergando essas vestes que se arrastavam pelas pedras da estrada! E Manoue suspirava: — Sua mãe não era tão selvagem como você! Todos os anos, no dia do Corpo de Deus, era ela quem levava o estandarte, porque, dentre tôdas, era a mais forte e a mais bonita.

— Por que não sou também assim bonita, já que sou sua filha?

— Quem sabe lá? Você é moreninha como o pai; mas é a terra escura a que dá melhor trigo. Ademais, você está muito bem como é, minha filha. Albanie me disse um dia dêstes que você andava aprumada como uma dama, enquanto a pequenina Caceau é como um coelho vestido, apesar de sua linda carinha.

Meu vestido estava muito comprido, muito comprido mesmo. O véu, mal pregado, derramava-se por detrás e arrastava no chão. Mas eu me sentia contente com a felicidade que irradiava de Manoue, com o júbilo que resplandecia de sua velha face, ao fazer-me caminhar sôbre o tapête de flores de acácia estendido diante da porta. Eu me senti transportada de contentamento, emocionada, não sabendo compreender a alegria interior que me banhava a alma infantil, mergulhada em tanta coisa bonita, envolvida naqueles trajes brancos, cheios de pureza.

Fomos jantar em casa de Anais, a fim de chegar muito cedo. Oh! Que belo jantar sob as glicínias, enquanto o gatinho da velha ronronava sôbre minhas pernas. Mas, já de noite, quando Manoue, com tôda a devoção arrumou em nosso armário as belas vestimentas, ainda perfumadas com o cheiro dos círios e do incenso, eu me pus a chorar muito baixinho, sentindo que uma grande felicidade acabava de desvanecer-se.

Manoue veio até mim, e colocou sua mão na minha.

Capítulo V

Eu me recordo perfeitamente daquele outono muito claro e doce. Naquele ano parecia que caminhávamos dentro da luz.

E eu voltava a lembrar-me, algumas vêzes, daquele beijo que eu recebera quando adormecera entre as árvores. Um dia, levada pela perseguição daquele instante inesquecível, eu voltei àquela clareira da mata, em pleno dia, embora procurando deter o pensamento que me dizia não estar eu agindo bem. Mas eu desejava apenas recordar, naquele mesmo sítio, o seu rosto lindo, o semblante belo do meu príncipe encantado. E eu me deixei ficar sôbre a relva amarelecida durante uma porção de tempo, à espera que êle voltasse outra vez. Mas êle não veio mais. As fôlhas côr-de-ouro iam desprendendo-se dos galhos de grandes árvores e caíam, molemente, sem revolta, sôbre a terra que lhes serviria de túmulo. Por vêzes, agitadas pela brisa, as fôlhas como que tremiam procurando o seu caminho. Súbito, paravam ficando imóveis à luz do sol, para em seguida voltar a se movimentarem, ao sabor do vento, que as virava e revirava, umas já enegrecidas, outras brilhantes, ali outras manchadas, como asas de borboletas queimadas pela chama. Suas côres vivas iluminavam a relva.

Eu esperava. Êle não aparecia. Não veio naquele dia, nem nos outros. Mas eu o amava. Eu já o amava muito. Quando veio o inverno, que tristeza! Como é triste quando chega o inverno! Manoue acendia grandes achas de lenha sêca no fogão, e ficava imóvel diante das chamas, olhos fechados e com os joelhos tão próximos que parecia querer assá-los. Entre os pregueados e dobras de sua pesada saia, a nossa gatinha se esfregava.

Tradução de RENATO DE ALENCAR

Ilustração de RAMON

Ao fogo as panelas ferviam, enquanto Manoue se deixava adormecer ao som dos chiados da lenha verde.

— Sai, gato! — gritava, de súbito ela, como se acordasse de um sonho mau, e arrastava a saia sôbre as cinzas, expulsando a gatinha, que se espreguiçava molemente a abrir a bôca deitando a língua para fora, muito rosada e fina, voltando a adormecer a um canto, muito feliz com sua vida.

Eram êstes os únicos ruídos que quebravam o silêncio ambiente. Entretanto, Manoue entabolava entre ela e a cozinha, grandes conversas. Ela palestrava com os utensílios, panelas, vasos e o fogo. Mas Manoue adorava essa quietude, embora fôsse muito ativa. Nunca percebi indícios de velhice em sua pessoa, mesmo aos 80 anos de idade.

— Será que o nosso rapaz terminou todo o trabalho?

E notando que uma galinha cantava:

— Schit! Quem está cantando? — e gritava: — Bertille! Bertille! E' a pretinha que está lá por detrás. Põe uns ovinhos pequenos e redondos como cabeças de pombo. Você viu a Ballerine lá na missa, no domingo? Virava a cabeça à direita, à esquerda, como se estivesse fatigada. Eu pensava comigo mesma: "Deve ser a idade que a perturba. Amanhã, serei eu também."

E quando eu ouvi, naquela manhã, ao alvorecer, os primeiros ruídos das arrumações domésticas, pude compreender. Os velhinhos choram tanto, choram tanto durante a sua vida, que Deus há de perdoar-lhes os pecados. E quando eu estiver bem velhinha, encarquilhada a um canto, é preciso que eu durma, que descanse.

Ouvimos um ruído.

— E' Malique que vem aí batendo os tamancos?

Manoue se ergueu de um salto, como se estivesse nos seus vinte e dois anos, e não aos setenta bem puxadinhos. Foi lá fora e fixou a estrada, com os seus olhos tão límpidos como a própria luz.

Mais do que nunca eu passei a viver fora de casa. Vi que se ia o outono, sem compreender muito bem a melancolia, uma certa angústia que sentia penetrar-me o peito nessa seqüência de dias. A menor perturbação de sons ou vozes no ar ressoava durante longo tempo por cima das colinas mortas. Eu sentia que gemidos iam e vinham até nós como o baque surdo de imensa flor que se despedaça. A terra inteira ressoava como um grande coração em dor que vê fugir a juventude e o calor de sua vida.

Por fim passou aquêle inverno e também foram passando as primaveras. Eu me tornei grande e meus olhos se alongaram. Manoue me olhava enternecida e orgulhosa. Eu me sentia contente e nas faces as preguinhas de meus sorrisos inocentes.

Um dia ela disse, em voz muito baixa, a Malique:

— Ela é linda como uma flor!

Eu fiquei curvada sôbre o meu trabalho, as faces incendiadas pelo pudor. Os olhos de Manoue me viam como me veriam os olhos de uma avó. Desde êsse dia eu compreendi muito bem a alegria secreta que se tem, quando sentimos possuir a frescura da juventude, a beleza de uma rosa mal desabrochada, e percebi por que devemos ter coqueteria.

(Continua no próximo número)



Coincidência

Conto de EDGARD DE SOUZA MACHADO

NESSE tempo eu era apenas caixeiro-viajante. Trabalhava para a firma Morais & Cia. Negociavam com tecidos. Desta maneira eu passava a maior parte de meu tempo viajando pelo interior do Estado. Indubitàvelmente, as viagens eram temiveis, máxime no inverno quando as poucas estradas de rodagem ficavam intransitáveis. Disto resultou que me tornei um "crack" em andar a cavalo e que me veio servir tempos depois. Contudo, cheio de otimismo, ia vencendo a tarefa, sem desânimo, divertindo-me como podia. E tive, de uma vez, momento verdadeiramente excepcional. Fiz conhecimento com outro viajante, chamado Carlos Ciriaco e que explorava o negócio de cereais. Possuia um quê indefinivel. Não se podia dizer que era simpático ou antipático. Variava a sua fisionomia. Era um rapaz baixo, gordo, cara de sapo, olhos miúdos e cinzentos, cheios de malícia, todavia folgazão; o seu todo impunha confiança, ocorrendo amiúde enganos. Quando com êle me encontrava em nossas prolongadas viagens, o trabalho se tornava divertido. Marcávamos o mesmo itinerário, as mesmas épocas e saíamos juntos muitas vêzes.

Tinha terrivel defeito... Às vêzes me exasperava com êle, porém Carlos possuía um jeito especial de obter, ràpidamente, o perdão. Ninguém jamais seria capaz de ficar magoado com êle durante muito tempo. Com o decorrer dos meses a nossa amizade se tornou sólida, até quando sobreveio o afastamento definitivo.

Não me lembro quando, sei apenas que o fato se deu no povoado Sargaço. Estávamos lá a fazer a praça. Chovia a cântaros. Por isto nos recolhemos cedo ao hotel. Durante muito tempo conversamos sôbre assuntos diversos. No outro dia partiria cedinho com destino a outra povoação, contudo Carlos não iria comigo. Encontrá-lo-ia mais adiante e decorrida uma semana.

Ali, no quarto, disse-me êle com voz trêmula e ar fatigado, olhando a efigie de Santa Teresinha na folhinha pendurada à parede e que marcava o dia 31 de março...

— Eu já lhe disse que desconfio sofrer do coração? Estou muito impressionado. E' uma agonia, dor no peito, sinto calor e falta de ar; tenho a impressão que meu coração bate desordenadamente e que vou morrer.

Respondi-lhe, penalizado:

— Carlos, se você quiser eu vou à procura do farmacêutico, ou, então, iremos juntos.

— Não, detesto médicos. Isto passa.

— E se você piorar?

— Neste caso, encomende-me o caixão.

Deitei-me impressionado. E, durante muito tempo, vi Carlos passeando no quarto, sob um nervosismo que me ia preocupando. Às vêzes êle tossia. Aproximava-se da janela e respirava a plenos pulmões. Eu procurava convencer-me de que não era nada. Simples impressão.

De uma vez, chegou-se mais perto de mim, nervoso, e, puxando-me pelo braço, disse:

— Valdemar, não durma, pelo amor de Deus. Estou certo de que não amanhecerei o dia.

Pulei da cama assustado e fiquei observando-o. Com voz estranha fêz-me várias recomendações.

Por fim, não suportei mais aquela aflição de Carlos. Pus a capa por cima do pijama e me dirigi à porta, disposto a ir em busca de um calmante, um remédio, qualquer coisa que lhe suavizasse o sofrimento. Para minha surprêsa, êle avançou para mim com olhos esbugalhados, e, empurrando-me para a cama, disse:

— Se você sair daqui, eu endoideço. Deus me livre de ficar sòzinho.

Ainda repliquei:

— Carlos, você está passando dos justos limites, seja sensato. Se você piorar, como me arranjarei?

Olhou-me de modo que me acovardou, adiantando:

— Se você sair verá se na volta me encontra vivo.

Depois se lançou à cama, gemendo. Desde então fiquei petrificado e não dei mais um passo. Deitei-me. Eu estava, não obstante o caso, com tanto sono que logo adormeci. Acordei muito cedo com o grito do homenzinho a quem encarregara de trazer o cavalo. Procurei Carlos, porém não o encontrei. Fiquei agoniado. Enfim divisei em cima da mesa um bilhete: "Não tenha cuidado, pois saí em busca do farmacêutico. Faça sua viagem descansado, e desculpe o incômodo que lhe dei ontem à noite. Carlos".

Não podendo alterar minha viagem, parti. Ademais estava ciente que Carlos estava apenas um pouco nervoso. Andei dezoito quilômetros a cavalo. Mal cheguei ao povoado próximo, eis que um portador me entrega um bilhete. Nêle o dono do hotel me comunicava que Carlos havia morrido repentinamente; e me pedia o enderêço dêle, a fim de comunicar à família. Pedi ao portador detalhes sôbre o ocorrido, porém, êle não me soube dar. Fiquei imóvel, em cima do cavalo, sob agonia sem precedentes, pensando: "Que devo fazer"? Os minutos se passavam e eu não me convencia que Carlos, tão cheio de vida, fôsse desaparecer assim repentinamente. Fazia esforços para afastar de mim tal pensamento. Torturava-me a dúvida.

Puxei a rédea do cavalo e tornei ao povoado Sargaço, sob única disparada. O céu, no momento, abriu as torneiras. Chuva forte e de vento começou a castigar-me as costas. Não parei, não descansei, não titubiei, avancei sempre. E debaixo de tal velocidade eu ia pensando em Carlos. Em nossa amizade. Em nosso primeiro encontro. E depois, tôda aquela fase boa que passei em sua companhia. Fiz-lhe imediatamente o necrológio. Como era bondoso, camarada, sincero, fiel e trabalhador! E baixinho, murmurava outros adjetivos. Como dizer à família? Mentalmente, redigi vários telegramas. Eu não achava, contudo, têrmos bastante diplomáticos e confortadores para dar a notícia. E jogava sempre à cesta os meus rascunhos mentais. Finalmente, resolvi mandar dizer aos membros da família que êle estava gravemente doente, com o intuito de preparar os espíritos. Depois mandaria a trágica notícia. As lágrimas surgiram e se confundiram com as gôtas d'água que me açoitavam o rosto.

A volta para mim foi uma eternidade, e entrei na povoação como uma avalanche. Pulei célere do cavalo e penetrei no hotel. Em minha ansiedade, não divisei ninguém. A

(Cont. na pág. 50)

Ilustração de JERONYMO RIBEIRO



ASSIM NASCEU A AVIAÇÃO

SEGUE

DO SONHO DE UMA CRIANÇA À REALIDADE DE HOJE ★ A FRANÇA RESTAURA O MONUMENTO DE SAINT-CLOUD

— Homem voa?

— Voa!

A esta resposta do menino Alberto as outras crianças, que brincavam em casa dos pais de Santos Dumont, caíram na gargalhada. Ora, quem já vira homem voar! Mas o menino teimava entre a hilaridade de todos, grandes e pequenos: "Homem voa!"

O episódio logo foi esquecido por todos e Santos Dumont perdeu aquêle ponto do folguedo infantil que, nos velhos tempos, fazia as delícias de um lar cheio de crianças álacres e felizes. Passaram-se os anos. Alberto, que sempre tivera inclinação para a mecânica, não perdia oportunidade para examinar engrenagens na fazenda de café pertencente a seu pai. E um dia, com surprêsa para todos, êle desejou ir para a França a fim de tentar a realização de seu sonho de infância: mostrar que o homem pode voar como os pássaros.

Até então os vôos do homem eram todos êles à base de ar quente, hidrogênio, ou qualquer gás que tornasse o balão mais leve que o ar. Mas Santos Dumont não queria subir e ficar à mercê das correntes atmosféricas, ao sabor dos ventos. Êle sonhava com a dirigibilidade, manuseando aparelhos que tivessem a virtude de enfrentar os ventos e seguir para onde bem desejasse. Quando começou a desenhar seus "charutos", balões a hidrogênio, mas em forma cônica nas duas extremidades, não faltou quem o aconselhasse a desistir do intento, pois teria um fim trágico, na primeira ascensão.

A "Demoiselle" media 10 metros quadrados de superficie de azas; era 8 vezes menor que o 14bis! Com ella, durante um anno, fiz vôos todas as tardes e fui, mesmo, em certa occasião visitar um amigo em seu Castello.

Como era um aeroplano pequenino e transparente, deram-lhe o nome de "Libelule" ou "Demoiselle".

Este foi, de todos os meus apparelhos, o que conseguiu maior popularidade.

Santos=Dumont

"A Encantada", 15-2-1920.

Reprodução do aviãozinho de Santos Dumont, "Demoiselle" (libélula), como o batizaram em Paris, e uma descrição extraída do álbum de Mme. Dodsworth Marins.

ASSIM NASCEU A AVIAÇÃO



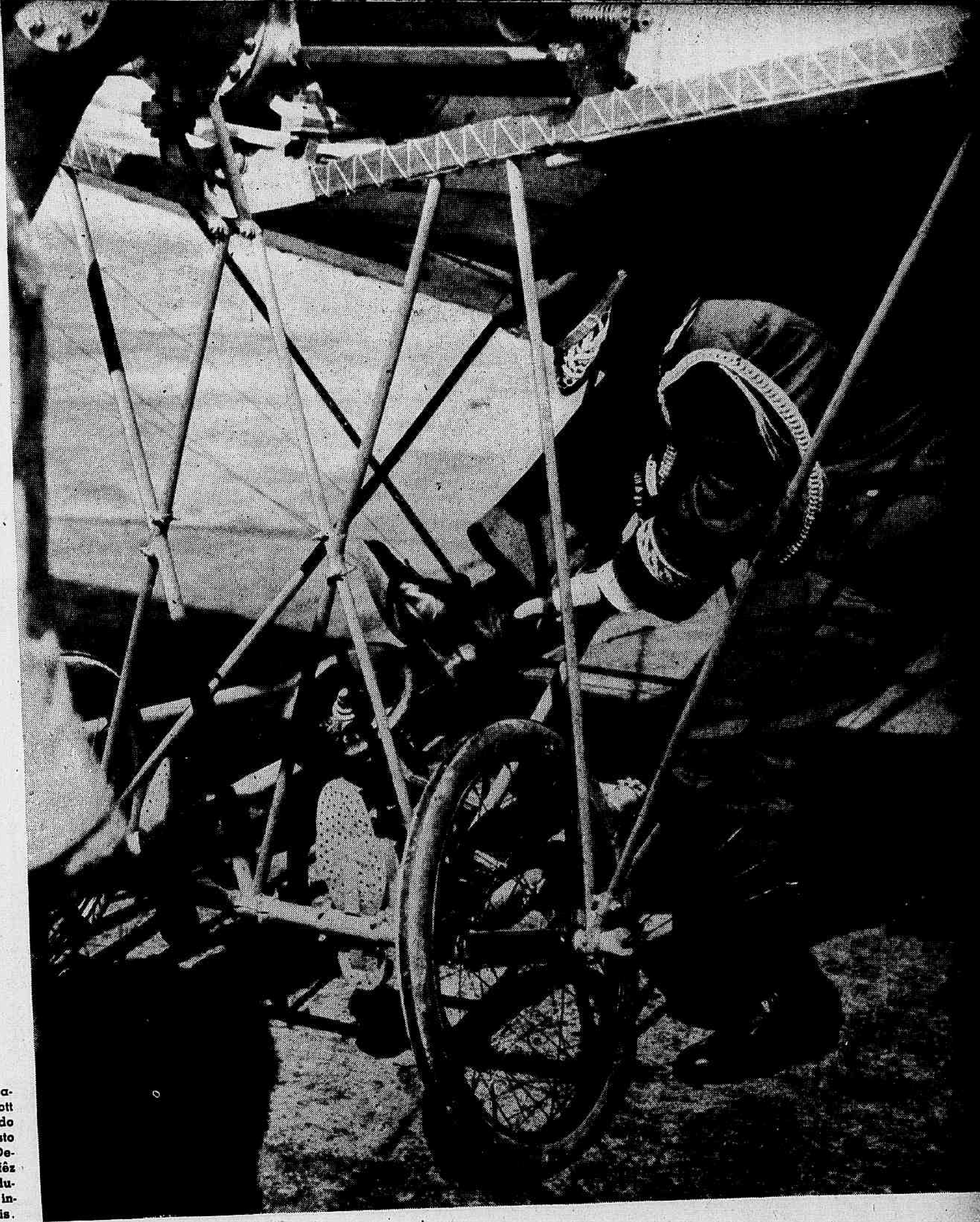


O Ministro da Aeronáutica do Brasil, Sr. Nero Moura, o Embaixador do Brasil na França, Ouro Preto e Montel, Secretário de Estado do Ministério do Ar Francês, se fizeram presentes ao ato de inauguração do monumento.

Mas o espírito de tenacidade de Santos Dumont continuava a repetir; "Homem voa!". Já agora ninguém ria dêle, mas deploravam sua teimosia. Depois de muitas experiências, ei-lo a disputar, sem concorrência, o primeiro prêmio Deutsch, de cem mil francos. Partira de Saint Cloud e fôra até à Tôrre Eiffel, contornado-a e voltando ao ponto de partida. Mas a Comissão de Julgamento decidira que êle não devia receber o prêmio, porque gastara 35 minutos e não trinta, como estava determinado. Santos Dumont não esmoreceu nem contestou. Êle construiria outro balão esférico e faria a volta à tôrre dentro do tempo exigido para a prova aeronáutica. E assim sucedeu, depois de haver perdido todo o trabalho com o seu esperançoso "Santos Dumont" n. 5, destruído quando já se preparava para a ascensão, por lamentável engano de auxiliares seus.

Com o número 6 conseguiu o seu intento. Entre multidão de curiosos, representantes do govêrno de França, autoridades, etc., Santos Dumont fêz a prova e a venceu. Levantaram-se dúvidas. O instituidor do prêmio mandou que fôsse entregue ao aeronauta os cem mil francos. Santos Dumont não ficou com um centavo, e distribuiu aquêle dinheiro pelos pobres da cidade e pelos operários que ajudaram na construção.

À esquerda: cerimônia da inauguração do monumento à memória de Santos Dumont, em Val d'Or, próximo a Chanteloup, Paris, vendo-se no primeiro plano escolares assistindo à solenidade.



À direita: o Brigadeiro Henrique Dyott Fontenele procurando sentar-se no pôsto de comando do "Demoiselle", como fêz Santos Dumont durante um ano inteiro sôbre Paris.

Depois dessa vitória, em 1901, Santos Dumont se dedicou ao problema essencial da aviação: construir um aparelho mais pesado que o ar, guiá-lo nos ares como quem dirige uma bicicleta em terra firme. Êle achava que o motor de explosão resolvia o caso e conseguiu um, retirado de motocicleta. Nada de gás em seus aparelhos voadores. Já descobrira a dirigibilidade; agora era preciso inventar uma máquina voadora sem gás e sem barquinhas cheias de areia. Surgiram os conselhos de amigos. Engenheiros afamados foram de parecer que isso seria uma loucura, um suicídio. Mas Santos Dumont continuava a ouvir aquela mesma afirmação de quando era criança lá na fazenda paterna: "Homem voa!"

Construiu vários aviõezinhos, mas o que conquistou o povo francês foi o seu "Demoiselle". Êsse apelido não era do inventor. Foi-lhe dado pela alma da França, entusiasmada com os êxitos do brasileiro no domínio dos espaços. O "Demoiselle", nome que, em francês é a nossa libélula, ziguezague, e tantas outras denominações regionais, era um aparelho frágil, transparente, com um leme na cauda que lhe dava a aparência daquele popular inseto dos rios e pântanos. Depois de ter vencido outro prêmio e empolgado a França, Santos Dumont passou a andar pelos ares de Paris, como quem toma um carro de praça ou monta bicicleta. O povo da Cidade-Luz já se habituara a vê-lo em suas travessuras por sôbre os telhados, e, de quando em quando, a notícia de que o brasileiro audaz fôra visitar amigos em lugares das vizinhanças da capital.

Estava resolvida a grande incógnita: o aparelho voador devia ser com motor de explosão, e não a hidrogênio. Santos Dumont demonstrara que o homem voa e dirige o seu vôo para onde bem quiser. Seu nome entrou na História da Aviação como o seu descobridor, o "Pai da Aviação". A França lhe ergueu, no local de sua ascensão histórica, um monumento, destruído quando da última grande guerra pelos invasores alemães.

Agora, porém, no ensejo da passagem do cinqüentenário do primeiro vôo dirigido por Santos Dumont, o govêrno e o povo da França voltam a recolocar no mesmo lugar a estátua simbólica da conquista do ar pelo genial brasileiro. E' uma alegoria significativa, com uma figura de mulher se dirigindo aos ares com suas asas abertas num impulso inicial, tendo ao centro do bloco que forma a coluna de sustentação, a efígie de Santos Dumont em medalha oval.

Está reconstruída a homenagem e o nome do inventor volta a empolgar o povo francês, que nunca perde ocasião de consagrar-lhe a memória imperecível, como o verdadeiro "Pai da Aviação".

E AS CIGARRAS DEIXARAM DE CANTAR...

A MORTE TRÁGICA DE MIREILLE



UMA catástrofe, a 24 de abril último, deu-se em Menton, no sul da França e abalou o país, não tanto pelo número dos mortos, como pelo inesperado da desgraça e pela figura delicada que foi sua maior vítima. A chuva, a chuva inocente, quando cai tranqüila, a chuva benéfica que faz brotar nas terras adustas a flor mimosa e o rebento, que alimentará depois ou dará sombra, cobriu de crepe uma cidade e transformou em tragédia a vida pacífica de uma população inteira. À tarde daquele dia de chuva torrencial, que durava horas, a montanha que cercava a cida- dezinha, como que começou a derreter-se e a escoar uma lama, a crescer, a crescer como a maré montante. As casas desenraizadas desabavam, outras, de madeira, corriam levadas pela correnteza, arrastando criaturas humanas, nos horrores de uma agonia trágica, cadáveres dentro em pouco, envolvidos por um manto de limo barrento.

De tôdas as vítimas, a que deixou mais profunda impressão em França, foi Mireille Taulaïgo, que era como todo o canto das cigarras da Provença, com o seu nome simbólico do poema de Mistral, tôda a beleza adolescente num rosto angelical, tôdas as virtudes num mesmo coraçãozinho que começava a palpitar. E depois todo o luto em tôrno ao seu caixãozinho alvo, florido de branco, junto ao qual uma pobre mãe, que já verteu tôdas as lágrimas e a dor petrificou... Tinha 17 anos. Linda e loura, sem orgulho, tôda graça e encanto, era uma pequena rainha do grupo folclórico local. Adorada pelos pais, pequenos negociantes, estudava para professôra. Naquela tarde, súbito a angús- tia a imobilizou, quando ela viu descer do alto da colina aquela "qualquer coisa" que é o princípio da avalanche. Era trágico, mas era sonoro, como uma floresta em marcha. Era o belo horrível, era o fim do mundo, todos os seus ruídos, pareceu-lhe. Gritos lancinantes por tôda parte, e entre êles Mireille distingue bem, na casa vizinha à sua os de dois meninos e uma menina da família Schimise.

Êles tremiam de mêdo. Mireille poderia salvar-se, se os deixasse e partisse rápida pela estrada, por onde seguiam os outros habitantes de Menton. Mas Mireille voltou. Um após outro ela os levou para os andares superiores, onde ficariam a salvo. Quando chegou à rua, já era tarde, o lamaçal andante a envolveu e a carregou de roldão. Ela gritou! Sua mãe atônita nada podia fazer, pois tinha nos braços os garotos que Mireille salvara. E ela foi rodando e o lamaçal a atirou no rio, no Carei, cuja torrente impetuosa a arrastava para o mar, cada vez mais, para o mar implacável! Mireille não queria morrer: nadou, nadou contra a corrente, dois quilômetros, tentou chegar às mar- gens, mas o rio era um caudal fortíssimo. Um pescador ouviu seus gritos, procurou salvá-la, mas chegou junto a ela no momento exato em que a água lamacenta e poderosa a arrastava para dentro de um túnel, que ia acabar no mar, exatamente. Tudo acabou. E na imaginação de todos ficou o horror daqueles últimos instantes da linda Mi- reille no tenebroso túnel, debatendo-se contra a correnteza, querendo viver, querendo viver. No pôrto, um cruzador americano, o *Stephen Topper*, lança seus holofotes, desce suas vedetas, consegue apanhar ainda com vida o corpo débil e arfante da linda flor humana, agonizante. Ela morria. Levam-na ao Hospital. E o anjo que voltava para as regiões celestes, de onde viera, balbucia apenas: Mamãe! Papai! Menton em pêso chora em tôrno ao seu esquife branco. E parece que as cigarras da Provença deixaram de cantar naquele dia.

Aventuras do Capitão Rob

Uma Aposta Temerária







43 Para Frank Morris, ao desespêro de ver que seu iate estava à matroca, na iminência de arrebentar-se de encontro aos recifes, sucedeu o maior desafôgo, quando o socorro conseguiu lançar um cabo e atrelar o iate ao rebocador que chegava no momento culminante. Tudo pronto, o "Viking" voltou à normalidade entre "hurras" de todos, menos de Larry, que ficara indignado com o salvamento do barco, considerado um dos mais fortes concorrentes da grande prova. Além disso, aquela corrente cortada poderia ser prova perigosa em caso de sindicância. Mas êle confiava em Jojo.







44 Logo que o iate chegou ao pôrto, Nils tratou de examiná-lo no sêco. Só então pôde verificar o motivo por que o barco desgarrara. A corrente não se quebrara, fôra cortada propositadamente, num atentado criminoso de sabotador. O casco apresentava sinais de avaria, mas coisa sem importância. Nils convoca todos os companheiros para investigações e sugestões. Quando estão trocando idéias chega Larry. Diz êle que o seu barco também sofrera sabotagem por indivíduo misterioso, com a danificação de seu aparelho de marear. Mas — perguntavam — quem seria a alma danada que agia assim?







45 Nesse ínterim chega ao pôrto de Suva, na ilha Viti, uma das Fidji, a lancha "Pandora", pilotada por Marga e Willy, as velhas amigas de Rob. Enquanto aguardavam os iates em viagem para ali, as duas moças aproveitaram o tempo a fim de darem passeios pelos lugares mais pitorescos da ilha, filmando o que de mais curioso lhes fôsse possível observar. Sempre as seguindo se via um indivíduo. Era Tobias, agente secreto de Larry, seu cúmplice nos atentados contra os concorrentes. Num ponto do outeiro, elas avistaram os veleiros a entrar no pôrto em mais uma etapa. O de Larry vinha à frente.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA: — Depois de haver recebido o seu novo barco, "Liberty II", Rob ganhou uma regata na qual entrara o milionário Brookfeller, o qual, entusiasmado com o feito de Rob, instituíra o prêmio de 500 mil dólares para o navegador que conseguisse atravessar o Pacífico até a um pôrto holandês, de onde era Rob. O próprio milionário inscreveu-se, depositando o cheque num Banco. Vários outros concorrentes tomavam parte na prova, dentre êles Larry, capitão de um veleiro de maiores proporções. Larry era conhecido como tipo de maus precedentes, ambicioso e de mau caráter. A primeira etapa foi ganha pelo cap. Rob. Mas, daí em diante, uma série de acidentes, muitos graves começaram a ocorrer com os barcos da travessia. Um incêndio, avarias no iate de Rob, desgarramento de outro com a corrente da âncora cortada, etc. Todos estavam apreensivos com os acontecimentos, mas não sabiam quem era o criminoso. Bill, ex-tripulante de Larry, estava trabalhando para pô-lo fora do páreo.



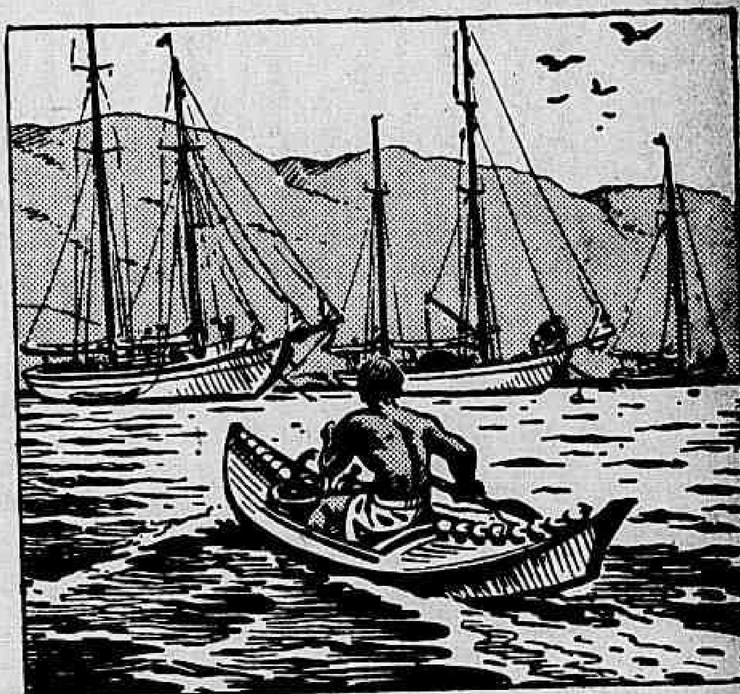




46 Com efeito, o primeiro a chegar fôra o "Memphis", pilotado por Larry. Era a primeira vez que êle chegava em primeiro lugar até àquela etapa. Logo que lançou âncoras, foi falar com seu comparsa Tobias. "Que organizou amigo?", perguntou. "Agora não falharão nossos planos. Consegui isto", e lhe mostrou um engenho infernal. Era uma bomba-relógio metida dentro de um melão maduro e saboroso .E explicou: "Vou mandar a Nils uma cesta de frutas, como presente da missão evangélica norueguesa da ilha". Larry exulta. Com a explosão da bomba, marcada para as sete, tudo se conseguiria.







47 Tobias vai ao pôrto e entrega a cesta de frutas a um nativo para que êste a levasse ao "Viking", e aponta o barco. O "Viking" seria a próxima vítima, e estava ancorado entre o "Memphis", de Larry, e o "Liberty II", de Rob. Marga e Willy, de uma elevação, viram Tobias entregar a cesta ao barqueiro e o reconheceram como sendo o cidadão que as seguira sempre. Willy, que era repórter, filmou a cena com sua máquina. O nativo saiu a remar em direção ao ponto indicado por Tobias. Eram cinco da tarde, e, duas horas mais a bomba explodiria, levando aos ares o barco de Nils, o "Viking".



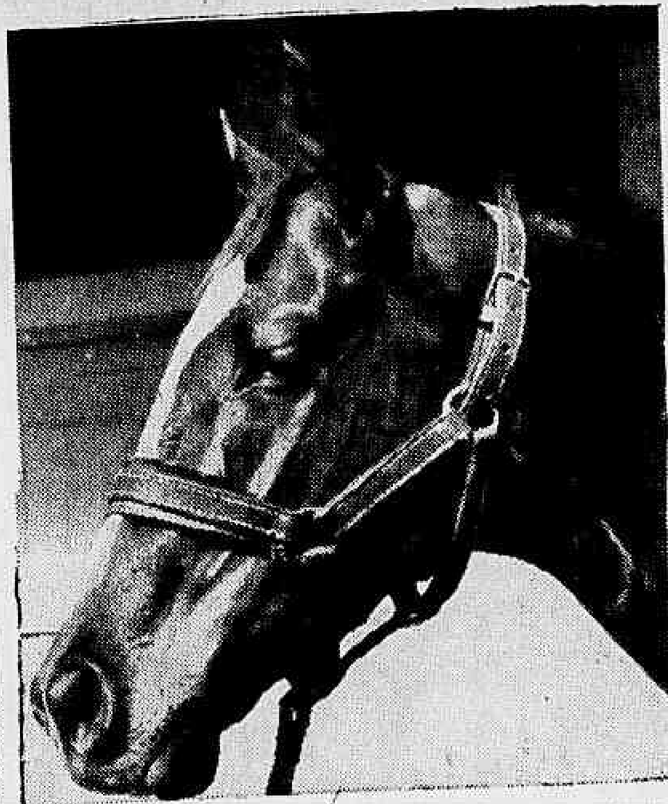




48 Nils reunira a bordo vários convidados, inclusive Larry, o qual, de quando em quando consultava as horas, ansioso pela explosão. A cesta trazia uma etiquêta: "Com os cumprimentos da Missão Norueguesa". Nils estava contente com a delicadeza dos seus compatriotas. O melão fôra colocado sôbre uma mesa de seu camarote. Quando todos bebiam e palestravam, presentes Marga e Willy, Bill, tripulante de Nils, teve sua atenção chamada por um ruído misterioso que vinha do melão. Êle fôra ao camarote do patrão, a fim de arrumá-lo. Era um "tic-tac" misterioso, que não de relógio de bordo.

APROXIMA-SE O GRANDE DERBY

A CIDADE VIVERÁ A SUA MAIOR FESTA NO PRIMEIRO DOMINGO DE AGÔSTO



Pontet Canet, o vencedor de 1951



MAIS alguns dias de espera e teremos a vista o Grande Prêmio Brasil de 1952. A 3 de agôsto a cidade voltará a concentrar-se no famoso Hipódromo da Gávea para assistir à sua tradicional reunião turfista, indiscutivelmente a maior festa esportivo-social da metrópole. Já se distingue nas fisionomias êsse tom de ansiedade que precede os grandes acontecimentos. O ambiente é de intensa expectativa, na previsão do espetáculo maravilhoso que nos será dado apreciar. E todos se apressam para o empolgante "meeting", as damas se esmerando no preparo das custosas "toilettes", os homens olhos postos no campo da grande prova internacional, procurando divisar o seu possível ganhador. E certamente teremos a repetição daquelas fascinantes tardes de outros anos, com a sua "big-parade" de elegância e bom-tom, onde a beleza das mulheres se confunde com o fulgor das vestimentas e dos adereços caros; com os lances espetaculares da eletrizante carreira; com o esplendor daquelas multidões tomando de ponta a ponta as dependências do belo prado e com a quebra de recordes como acontece todos os anos. Aproxima-se o Grande Derby. E a cidade tôda se agita, na ansiosa espera. E os aspectos do Grande Prêmio Brasil do ano passado, que ilustram esta página, são uma antevisão da magnificência que marcará o transcurso do Grande Prêmio Brasil de 1952.



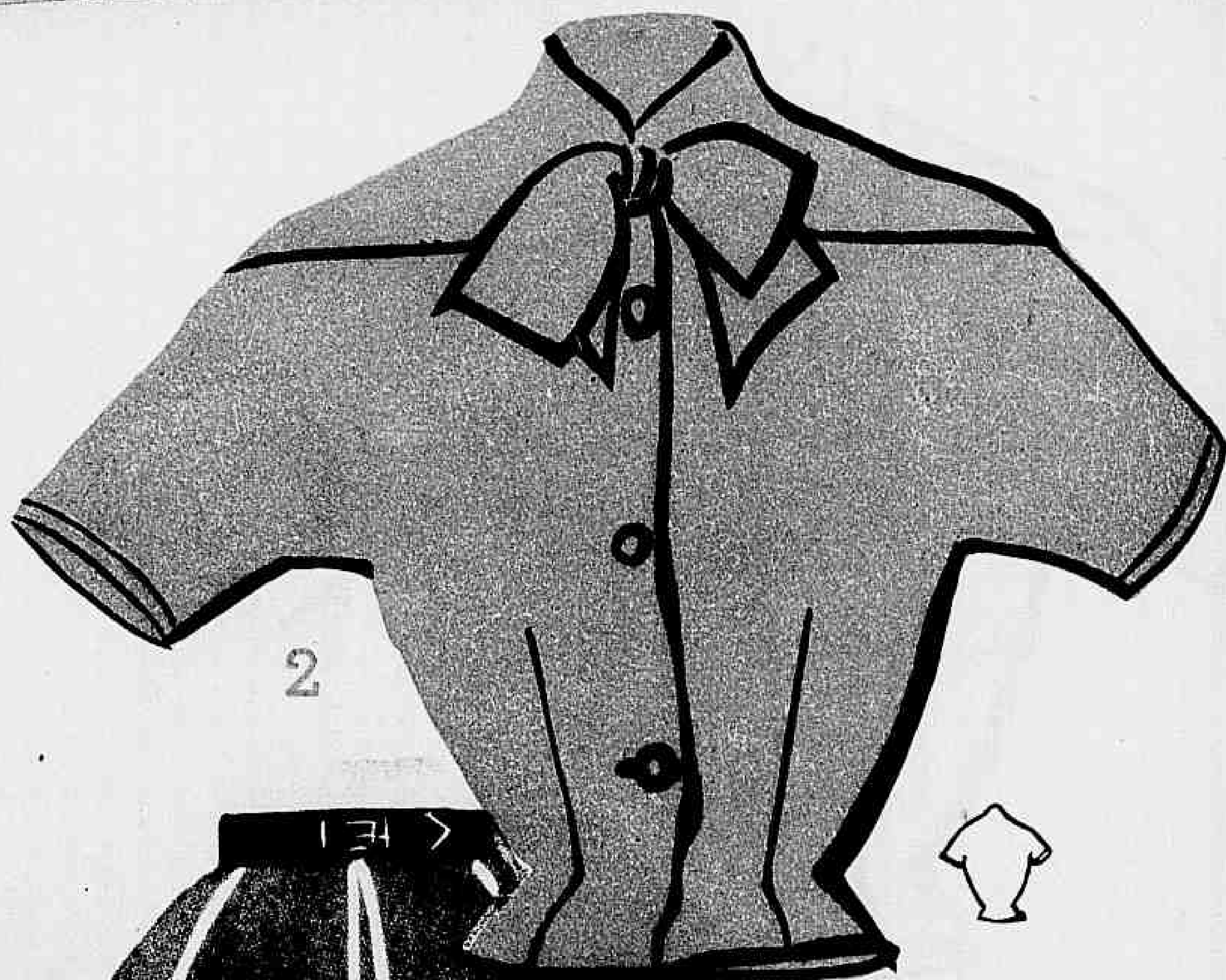


UMA SUGESTÃO



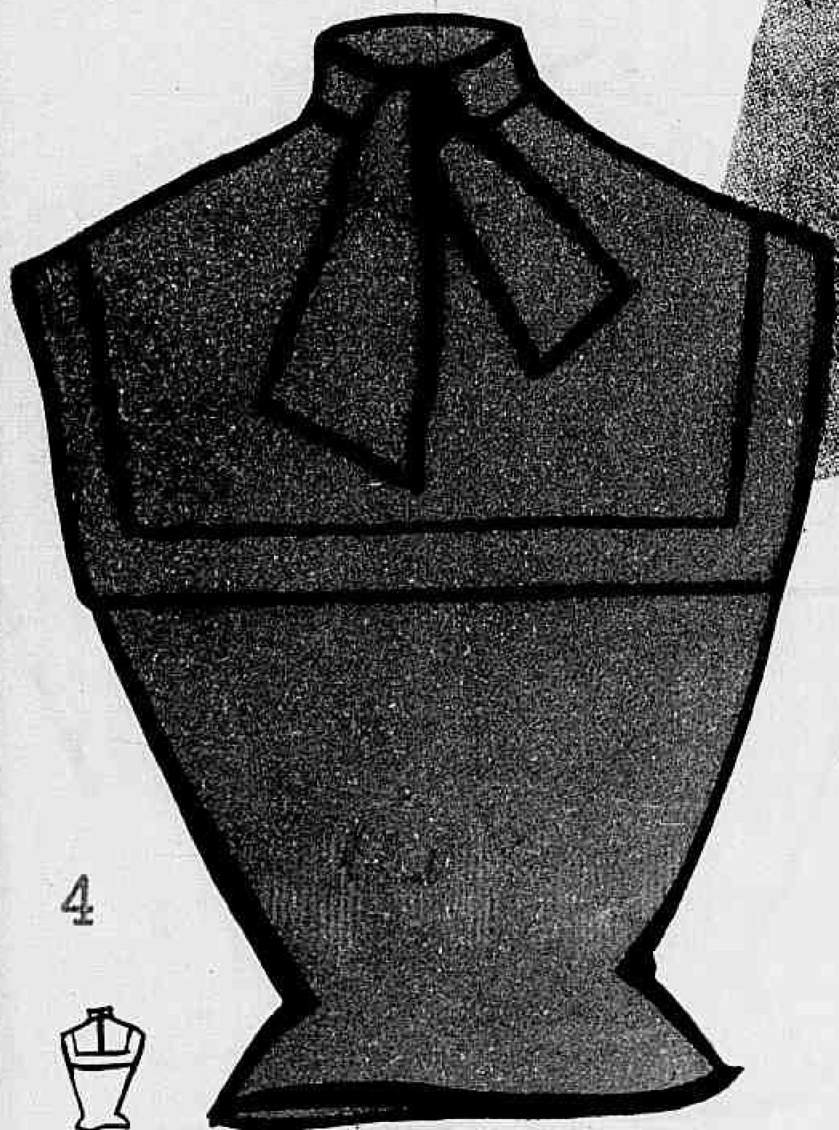
Muito elegante, êste modêlo em lã grossa, apresenta uma guarnição em peles simulando um bolero. (Diagrama na pg. 45)

UM ESTILO JOVEM

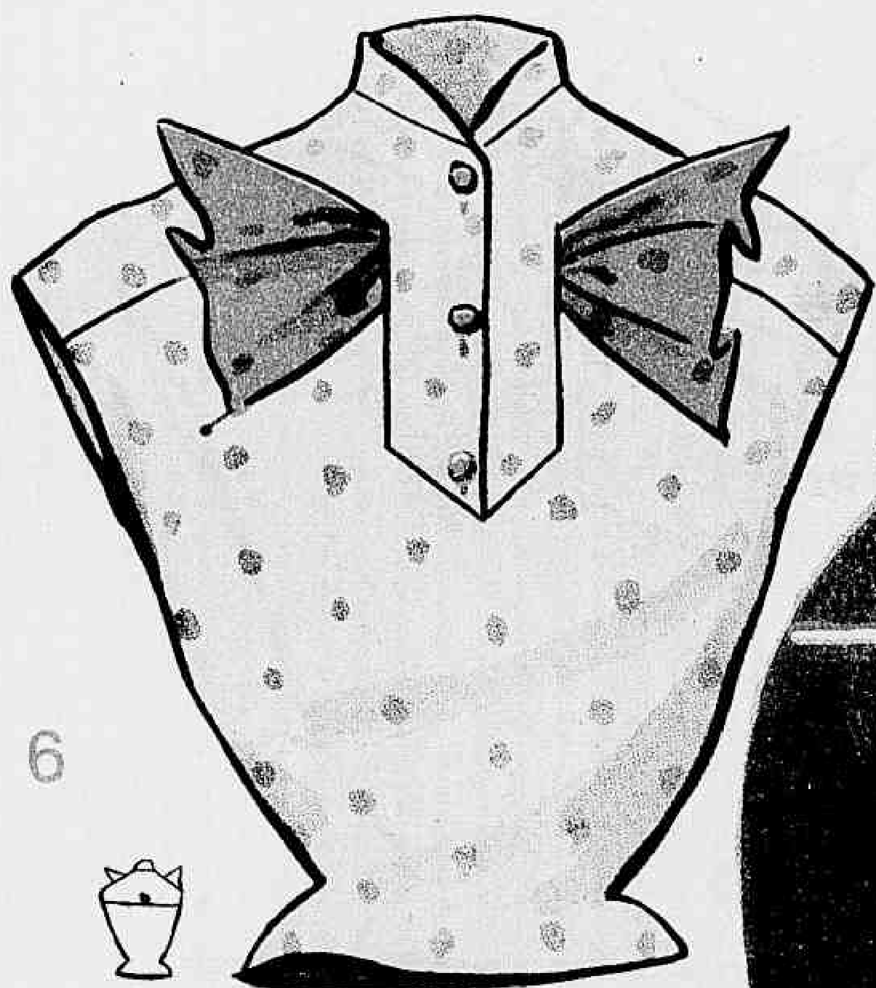

2


3


1


4

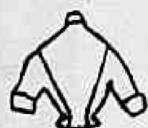

5



6



8

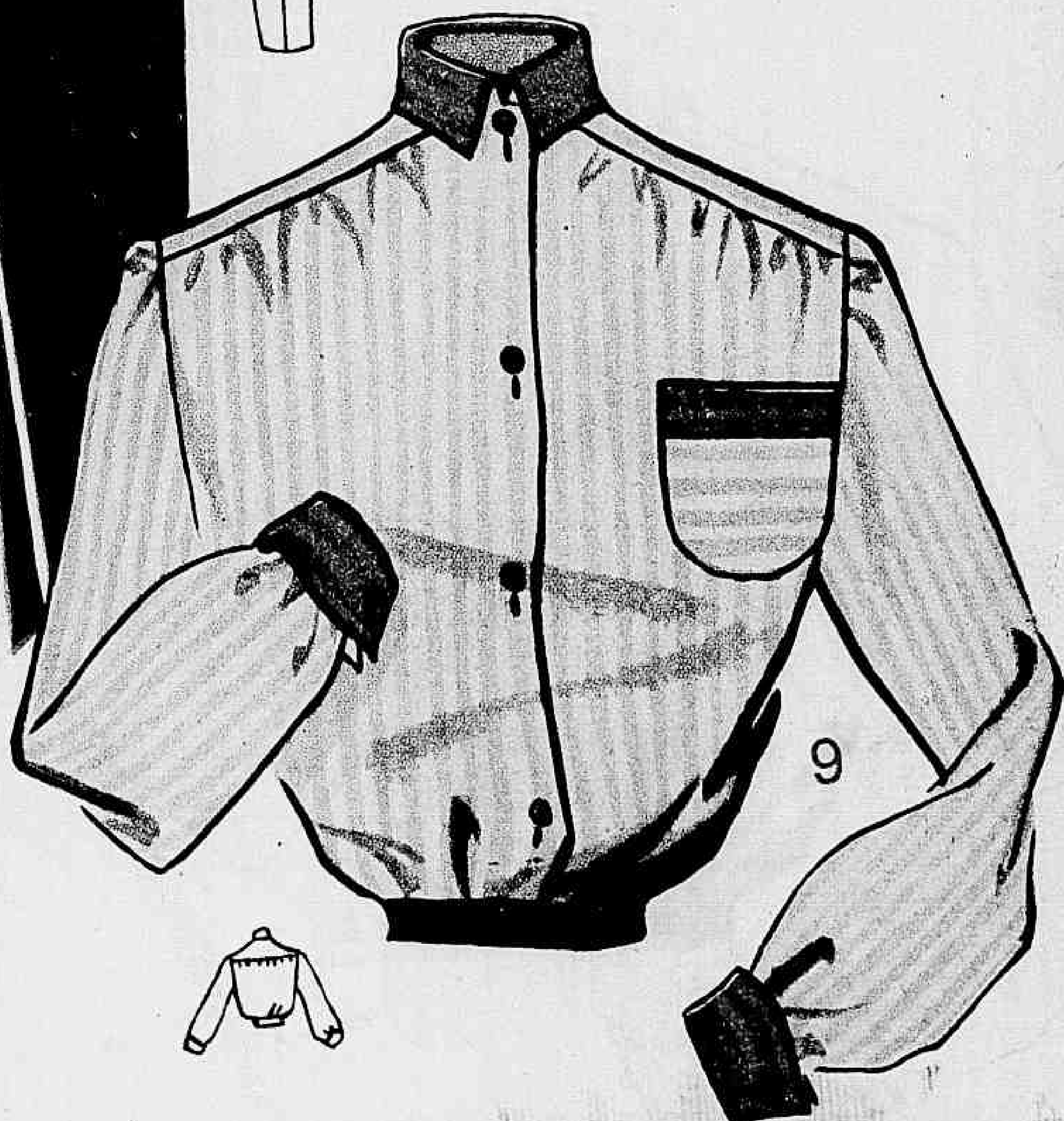




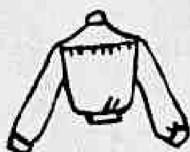
7



10



9



1 — Saia de lã em seis panos, sendo que os dois da frente form-
ao centro um macho fundo. 2 — Blusa sem mangas, com aplica-
ção formando pala quadrangular; gola subida formando gravata.
3 — Blusa com enfeites pespontados e gravata de fita "gros-
grain" num tom diferente. 4 — Blusa de mangas japonêsas e pala
em feitio de lenço. 5 — Blusa muito simples, de mangas com
costuras nos ombros e gola e punhos em tecido eiviesado. 6 —
Blusa em xadrezinho, com pala enviesada. A gola é muito su-
bida e as mangas têm punhos duplos. 7 — Blusa de gran-
des "pois", cuja pala se prolonga na frente, com original gra-
vata "moustache de chat". 8 — Blusa muito elegante e que
tem o condão de afinar a silhueta, com bolsos abotoados. 9 —
Blusa no clássico estilo "chemisier", listrada, com um bôlso atra-
vessado e punhos virados. 10 — Saia de linha direita, subindo
até acima da cintura, com dois bolsos atravessados embutidos e
um macho duplo abrindo na frente de uma certa altura para baixo.



Sugestivo casaco, amplo, de linhas retas, é o que apresentamos nesta página, além de quatro outras sugestões várias. (Diagrama na página 45).





NÚPCIAS

REALIZOU-SE, às dezoito horas do dia doze de julho, na igreja da Candelária desta capital, o enlace matrimonial de Myriam e Milton, respectivamente filhos dos casais Drault Ernanny de Melo e Silva e Senhora, e Severino Bezerra Cabral e Senhora. Duas importantes e distintas famílias paraibanas vêm robustecer, na capital da República, os laços que as uniam lá no nordeste, através da comunhão de dois rebentos separados pelas distâncias e unidos pelo amor. A cerimônia matrimonial da Candelária reuniu o que de mais aristocrático e elegante possui a sociedade carioca, dada a posição de ambas as famílias, constituindo um ato social e religioso dos mais significativos em nossos registros. Após o enlace, os pais da noiva, Sr. Drault Ernanny e Senhora, ofereceram uma recepção aos convidados e demais pessoas de suas relações, em seu palacete na Estrada da Gávea Pequena, 1080, conhecido como Casa das Pedras, um dos mais belos solares de que se orgulha o Rio, objeto de admiração de quantos o conhecem. O casal Drault Ernanny se desvelou em atenções para com todos, tornando-se aquela reunião de elegância e grande distinção social, o fato culminante entre os acontecimentos sociais do mês, cuja repercussão na alta sociedade carioca será sempre lembrada.

O jovem casal seguiu em viagem de núpcias para os Estados Unidos, onde deverá demorar cêrca de sesenta dias.

NO TEATRO DE ROMA



Renato Rascel merecia o maior laurel de Cannes. Seu trabalho em "Il cappotto" não foi superado. Ninguém melhor interpretação apresentou no festival de cinema.

NEM PEITO NEM UMBIGO DE FORA



Renato Rascel sem "make-up". Apenas Renato Rascel, moço e com futuro admirável. Ator perfeito.

A ARTE DE RENATO RASCEL UM DOS MAIORES ATORES DO CINEMA E DO TEATRO ITALIANOS ★ TEM ÊLE MUITO DO NOSSO PROCÓPIO FERREIRA ★ POPULAR NA ITÁLIA COMO OSCARITO NO BRASIL ★ RASCEL FAZ COMÉDIA, DRAMA, TRAGÉDIA, CANTA COMO FALSETE E COMO "CHANSONIER" DE MONTMARTRE ★ UM DIA ÊLE VIAJARÁ PARA CÁ

Por DANILO RAMIREZ
(ROMA — Maio — Pela "Panair do Brasil")

ESTÁVAMOS ainda em Cannes, quando Alberto Lattuada, voltando-se para a porta giratória do "Carlton Hotel", disse: — Êste é que é o Rascel. Meu intérprete de "Il Cappotto", e um dos maiores atores da Itália, atualmente, tanto no cinema, como no palco.

O homenzinho era um nadinha. Um cavalheiro muito pequeno, muito baixinho, muito discreto. Fêz um cumprimento igual ao seu físico e começou a responder nossas perguntas.

Foi aí que êle cresceu e cresceu.

Era o ator Renato Rascel, que conhecíamos da tela, era o intérprete do drama de Gogol, que, agora, tínhamos o prazer de ver em carne e osso.

Renato Rascel não usou nem uma vez o pronome pessoal. Não disse EU, mas sempre um discreto e surdo NÓs. Isso cativou todo mundo, e logo o artista subiu mais ainda no conceito do grupo que se formou à porta do hotel para escutar a nossa conversa.

SÃO PAULO

Uma coisa que êle muito gostou foi de saber que aí no Brasil, o nosso São Paulo, é uma das maiores cidades da Itália...

— Mas como?

— Se Roma tem três milhões de habitantes, Nova York dois milhões de italianos... São Paulo, com os seus 600 mil italianos está bem classificado, não?

O "TEATRO VALLE"

Agora estamos em Roma, onde vimos, pessoalmente, o prestígio de Rascel no teatro e no cinema.

As paredes das ruas carregam seu nome por tôda parte. Até parece que êle é também candidato às eleições administrativas da cidade.

No "Teatro Valle", um pequeno teatro muito parecido com o nosso "Recreio", Rascel, tôdas as noites, realiza seus espetáculos de nove às doze e meia.

Apenas uma sessão, mas uma sessão tècnicamente perfeita, sem atropelos, com extraordinário bom-gôsto, principalmente no que diz respeito às roupas, aos dançarinos, às luzes, às vozes dos cantores.

BOM ESPETÁCULO

Não encontramos no "Teatro Valle" o nu tão comum aí no Rio. Nada de peito e barriga de fora. E o teatro enche, esgota lotações cada noite. A peça fica meses: cinco, seis, oito, dez, quando faz muito sucesso. Nisso Roma não é como Paris, onde as revistas assumem aspectos de propaganda do nu. Mas de tão bem feitas constituem modelos que devíamos copiar, sem cerimônia, aí no Rio, para não fazermos feio quando algum turista distraido nos visitasse.

A LUZ E O "BALLET"

Aliás, é importante registrar que a luz e o corpo de "ballet" são o forte de quase todo o teatro revista da Europa. Nada de sombras, nada de jactos de luz branca sôbre a cara dos intérpretes. Nada de borrões coloridos sôbre os cenários. A luz é um personagem muito importante para ser pôsto de lado.

Como nós estamos atrasados!

O tal do ufanismo estraga tôda a boa iniciativa no Brasil. Fazemos drogas de mau-gôsto, e ainda há gente para dizer que aquilo é ótimo, perfeito, formidável.

No pequeno teatro de Renato Rascel, a luz e o "ballet" são as bases do espetáculo. Um grupo de perfeitos dançarinos. Tècnicamente seguros e obedientes a uma coreografia original, rica, abundante de gestos de beleza e agradável aos olhos. No geral, as mulheres são lindíssimas. E os dançarinos não são, absolutamente, afeminados. O máximo rigor na seleção geral dos tipos. Já em Paris existe uma certa condescendência. O teatro de Rascel pode, sem favor algum, ser considerado dos melhores da Europa, e digno de uma excursão internacional com a sua equipe. Registremos o nome do seu esplêndido diretor de "ballet" Giuseppe Urbani. Vinte e três anos, e Londres e Paris o procuram.

VIAJAR... O BRASIL

— E seria êsse um dos meus maiores desejos — diz Rascel. — Fazer uma excursão pelas Américas e ficar uns meses no Brasil. Talvez pudesse também fazer cinema pela América do Sul... Lattuada tem muita vontade de dar um giro pelo Brasil e — quem sabe? — talvez me fôsse possível... Deixaria aqui o teatro...

RASCEL E PROCÓPIO

— O melhor seria levar tudo para o Brasil. Estamos certos de que você faria sucesso. Temos no Rio um grande ator que muito se parece com você: seu nome é Procópio Ferreira.

— Já me falaram nêle e muito.

— Vocês tirarão uma fotografia juntos para ver quem é mais baixinho.



Eilo no "Carabinieri", um dos personagens da sua revista apresentada no "Teatro Valle": arranca, com sua criação, gargalhada da platéia.

EM ATIVIDADE

Renato Rascel é pequeno como Procópio, mas como o nosso Procópio é grande e capaz de suportar duas horas de cena aberta sem arredar os pés do palco, a dominar o público com mil gestos, mil anedotas, mil improvisações. Rascel ainda não tem quarenta anos. Talvez mesmo nem 35, mas seu nome é conhecido em tôda a Europa.

(Cont. na pág. 51)



Renato Rascel numa imitação admirável de Napoleão Bonaparte, o grande corso francês, e um dos seus mais estrondosos sucessos no teatro.



Outra grande imitação de Renato Rascel que supera a própria realidade: como um dos irmãos Marx. O trabalho é perfeito e denota o talento do ator.

FILHO, MEU FILHO

...UIDO MARTINA

...ON...GENS:

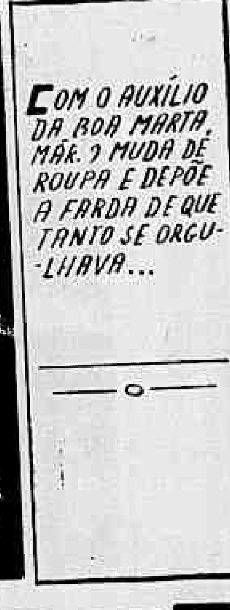
JEAN	RENATO SCAN...
MARIO	FRANCO FA...
ZAIRA	LUIZA A...
SOLANGE	...APO...
DUPUIS	MAXIMO ALTAVILLA

5ª CAPITULO (Resumo da parte já publicada)

SALVOS pelo velho camponês João, Mario e Jean são bem tratados e cuidadosamente vigiados por Marta, a mulher de João. Em poucas palavras, o tenente narra a historia daquela criança que tirara dos braços da "mãe" moribunda. Estão procurando identificar o filho dos Dupuis, quando aparece o Dr. Skolski, trazendo a alarmante notícia dos saques praticados pelos alemães, em tôda aquela vizinhança. O doutor fazia parte dos guerrilheiros e, sem o saber, fôra seguido e mais tarde denunciado aos nazistas. João e o Dr. Skolski esconderam Mário na adega de sua residência





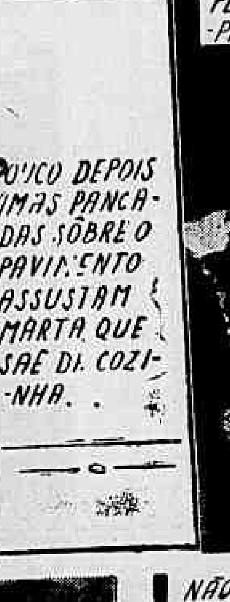


















17



18















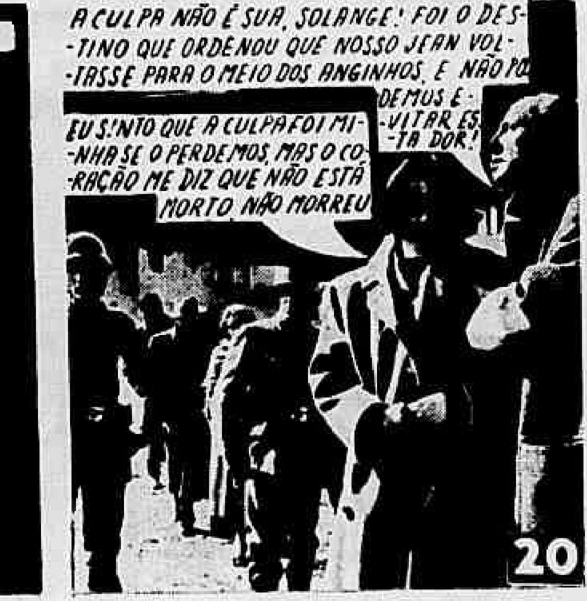






19





20



PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	**Estado primitivo**	**Homem-macaco**
De 1 a 3	Cultura inferior	**Selvagem**
De 4 a 6	Cultura média	**Estudante ginasial**
De 7 a 11	Cultura superior	**Universitário**
De 12 a 14	Genial	**Um sábio**
Tôdas as quinze		**O gênio em pessoa**

1 — DE QUE ESTADO ERA A POETISA E INTELECTUAL NARCISA AMÉLIA:

— Estado do Rio?
— Do Amazonas?
— De São Paulo?

2 — QUE QUER DIZER GALHO AFILO:

— Apodrecido pelo tempo?
— Sem fôlhas?
— Que se dirige para o chão?

3 — QUAL DÊSTES INSETOS É BRAQUIÓPTERO:

— O louva-a-Deus?
— A cigarra?
— A tanajura?

4 — A CANFORA É DE ORIGEM:

— Mineral?
— Artificial?
— Vegetal?

5 — QUE VEM A SER O BARÔMETRO:

— Instrumento para medir a profundidade do mar?
— Aparelho para descobrir petróleo?
— Instrumento cirúrgico?

6 — QUAL A TRADUÇÃO DA EXPRESSÃO LATINA: «CURRENTI CALAMO»:

— Dias de calamidade?
— Ao correr da pena?
— Chuva torrencial?

7 — QUE QUER DIZER «CAPENGAR»:

— Tornar-se capanga?
— Dedicar-se aos garimpos?
— Coxear?

8 — UM SINÔNIMO PARA ESTIBORDO:

— Boreste?
— Bombordo?
— Preamar?

9 — QUE QUER DIZER UM OBJETO FIGULINO:

— Feito de barro?
— Comprado no belchior?
— De origem desconhecida?

10 — FULANO MANDOU CONSERTAR OS «QUÍCIOS» DA PORTA. O QUE FOI QUE MANDOU CONSERTAR:

— A fechadura?
— A bandeira?
— Os gonzos?

11 — O «LEVÍTICO» É UM LIVRO:

— Do Novo Testamento?
— Do Velho Testamento?
— Do «Corão»?

12 — DE QUE ANIMAL MARINHO SE EXTRAI A TINTA CHAMADA «SÉPIA»:

— Do cachalote?
— Da lula?
— Dos ouriços?

13 — QUE NOME DÃO OS NORDESTINOS À OVELHA NOVA:

— Marrã?
— Tamiarana?
— Bacorinha?

14 — QUE QUER DIZER MONÓLITO:

— Uma serra muito alta?
— Praia alagada?
— Pedra de grandes dimensões?

15 — QUAL O SIGNIFICADO DA PALAVRA OJERIZA:

— Antipatia?
— Vontade de comer?
— Enjôo de mar?

(Respostas na pág. 54)

CONVERSA DE MULHER

MATAR



SE a mão do homem não deve nunca ferir o seu semelhante, muito menos pode a da mulher matar. E' a mão daquela de quem nasce a vida, a mão que cria, que afaga e acalenta. E' própria da mulher a ternura pelas manifestações de vida, como a pena pelo sofrimento físico, o horror pelo sangue derramado. Estamos atravessando uma época, entretanto, em que são numerosas as mulheres autoras de crime de morte — de Julietas se transformam em Macbethes, esfaqueiam pelas costas o homem que pouco antes acariciavam, atiram, para matar, no pai de seus filhos. Essas mulheres são monstros, taradas, criminosas perigosas, conscientes ou irresponsáveis, sêres que a sociedade deve isolar em castigo ou tratamento. No entanto, o que vem ocorrendo é que matam e são absolvidas, freqüentemente, em aura de absurda simpatia, fazem pose para os jornais, retornam ao contato com gente normal e decente.

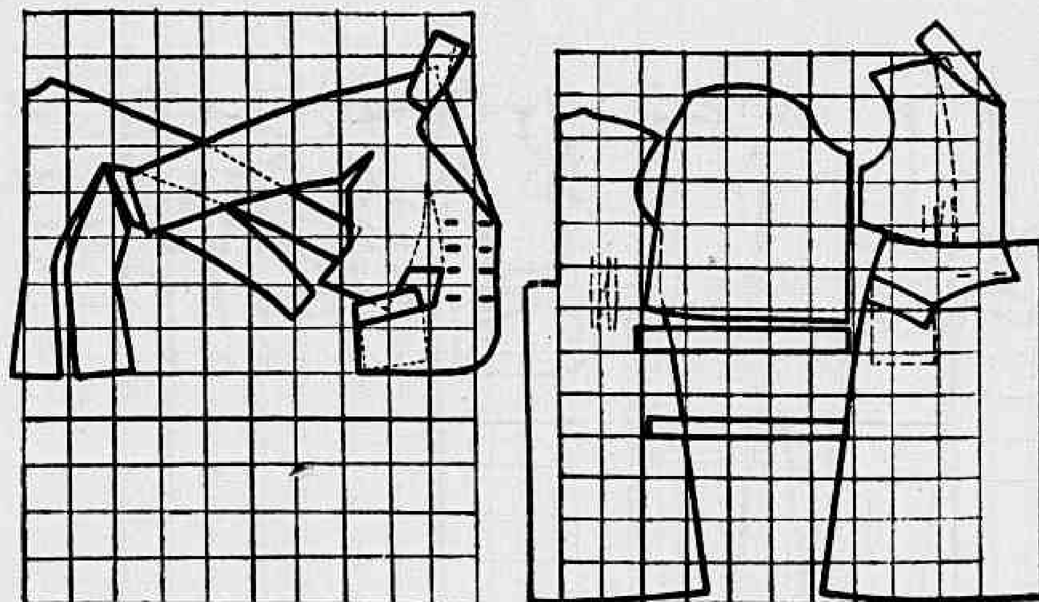
Em conseqüência do errado sentimentalismo que tem absolvido as tristes figuras das assassinas que nos últimos anos se vêm multiplicando nesta cidade, a população está adquirindo uma mentalidade carniceira, propala-se entre as camadas mais desorientadas e amplas da nossa gente a noção da vindita ao preço da vida alheia, as matadoras surgem apresentadas como heroínas que tiveram a fôrça de se vingarem.

E' necessário atentar para essa deformação do julgamento das massas, cuidando de medidas para que os tribunais se manifestem com a justa severidade sôbre o comportamento daqueles que infringem as leis sociais e humanas. Só pela decisão acertada dos que são eleitos juízes poderá ir sendo incutido um verdadeiro critério na massa popular.

O criminoso é um infeliz que merece a piedade dos demais por deixar de respeitar as leis da vida e se pôr fora de situação de gozar os benefícios que a existência social pode conceder. Mas é indispensável que seja tratado com rigor para continência de seus impulsos atentatórios da segurança geral e advertência aos caracteres mais fracos ou desprevenidos. A imprensa faz, com fitos de sensacionalismo, um cartaz que não convém de tipos perniciosos como as Suelys, suscitando prejudicialmente a solidariedade indevida de pessoas desavisadas para com réus de crime de morte e formando ambiente que influencia no mau sentido a opinião dos júris. Mas a verdade é que qualquer um que empunhe um revólver e dispare para matar, entrincheirando-se após o crime numa defesa feita de razões de ódio, sem vislumbre de contrição, não é simplesmente um desvairado, mas reiterado criminoso, e precisa ser punido.

A vida anda muito por baixo, com o aperfeiçoamento dos engenhos de guerra e a facilidade com que se deixam impunes os assassinos, o que significa que o sentido de seu valor está desviado. Tratemos de recuperá-lo.

ISOLETTE



Diagramas dos modelos de n. 3, apresentados nas páginas 35 e 37 do número anterior.

ROTINA DE BELEZA

HORA DO BANHO



Muito mais do que se pensa, freqüentemente uma dona de casa só tem realmente descanso à hora do banho.

Use êsses preciosos momentos, leitora, para algo mais do que simples emprêgo de água e sabão. Faça render o seu valor empregando alguns truques que muito farão por você enquanto se banha.

- Passe uma loção oleosa por todo o corpo para amaciar a pele. Além do perfume, um resquício do óleo permanece em sua pele, acetinando-a. Depois que se enxugar, pode, se quiser, dar-se ao luxo de uma fricção, por todo o corpo, da loção para as mãos.

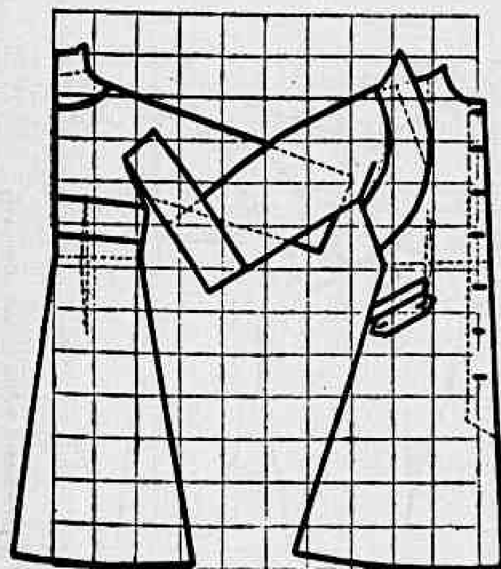
- Todos os produtos lubrificantes têm mais efeito combinado com calor e umidade. Assim, use o creme para os olhos, o creme para o rosto e o creme para a cutícula enquanto toma banho.

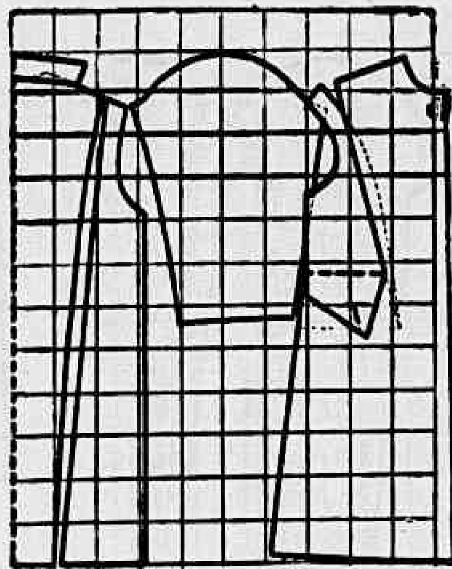
- Não esqueça o emprêgo da pedra-pomes nas calosidades dos pés e das mãos. Esfregue a pele úmida com a pedra-pomes passada em sabão.

- O benefício dos sais de banho não é apenas o perfume, mas também tornarem mais emoliente a espuma do sabão. Depois do banho, uma pulverização com talco fará mais confortável o ajuste da cinta e das meias.

- Se tem dificuldade para se levantar da cama, então deixe para tomar seu banho pela manhã. Mas faça adiante os preparativos na noite da véspera: deixe à mão o roupão, estenda a toalha e despeje um punhado de sais no fundo da banheira tampada. Pela manhã, ponha para correr a água, bem quente ou fria, de acôrdo com o que mais convém ao seu organismo. Esfregue-se com energia, usando uma luva áspera.

- Se, ao contrário, o seu problema é a dificuldade de conciliar o sono, tome o seu banho logo antes de ir para a cama. Encha exageradamente a banheira com água simplesmente morna e empregue preparados suavemente perfumados. Lave-se com gestos suaves e bata a toalha — não esfregue — para enxugar o corpo.





Diagramas dos modelos apresentados nas páginas 35 *e* 38 *dêste número.*

PASSATEMPO

LIDERGRAMA Nº 13

A Montadores de cavalos de corrida →	107	2	8	80	49	67	57
B Pregam →	19	77	120	30	■	■	■
C Lugar onde se dá um acontecimento →	12	58	46	86	112	■	■
D Tempo em que alguma coisa sucede →	99	3	47	22	88	■	■
E Tiro as penas →	20	78	70	96	17	51	■
F Vastas planícies da Rússia →	38	33	110	74	60	7	48
G Abrangem, cingem →	90	100	56	84	34	66	97
H Livro de descontos, de despesas →	14	72	5	54	118	68	53
I Coisa que delicia; encantamento →	21	103	25	35	45	15	113
J Dormia →	39	16	62	32	89	117	■
K Faz pela vida, trabalha tenazmente →	50	106	65	6	31	94	■
L Bastante, suficientemente →	28	42	109	115	92	■	■
M O campo, por oposição à cidade →	11	104	82	4	■	■	■
N Rezem →	41	59	101	52	■	■	■
O Solto lamentos →	79	108	55	71	■	■	■
P Joeiras →	9	36	26	24	■	■	■
Q Bôlo de milho ou arroz moído →	13	98	10	40	1	105	■
R Dizes outra vez →	102	29	76	95	27	61	85
S Cruéis, severas →	83	43	64	91	119	23	73
T Sobrinho do papa; favorito →	87	69	114	111	63	93	■
U Enraivecidas, coléricas →	81	116	37	18	44	75	■

■	■	■	■	■	Q 1	■	A 2	■	D 3	M 4	H 5	K 6
F 7	A 8	P 9	Q 10	M 11	■	C 12	Q 13	H 14	I 15	J 16	E 17	U 18
B 19	■	E 20	I 21	■	D 22	S 23	P 24	I 25	P 26	R 27	L 28	■
R 29	B 30	■	K 31	J 32	F 33	G 34	I 35	P 36	U 37	■	F 38	J 39
Q 40	N 41	L 42	S 43	U 44	I 45	C 46	D 47	■	F 48	A 49	■	K 50
E 51	N 52	H 53	■	H 54	O 55	G 56	■	A 57	C 58	N 59	F 60	R 61
J 62	T 63	S 64	■	K 65	G 66	A 67	■	H 68	T 69	E 70	O 71	H 72
S 73	■	F 74	U 75	R 76	B 77	E 78	O 79	A 80	U 81	M 82	S 83	G 84
■	R 85	C 86	■	T 87	D 88	■	J 89	G 90	S 91	L 92	T 93	K 94
■	R 95	■	E 96	G 97	Q 98	D 99	G 100	N 101	R 102	■	I 103	M 104
■	Q 105	K 106	A 107	O 108	L 109	F 110	T 111	C 112	I 113	■	T 114	L 115
U 116	J 117	H 118	S 119	B 120	■	■	■	■	■	Otaner-Rio		

EXPLICAÇÃO: — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Depois transportam-se para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras. No quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras.

SOLUÇAO DO LIDERGRAMA Nº 12 — ANTÔNIO VIEIRA. ARTE DE FURTAR. «Também há muitos que furtam, confiados em que Deus perdoa tudo; mas já Santo Agostinho os desenganou a todos, que não se perdoa o pecado, sem se restituir o mal levado».



"BUCÓLICA" foi o nome dado a essa escultura. As formas não foram muito extravagantes e, por isso, não resultaram em polêmica. Essa escultura, por êsse motivo, foi uma nota de conciliação, no certame brasileiro.



O visitante, que já estava de espírito contrariado pelas telas, surpreendia-se também diante das esculturas. Êsse "Exu" que aqui vemos, de autoria de Cravo Júnior, teve um papel de assombração. Foi trabalhado em madeira.

A REVOLUÇÃO DOS PINCÉIS

A ARTE MODERNA RASGOU A FANTASIA ★ GANHOU MAIORIDADE, OBTENDO UM SALÃO, SÒZINHA... MAS DOIS TERÇOS DOS VISITANTES DO MUSEU FORAM CONTRA ★ ENQUANTO PROVOCA DEBATES VAI SUFOCANDO O ACADEMISMO

Texto de JOSÉ ASMAR

A garotinha foi levada ao Museu de Arte Moderna pelas mãos de um dos papás, que pagou cinco cruzeiros de entrada. Lá dentro, sentiu-se traída: não esperava encontrar aquêle labirinto de traços, aquela mistura de formas, cujo significado a mente ainda não alcança. Passeou daqui p'ra ali, perguntou coisas e, convencida de que tudo não passava de borrões coloridos, Liliane procurou o livro de impressões e lavrou a sentença:

— Muito gozado!

Um inglês entrou. Estòicamente, defrontou-se com o "Cangaceiro", de Portinari, espiou a "Mulher e o Cachorro", de Di Cavalcanti, afastou-se e aproximou-se dos "Peixes", de Burle Marx, e olhou as "Duas Mulheres", de Santa Rosa. Exclamou:

— God, have mercy on these "artists"!

O desfile prosseguiu e a garotinha Liliane teve muitas opiniões corroborando a sua, inclusive a do cidadão Arnaldo Teixeira, que veio de Belo Horizonte dizer que tem um filho de cinco anos que faz "arte" igual àquela exibida no recinto preparado pelo arquiteto Niemeyer, no térreo do Ministério da Educação. Uma chilena ainda disse: "Puxa!" e a francesa Suzanne Roger largou numa página certa frase com tempêro filosófico.

De um jeito ou de outro, em suma, a arte moderna foi lançada de maneira revolucionária pelo Museu e empolgou a cidade durante tôda a temporada, sufocando mesmo o relêvo de qualquer iniciativa acadêmica.

O ANO EM QUE ELA VIVE

Evidentemente, o modernismo não é de hoje. Nem daqueles dias em que Portinari provocou barulho, com um "Galo" que, diante de tantas outras telas do gênero, posteriores, é até muito sensato. Mas há que se dividirem épocas: a pré-Bienal e a post-Bienal de S. Paulo. Porque só depois do ousado certame bandeirante é que no Rio de Janeiro um grupo de recursos decidiu trazer para os olhos do povo aquilo que ficava guardado pelas pa-

EQUILÍBRIO num fio de bronze. Um homem comum ficou atônito diante dessa obra. Chegou a coçar a cabeça e perguntar o que significava, desprezando a demora de uma análise. Mas estava êle com tempo bastante para isso?

redes particulares, dando a entender-se que apenas Portinari, decorando a Igreja da Pampulha com um S. Francisco de Assis polêmico e realizando outros murais públicos, é quem liderava a arte moderna no Brasil.

Êste ano da graça de 1952, portanto, é memorável, nessa questão.

O MUSEU EM SI

Por exemplo, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro existia discretamente. Neste ano, a Sra. Niomar Moniz Sodré (atual diretora executiva) congregou os esforços dos Srs. Raymundo de Castro Maya, San Thiago Dantas, Walter Moreira Soles, Lauro Salazar Regueira, das Sras. Carmen Portinho e Maria Barreto e de numerosos conselheiros, pelejaram junto ao Govêrno e arranjaram local. Na estréia, já apareciam os principais prêmios da Bienal e o Museu aproveitava a oportunidade para firmar princípio: manter inscrição de sócios e ministrar aulas sôbre a arte que exibia. A tentativa parece que se vai solidificando até muito ràpidamente. O povo discute o gênero e, apesar de não aprová-lo — porque o sentido da arte moderna não conduz para uma tela motivos únicos, de contemplação, de superfície, mas um estudo mais profundo — o povo, apesar disso, não quebra vidraças nem depreda casas. Só teve, aliás, uma gana: foi quando o ex-ministro Honório Monteiro mandou pôr aquela estátua do trabalhador defronte ao Ministério do Trabalho. Também, o monumento parecia representar a preguiça num operário gorducho e de braços cruzados, como se não existisse a COFAP, "née" CCP...

Afinal, o Museu significa uma luta: a de convencer o homem da rua de que a arte moderna não assusta crianças, não é fantasma de cemitério, que sai numa peregrinação bôba na Quaresma e, sobretudo, não faz mal ao metabolismo alheio, podendo ficar sossegado aquêle espectador que se alarmou, asseverando que "abriram a porta da Colônia Juliano Moreira!"

Ou, então, convencer o cidadão que, na rodada pelo salão, receitou:

— Depois disto, meio litro de cachaça!

O Museu, segundo os seus diretores, está disposto a incutir pela persistência um sentido mais amplo, na compreensão popular. Até, se pode dizer, provocar declarações como a do filólogo Antenor Nascentes, dado a bulir com renovações (ortográficas) e que foi um dos poucos a aplaudir com a confissão sôbre a mostra modernista brasileira:

— Interessante, como tudo o que a arte moderna produz.

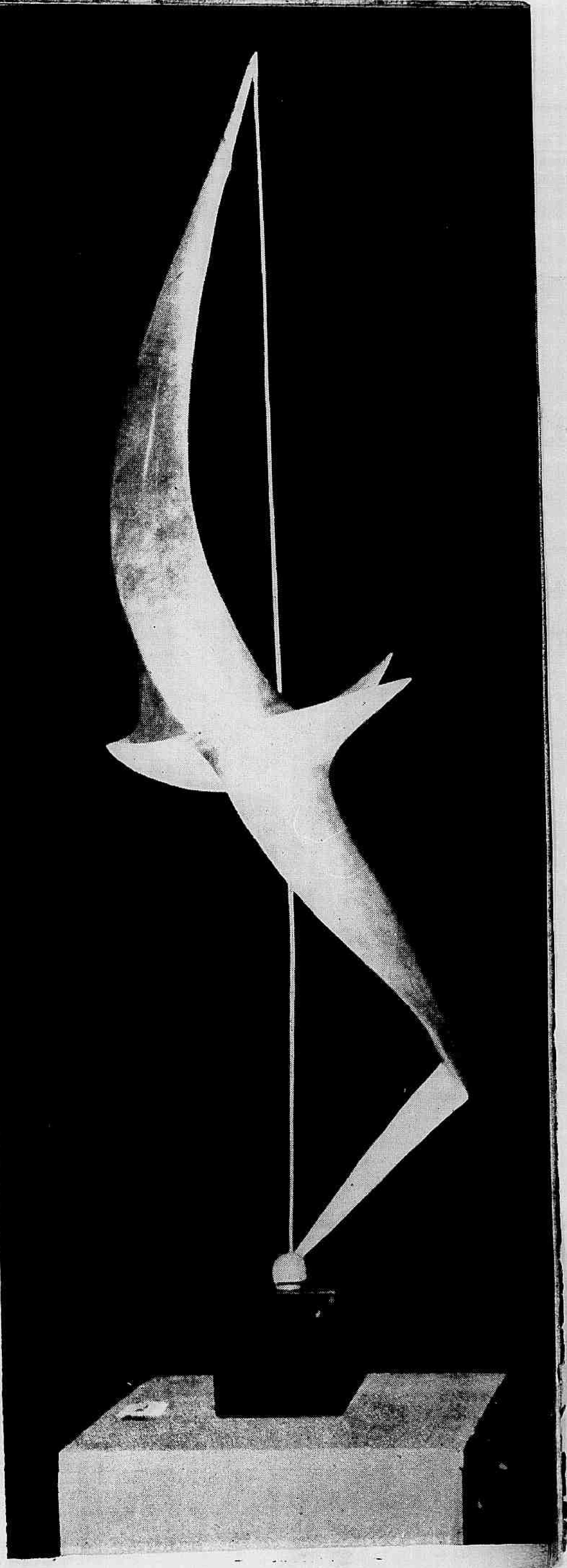
OBSTÁCULOS A VENCER

E' largo o "front" da arte moderna. De começo, eis um problema: adquirir compreensão e admissão. Do grau da compreensão coletiva, a maioria dos visitantes do Museu deixou clara a sua antipatia pelo gênero. E, quanto à admissão, estas duas opiniões bastam:

(Cont. na pág. 54)



NO SALÃO dêste ano, Marcelo Grassman tirou prêmio de viagem. Essas "Visões", gravadas, valeram-lhe bem. Muita gente vai dizer que é fácil talhar isso em madeira, ou melhor dizendo, fazer uma xilogravura...



Nós os cadetes americanos
desejamos exprimir a nossa
gratidão pela oportunidade
de visitar este país maravilhoso.
Nos dias que nós ficarmos
aqui, estamos ao dispor
daqueles que nós procurem.

Frank P. Coppini Thomas C Brown
Sterling P A Darling
Steigelman Robert E Keener
William J Ovberg
Jack R. Logan
William P. Grace III
Roger P. Kolher

Aprovados com distinção. O português está certo. E a letra do "darling" até não é má.

O intercâmbio cultural entre os países do continente americano é um dos postulados da política da boa vizinhança. Assim pensam os novos cadetes da Academia Militar de West Point, que ora nos visitam. Os viçosos rebentos da nação norte-americana são os alunos concluintes do segundo ano do idioma português, que tiveram por almejado prêmio passar as férias no Brasil.

No convívio de seus colegas das Agulhas Negras e no contato com a sociedade brasileira, que os recebe carinhosamente, terão os moços de West Point oportunidade de ouvir o português do Brasil. Os rapazes do professor-capitão Claude S. Hamilton chegaram, domingo, e são hóspedes da Escola de Educação do Exército, no forte São João.

Entre as homenagens que lhes serão prestadas há festas dançantes promovidas pela nossa melhor sociedade, passeios, etc. Não estão, porém submetidos a um rígido programa oficial de festas e recepções o que, na verdade, seria «espêto» para êles que, naturalmente, querem ter uma noção mais exata do país cuja língua estão aprendendo.

Sòmente assim, os vinte dias de convivência conosco poderão valer por um curso prático de português... do Brasil. Sentirão os jovens alunos os costumes do país, habituarão um pouco o ouvido à pronúncia do povo, conhecerão um pouco de gíria, coisa comum em todos os países.

Fazemos votos para que os rapazes visitantes aproveitem muito e, quando regressarem à terra, hajam entre outras coisas, aprendido o significado da palavra «saudade».

OS "BROTOS" DE WEST-POINT



O Cap. Claude Hamilton, prof. de português. Fala devagar... mas fala português.



Price Darling (em português Querido Preço) do Texas escrevendo sua saudação.



Apresentamos Jack Logan, de Missouri.



Êste é Thomas Brown, da Flórida



Êste é Frank Colpi, de New Jersey



William J. Orberg, de New York, aproveita um momento para pôr em dia notas do curso de português.



Aqui está Roger Holker, de Iowa.



William Grace, da Virginia, ajeita a farda de Robert Keer, de W. Virginia. Tudo como bons companheiros.



Ozro Steigelman,. do Delaware.

A SAÚDE DO BEBÊ

FEBRE TRANSITÓRIA DO RECEM-NASCIDO

DR. SABÓIA RIBEIRO

A aparição de uma febre nos primeiros dias de vida da criança, e geralmente entre o segundo e o sexto dia, é ocorrência relativamente banal, que deve suscitar, de logo, a suspeita da chamada **febre transitória dos recém-nascidos**.

Que febre é essa, e qual a sua significação particular nessa fase? A interpretação dessa febre é muito simples, confirmada, aliás, pelo tratamento, que é subministração de água à criança.

Como se sabe, há uma perda de pêso, fisiológica, logo após o nascimento do indivíduo. Ora, com essa perda ocorre uma forte dessecação dos tecidos, que ainda prossegue com as dejeções mucosas iniciadas para o terceiro dia, de côr verde escura, chamadas de transição.

Nas primeiras 24 horas ainda o leite não subiu, e o que vem inicialmente — o colostro — é um leite de ação meio laxativa. De maneira que a criança não compensa pelo leite ingerido a perda da água, ainda aumentada pela ação do colostro.

E' essa perda dágua, com dessecação dos tecidos, que faz a febre do recém-nascido.

E, como se disse, a água é o único remédio para dominar essa febre, seja sob a forma de chá, açucarada ou até por via retal.

Êsses fatos aconselham a medida profilática de não deixar a criança privada de água ás primeiras vinte e quatro horas.

Já na primeira semana o recém-nascido necessita de uma quota mínima de água não inferior a 50 c.c. no 2º dia, de 100 no 3º, e assim 50 c.c. mais para cada dia que segue.

O leite materno, já após 24 horas, subindo em condições suficientes deve bastar a fornecer a quota de água necessária para compensar a dessecação dos tecidos; porém, se acontece não ser o bastante e aparece a febre, então, apurada essa causa — falta dágua, dessecação dos tecidos — a terapêutica é simples: dar liquido generosamente à criança, sob qualquer daquelas formas.

Até a chegada do leite materno não deve, porém, ficar totalmente privado de líquido o bebê que acaba de vir à luz. Essa a primeira medida preventiva da **febre de sêde**. (como também é chamada a febre transitória dos recém-nascidos). Dar-se-á, pois, umas colherinhas de água ou chá, que alguns usam adoçados com sacarina. (100 gramas de liquido com 0,03 de sacarina).

Além da febre a dessecação dos tecidos pode trazer outros transtornos sérios do estado geral. Uma colocação acinzentada da pele, a agitação da criança já um indício do mau estado geral.

A água é um fator indispensável à saúde da criança, em particular no primeiro ano. O menino de peito requér uma provisão de liquidos 3 ou 4 vêzes maior do que o adulto. O afluxo de liquido necessário ao menino de peito alcança, segundo a idade, 100 a 150 gramas por quilo de pêso.

Também mais tarde, quando a criança no uso de certas refeições mais sólidas, é necessário levar em conta êsse fato — na época das sopinhas por exemplo, onde o sal puxa pela água, — e então torna-se indispensável propiciar água à criança nos intervalos das refeições.

A concentração das mamadeiras, por isso mesmo, também, não pode ultrapassar certos limites, e se não devem ser **aguadas**, tampouco devem ser muito densas, mas neste caso é preciso vigiar se a criança não passará sêde.

No manejo do leite em pó é preciso considerar sempre essa questão.

Devido à inobservância dos cuidados com a quota de água no regime da criança, alguns lactentes acusam, ás vêzes, febre, mais tarde, — também febre de sêde, como no recém-nascido.

A propósito, recordemos que o choro do menino de peito, não raro, é uma manifestação de sêde, e essa sêde pode ser (e de certo é muitas vêzes), devido o alimento concentrado ou reclamando água, como acontece com as sopinhas, certas fórmulas de leites dietéticos (como os de tipo albuminoso) etc., etc.

CORRESPONDÊNCIA DAS MAES

N. O. — Não se impressione, é fisiológico o alongamento da criança nesse periodo, que vai do 5º ao 7º ano. Depois tenderá a engordar, a crescer em massa (do 8º ao 10º ano).

R. T. — A estatura corpórea depende de multiplos fatores (glandulas, raças e fatores hereditários). As distrofias graves da infância também influem em grau notável. As vêzes não encontramos um fator aparente ou mesmo após certos exames. De maneira que sòmente um exame direto pode elucidar o caso de seu filho.

F. L. — Sim, pode ser raquitismo. Se possuimos condições de clima que em certos estados menos favorecem a existência dessa moléstia, não é menos certo que o raquitismo depende também de elementos extra-sol, cuja falta responderá por suas manifestações. Procure orientar-se com quem saiba conduzir o caso.

COINCIDÊNCIA

(Cont. da pág. 26)

porta do quarto de Carlos estava aberta. Entrei. Não havia sinal de defunto. Temi, então, uma brincadeira, pois eu não dominaria a minha raiva. Divisei pregado e pendurado à parede, abaixo da folhinha, um papel. Nêle li, desesperado, as seguintes palavras: "Não vê, seu bôbo, que hoje é primeiro de abril? Só não contava com a chuva..."

Sai feito um ébrio. Temia encontrar-me com Carlos. Que não faria? Eu mesmo não lhes sei dizer. Avancei para a porta. Montei a cavalo e parti. Morto de cansaço. Morto de raiva. Fui à bodega e bebi dose dobrada de aguardente. Só assim suportaria a fúria do tempo e a do meu coração. Sòmente um mês depois é que Carlos obteve o meu perdão.

Como podem concluir, era o seu terrivel defeito: dar trotes. Sempre fui muito ingênuo para crer no que me dizem. E Carlos sabia fingir como ninguém. Só quando nossa amizade estava bastante madura é que tomei o propósito de não acreditar nêle de maneira alguma, fôssem lá quais fôssem as consequências. E assim mesmo cai na última, que resultou no meu casamento. Vejamos. Estive em São João. Uma dessas pequenas vilas do interior com ares de cidade. No "Hotel dos Viajantes" passei quase um mês. A dona do hotel, uma senhora quarentona, chamada d. Leocádia, fazia parte da melhor sociedade de São João. E, em geral, na vasta sala de visitas do hotel era comum reunir-se o que de melhor possuia o lugar. Ali se passavam as noites palestrando, ouvindo rádio, quando não surgia alguma pequena que declamasse ou cantasse. Só havia um pesadelo: as rifas e os cruzeiros que eu via, assustado, fugirem-me do bôlso para fins religiosos ou humanitários; mas, quem pode recusar-se ante o riso de uma criatura amável? Através daqueles saraus fiz conhecimento com muitas moças, porém não cheguei a interessar-me por nenhuma. E nem me recordo de ter sustentado um "flirt". As amizades foram simplesmente desinteressadas. E' verdade que, rapaz da cidade, fui procurado, recebi indiretas, recados e bilhetes. Procurei, todavia, fugir diplomàticamente.

Ao deixar São João me encontrei com Carlos Ciriaco, que se dirigia para essa vila. Pediu-me informações e eu as dei tão amplas quanto possiveis. E terminei enviando lembranças e saudades para várias pequenas, indistintamente. Logo depois parti para longe e sòmente decorridos seis meses é que eu e Carlos nos encontramos novamente. Já da vila de São João pouco me lembrava. Sempre fui péssimo fisionomista. Tantas e tantas vilas, povoados havia percorrido naquele roteiro pelo interior, tantas caras visto, tantas amizades havia feito, como poder recordar-me daquelas criaturas que deixei em São João, numa bela noite de maio, quando a estação se encheu de tanta gente, a fim de apreciar a minha partida? Como recordar isoladamente um olhar, um sorriso, um rosto, um vulto de mulher? Tôdas elas me sûrgiam à mente, de modo confuso, como formando um todo. Está ai a prova de que eu não destaquei nenhum em meu coração. Tôdas foram para mim distintas e amorosas.

Carlos veio visitar-me. No alpendre de minha casa, durante horas, contamos as últimas peripécias de nossas recentes viagens. Para êle se dera grande acontecimento. Estava noivo. Duvidei, porém quando me mostrou a aliança e o nome, acreditei, desconfiado... Depois lhe perguntei como se tinha ido em São João, pois o recomendara a várias pessoas. Êle me olhou durante algum tempo. Depois falou:

— Você, seu ingrato, seu tratante... Pois eu desconfiei pela maneira de falar-me de São João. Por quê enganou a pequena? Não devia ter prometido nada.

Dei uma bruta gargalhada e repliquei:

— Desta vez não caio. Nem hoje é primeiro de abril e nem vou mais acreditar em suas brincadeiras. Pensa que vou deixar-me prender como você? Quer vingar-se? Não me casarei tão cedo.

— Não se interessa mesmo? — prosseguiu.

— Não.

Continuamos a conversar. Porém, como sempre, fiquei em dúvida, preocupado e cismando. Teria alguma delas julgado que eu estava inte-

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUES por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

COMO APRENDER A DANÇAR

4ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no principio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas **de Música de São Paulo.**

ressado? Cortei-lhe a palavra e, inopinadamente, perguntei:

— Posso saber qual foi?

Carlos me olhou espantado e me perguntou como quem já houvesse esquecido o assunto:

— Qual delas?

— A criatura a quem eu enganei...

— Por motivo nenhum direi o nome, pois assim ela me pediu. E eu fiz um juramento. Ademais você não me acreditaria.

— Não graceje, Carlos; eu tenho que regressar lá no próximo mês e pense em minha situação, se isso é verdade. Pode resultar algum equívoco. Você sabe como é o povo do interior.

Repentinamente, adiantei:

— Será, seu canalha, que você andou lá arranjando alguma complicação para mim?

Carlos me jurou que nada havia feito.

Depois de uma pausa, continuou:

— Eu jurei nada dizer. Contudo vou dar-lhe uma senha, sem ter o direito de perguntar-me nada.

— Qual é? — perguntei ansioso.

— Além de ser a pequena mais bela que já conheci, é a única que não pronuncia São João e sim "San Ruan". Você procure conversar com tôdas elas e descubra a sua eleita, a sua apaixonada, a sua querida, através destas duas pequenas palavras: "San Ruan..."

(*Cont. no próximo número*)

DUTTA — MÉDICO...

(Cont. da pág. 19)

visto que são o produto de muitos anos de hibridação.

Foram seletivamente, produzidos por carpas e não existem como peixes dourados de tipo-aquário pequeno, em nenhuma parte da terra. São produto da sabedoria humana.

No estado nativo, as carpas são de côr escura, na verdade sem atrativos e as côres prateadas e douradas não são muito estáveis. Se forem conservados na escuridão durante um período de vários anos, o peixinho dourado de estimação tornar-se-á quase inteiramente branco, talvez fique cego.

Uma das perguntas que é feita sempre é se os peixes podem ou não se afogar. E aqui entra, novamente o aquário de vidro pequeno. Se um certo número de peixes fôr colocado num espaço demasiadamente confinado êles se sufocarão — devido à falta de um suprimento de oxigênio bastante.

Outra coisa que é má para os peixes, diz Dutta, é o exagêro da ração alimentar. Recomenda que se observe, religiosamente, as porções prescritas nos rótulos.

Os peixes são gulosos e por isso muitas vêzes morrem de indigestão. Um grande número dos peixes levados ao hospital estão com a mesma enfermidade banal de uma criança gulosa, que foi deixada à sôlta numa casa de balas.

Dutta não é partidário das frequentes mudanças de água, acreditando que os peixes se dão melhor num aquário balanceado. Diz, também, que muitos proprietários de peixes de estimação, ferem-os quando põe o recipiente debaixo de uma torneira aberta com tôda a fôrça, no intuito de dar aos peixes a impressão de que se encontram sob uma fonte de água fresca. Quando mudar a água, deixe-a correr vagarosamente, aconselha Dutta.

«Não mate seus animaizinhos com bondade», diz êle.

NO TEATRO DE ROMA

(Cont. da pág. 41)

Seus quinze filmes já foram projetados nas salas dos mais modernos cinemas franceses, alemães e inglêses.

Recentemente êle aguardava o encerramento da temporada teatral, durante o verão, para fazer mais dois filmes.

E' êste o ator que merecia o prêmio de melhor intérprete, em Cannes. Politicamente acharam que assim não devia ser: tudo ficaria na Itália.

O melhor filme (Dois centavos de esperança); a melhor seleção; e o melhor argumento cenarizado (Guarda e ladrão).

UM ATOR

Rascel, no teatro, faz o gênero forte. Não o forte agressivo, mas uma espécie do nosso Procópio quando numa comédia para rir. Rascel sabe também ser leve, discreto, e dizer com uma propriedade raríssima o texto que lhe entregam. Vimos a peça três vêzes. Nunca modificou uma marcação. Nunca alterou uma linha dos diferentes personagens da revista.

Na revista, Rascel, além dos seus números de solo, onde o público não permite que êle deixe a cena sob palmas e gritos, êle dança, canta e dirige.

No final da sua revista, depois de haver muito dançado e muito cantado, êle ainda reaparece para cantar um número duma velha canção parisiense, e terminar com um violento e acrobático sapateado sob um jacto de refletor.

O teatro vem abaixo com êsse final, onde êle afirma ser diretor, intérprete e ator cem por cento. Se um dia Rascel fôr ao Brasil muito bom será para nós.



À LUZ DA PSICANÁLISE

A MESTRA

DR. LUIZ FRAGA

IONE é uma jovem gaúcha, de 25 anos. Intranqüila e introspectiva. Trabalhava, em Pôrto Alegre, na missão nobre de professôra primária. Um dia veio para o Rio e não quis voltar ao sul. Agora, entre saudosa e preocupada, procura trabalho na Cidade Maravilhosa. Procurou-nos, julgando-se doente:

IONE: — Há qualquer coisa em mim. Estou diferente e não sinto prazer na vida. Durmo mal e alimento-me também mal..

MÉDICO: — Sente saudades de sua terra e dos seus...

IONE: — Não posso negá-lo. Isto, porém, não deve ser a causa única.

MÉDICO: — Em que trabalha?

IONE: — Melhor seria perguntar-me: em que trabalhava... Eu era professôra.

MÉDICO: — E' professôra.

IONE: — Não, não desejo mais ser professôra. Sabe lá o doutor o que é ser professôra, sofrer, trabalhar, sentir emoções e receber ingratidões?

MÉDICO: — Deus dotou o homem de um tesouro e confiou à mestra a sua chave.

O bem da Pátria depende da professôra, que modela a criança para que se torne um homem capaz e digno para as profissões, nas quais possa influir e trabalhar. E' ela, a professôra, quem desperta na sua consciência um lugar exato para a justiça e para a virtude — finalidade máxima da vida.

A história define o passado; o presente é a hora que vivemos e o futuro a imensidão do porvir, a esperança dos homens e dos povos.

O conflito humano é, essencialmente, um conflito entre a fé e a incredulidade. A recuperação da fé é o objetivo do homem de espírito; o despertar, o objetivo da professôra.

O trabalho sublime da professôra não se limita, apenas, a desenvolver a inteligência; o seu instinto materno atua, preponderantemente, sôbre a alma dos jovens, com a firme decisão de formar homens justos e prudentes.

A professôra é a precursora do momento prático, no qual sòmente o ciclo da mentalidade encontra a sua pausa rítmica; a precursora, igualmente, de tôda a torrente de fé e sistema; filosofias e negações filosóficas; religiões e ateísmos; ceticismos e misticismos; modos emocionais confirmados e inclinações práticas habituais... Ela, a professôra, a mestra, é a precursora de tudo.

Stekel diz que dentro de todos nós há sempre uma criança que dorme. Essa criança desperta de quando em quando. São as canções maviosas de nossa mãe que ecoam, do subconsciente, que a fazem adormecer de novo; ou o conselho sábio e justo de nossa primeira mestra que lhe estende a mão e guia-a, na transição das idades, acordando o "EU" adulto, para a censura necessária e oportuna e para dizer como os romanos:

OMNIA BENE.

"O vinho conserva para sempre, o cheiro do vasilhame que o conteve". Assim as lições de nossa primeira mestra permanecem, para sempre, no subconsciente do homem que a soube prezar e respeitar.

Passemos para o bronze o monumento que cada um de nós esculpiu no coração, em homenagem e gratidão à primeira mestra.

C U P Ã O

Nome ....

Pseudônimo ....

Data do nascimento ....

Estado civil .... **Profissão** ....

Residência ....

JÁ VIU?

NÃO!

Vá correndo ao mais próximo jornaleiro e veja

QUANTOS ASSUNTOS INTERESSANTES

APRESENTA

O ANUÁRIO ESPORTE Ilustrado de 1952:

Página 3 — Levy Kleiman fala aos desportistas de todo o Brasil.

Páginas 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10 — Todos os times do futebol carioca, que disputaram o campeonato de 1951, em côres, com as respectivas campanhas e os jogadores que tomaram parte nos jogos.

Página 10 — Todos os escores dos clássicos: Flamengo x Botafogo e Vasco x América.

Da página 11 a 35 — Os gráficos de todos os "goals" do campeonato carioca de futebol de 1951, jôgo por jôgo, da primeira à última rodada. Uma documentação completa.

Página 36 — Todos os escores de todos os jogos do campeonato carioca de futebol de 1951, com os respectivos campos e rendas.

Página 37 — Sinopse do campeonato carioca de 51 e a Taça Eficiência.

Página 38 — Os artilheiros, os goleiros vazados e os juízes que apitaram.

Página 39 — Os "penalties", os expulsos de campo, os "placards" registrados e os artilheiros negativos.

Página 40 — Os amistosos dos clubes cariocas em 1951 (Estatística completa). O 1º campeonato da juventude amadorista, com os resultados de todos os jogos, locais e rendas. Estatística completa do campeonato carioca de profissionais.

Página 41 — Campeonatos de juvenis e aspirantes de 1951.

Página 42 — Os internacionais dos clubes brasileiros em 1951. (Estatística completa).

Página 43 — O Rio — São Paulo de 1951 — Estatística completa.

Páginas 45 e 46 — Torneio Municipal de 51 — Estatística completa.

Página 47 — Torneio Início de 51 — O histórico do Torneio Início, com os times campeões e respectivos jogadores.

Páginas 48, 49 e 50 — Copa Rio de 51 — Estatística completa.

Página 51 a 58 — Todos os "goals" da "Copa Rio" de 51, jôgo por jôgo, em gráficos cinematográficos.

Páginas 59, 60 e 61 — Atletismo.

Página 62 — Automobilismo.

Página 63 — Hipismo e Pólo.

Páginas 64 e 65 — Natação, Saltos e Water-polo.

Página 66 — Pugilismo (Box, jiu-jitsu e luta-livre).

Páginas 67 e 68 — Voleibol (Campeonatos carioca, brasileiro e sul-americano).

Página 69 — Remo e Tênis-de-mesa.

Páginas 70 e 71 — Basquetebol (Campeonatos carioca, brasileiro, pan-americano e jogos internacionais).

Página 72 — Iatismo, Tiro ao alvo, Esgrima e Ciclismo.

Página 73 — Tênis.

76 PÁGINAS **Cr$ 10,00**

CARNES COM FRUTAS

● COSTELETAS DE PORCO COM COMPOTA DE MAÇÃS

Separe costeletas no número de uma vez e meia pelo de convidados. Passe-as em gordura de toucinho derretido e ponha-as na grelha prèviamente aquecida. Quando a gôsto, salgue-as e sirva-as com compota de maçãs muito quente, aquecida em gordura também de toucinho e aromatizada com cravo da Índia.

● ASSADO COM GROSELHAS



Deixe de môlho longamente em vinha d'alho um pêso para assar. Ponha para assar o tempo correspondente a 40 minutos por quilo de carne. Regue constantemente com o môlho enquanto assar. Junte um creme à base de leite. Um quarto de hora antes de servir, acrescente um prato de groselhas. Sirva em pratos aquecidos, o assado cortado em fatias e o môlho com groselhas separado numa molheira.

● CHURRASCO DE "FILET MIGNON" COM AMÊNDOAS

Faça o churrasco no forno, cobrindo o filet mignon fartamente com amêndoas amassadas. Não deixe que as amêndoas queimem. Formar-se-á um môlho do sangue da carne combinado com as amêndoas.

● LEBRE COM PERAS

Corte filés de lebre. Ponha numa travessa que vá ao forno sôbre fatias de toucinho. Passe manteiga em cima. Ao lado dos filés coloque peras descascadas cortadas ao meio. Deixe cozinhar 40 minutos por quilo de carne. Regue com vinho branco e toucinho derretido. Sirva com fatias de pão torrado mergulhadas no môlho.

● CARPA ASSADA COM AMEIXAS

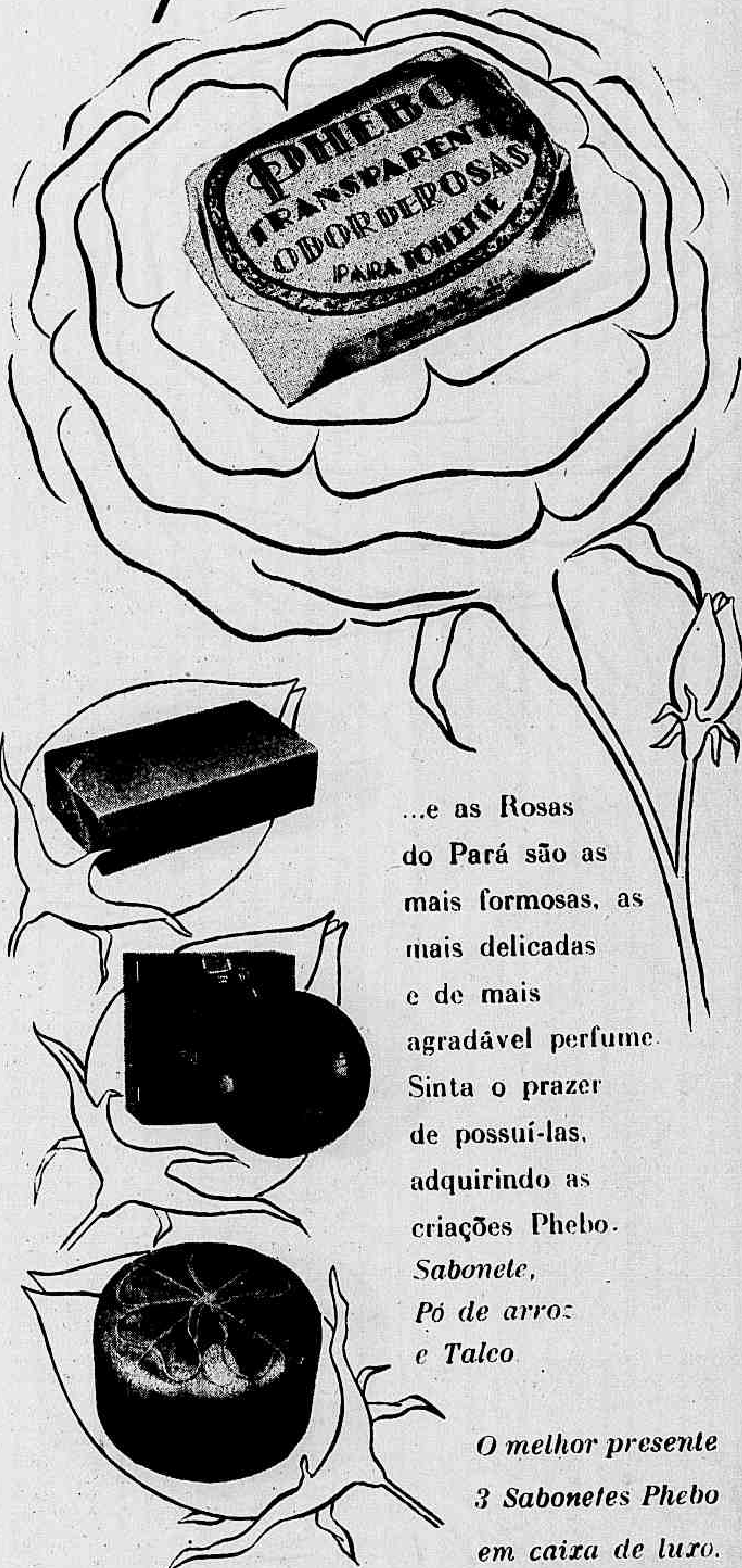
Ponha em fôrma de barro uma carpa pesando aproximadamente 1 quilo, limpa e escamada. Cubra com tiras finas de toucinho. No fundo da fôrma ponha também tiras de toucinho e duas porções de manteiga. Em volta, arrume ameixas sem caroços que tenham ficado três a quatro horas de môlho em água fria. Salgue e pulverize com pimenta. Leve ao fôrno por cêrca de 45 minutos. Vá regando com toucinho derretido e manteiga e nos últimos minutos com vinho vermelho e um nada de champanha. Sirva muito quente, na própria fôrma de barro. Acompanhe com vinho branco.

● POMBOS COM UVAS BRANCAS

Recheie os pombinhos com uvas brancas. Cubra-os com fatias finas de toucinho. Cozinhe-os em panelinhas de barro, regando-os com suco de uvas espremidas na hora. Junte ao môlho, no final do cozimento, algumas uvas.

Época

Perfume de Rosas

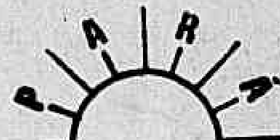


...e as Rosas do Pará são as mais formosas, as mais delicadas e de mais agradável perfume. Sinta o prazer de possuí-las, adquirindo as criações Phebo. *Sabonete, Pó de arroz e Talco.*

O melhor presente 3 Sabonetes Phebo em caixa de luxo.

Criações PHEBO

PERFUMARIAS PHEBO



A REVOLUÇÃO DOS PINCÉIS

(Cont. da pág. 47)

— Infelizmente, como médico esteta, saio (do Museu) como entrei: sem vislumbrar a beleza da forma ou pureza da arte... (Carlos Alberto de Souza).

— Dá-se atualmente o nome de "arte moderna" às manifestações infrenes das mentalidades psicopáticas. Insinceros os que dizem apreciá-la e irresponsáveis os que a incentivam (Roberto Prado).

Os pontos de vista se cruzam. Raros são os favoráveis à arte moderna. Porém, não importa: o que o Museu procurou está achando, isto é, caminho para o gênero, no Brasil. Milhares de pessoas visitaram a exposição dos artistas brasileiros, por curiosidade ou estudo. Dois terços, pelo menos, manifestaram-se contra.

FALANDO-SE DE DINHEIRO

Agora, que terminou a exposição, é interessante falar sôbre os preços dos quadros. Se há pessoas tão indignadas com o enigma das obras, o que dirão se souber das tabelas. Tarsila do Amaral, para início, fixou em 50 mil cruzeiros para "Abapuru" (óleo sôbre tela, 0,86x0,74 cms. 1928) ou "Auto-Retrato" (óleo sôbre papelão, 0,37x0,32 cms., 1924); Portinari até foi razoável: 20 mil cruzeiros e os seus quadros não apareceram com aquela extravagância que o tornou famoso. Não, os "Balões e Papagaios" sugeriram mesmo um confôrto-interior, um bucolismo de passagem grátis para os tempos de infância. Os trabalhos mais baratos não foram menos de 500 cruzeiros. Também, seria pechinchar em demasia...

O SALAO

Enquanto o Museu funciona em baixo, o auditório do Ministério da Educação comportou outra mostra de que o gênero está subindo. Ali estêve o I Salão de Arte Moderna, que significou autonomia, desmembramento de simples divisão que era do Salão Nacional. A sua instalação trouxe revoluções de critério: duplicaram-se os prêmios de viagem à Europa e ao país, criaram-se os dois primeiros prêmios em dinheiro a serem concedidos pelo Govêrno e o júri se resumiu em três elementos.

Na frente de estatuetas e telas dêsse novo certame, Quirino Campofiorito foi quem me pronunciou a frase mais exata e pitoresca sôbre o assunto. Vale como arremate desta reportagem, porquê condensa uma proclamação:

— A Arte Moderna acaba de ganhar a sua maioridade no Brasil. Já tem Salão sòzinha...

FOGO DE CONSELHO...

(Cont. da pág. 12)

Mas não ficou nisso. As horas corriam e nas barracas havia garôtas dos mais variados Estados. As paulistas, pouco dadas à gíria, aprendiam, admiravam e gosavam as palavras que escutavam, os modos das companheiras do norte e estas, por sua vez, achavam engraçado o «r» das pequenas da paulicéia.

Os vocabulários se enriqueceram. O tratamento era prima, — à baiana — e querida — à gaúcha, com influência portenha — e as peças de uso pessoal foram tomando os mais variados nomes, muitos dos quais pitorescos, mesmo. Grampo de cabelo, passou a ser «misses»; meia soquete, carpim; «flashlight», pilha; pilha, elemento; mexerica, bergamota; qualquer coisa, trôço, e assim por diante.

★

Ser Bandeirante não é apenas usar farda, ir a piqueniques, cantar bem, ser saudável, bonita, ou filha de família abastada. Para ser Bandeirante não é necessário ser brasileira, católica, branca, pardá ou amarela. Basta quererer ser, cumprir os regulamentos da Federação das Bandeirantes do Brasil e trabalhar. Sim, primo, trabalhar.

O Bandeirante, no Brasil, data de 1919, quando da fundação da Federação, na Capital Federal. AFBB é membro componente da Associação Mundial das Bandeirantes, entidade formada por todos os países que compreenderam e nacionalizaram os métodos de Baden Powell, o fundador do escotismo.

A Federação das Bandeirantes do Brasil objetiva auxiliar a obra educativa da família, dentro de bases católicas, permitindo, todavia, que moças de outras religiões se alistem em suas fileiras.

As Bandeirantes são o que poderíamos chamar escoteiras. Semanalmente, reunem-se, em seus distritos, e, durante duas horas, aprendem, por intermédio de jogos educativos, a observar, ter iniciativa, a ser disciplinadas. Preparam-se para tomar conta do lar, como boas espôsas e mães. Fazem excursões, a fim de conhecer a natureza, seus países, sua cidade; para tomar contacto com a natureza, observando-a, aprendendo a respeitá-la.

Essas moças são estudantes, comerciárias, enfermeiras, médicas, ricas, pobres, que, unidas, aprendem a viver em comum, exercendo o direito do voto, com o qual elegem suas dirigentes.

A alegria surpreendente e contagiante das Bandeirantes é parte do seu lema. «Somos alegres porque a vida tem de ser alegre».

★

E é baseadas nesses princípios, que elas fazem reuniões, em tôrno de grande fogueira, a que chamam «Fogo de Conselho». Então, discutem os problemas comuns, trocam idéias, ajustam situações e, no final, como que a fumar o cachimbo da paz, cantam músicas regionais, tocam violão, gaita, e acordeon e representam, ao ar livre. Os temas são parábolas da Bíblia. Uma, a versão verdadeira, outra sua transposição para os dias que correm.

Elas cozinham, dão patrulha, fazem exercícios e quase tudo que um soldado realiza, exceto pegar em armas, porquanto suas armas, conforme acen uam, são a bondade, o amor ao próximo, a igualdade e a caridade.

E era isso que o povo de Campinas queria saber. Quem eram, o que eram, que queriam, que faziam?

★

A reunião em Campinas, que durou do dia 4 ao dia 14, era de chefes de grupo, que estudavam como organizar e dirigir um acampamento. Porém, nem tudo era trabalho e, mesmo dentro dêste, surgiam coisas engraçadas, que amenizam as horas de plantão, de fazer comida, de limpar barracas, de cortar lenha.

«Nacionalizado» o idioma, tudo foi se tornando mais fácil e a intimidade foi tomando conta de tudo. Alegres, vivas, brejeiras, não puderam deixar de rir, quando aquela loirinha bonita, filha dos pampas gaúchos, foi se afastando, de costas, esticando a corda, para o içamento da bandeira. Deu um, dois, três passos e desapareceu no lago da fazenda.

Conta-se, ainda, à bôca miúda, que a gritaria ouvida numa das tardes, quando o sol de inverno aquecia de leve as barracas friorentas, foi provocada pelo «desabamento» das paredes de lona de um dos «banheiros»...

Todavia, ninguém esquece da veia da carioquinha brincalhona que, num dos «Fogos de Conselho», representava o Bom Samaritano da Bíblia. Tudo foi bem, na versão bíblica e o homem ferido e roubado descansou, em paz, numa estalagem. Porém, quando da versão moderna, o «bom samaritano» levou o pobre homem para... o Sacopã!

★

E hoje, tudo terminado, do acampamento alegre das Bandeirantes restam apenas vestígios. As paulistas, que raramente falam gíria, voltaram para a Capital escandalizando as mamães e fazendo rir os papais e os namorados.

Falam uma língua que os «velhos» não entendem e estão gastando até o último tostão de gíria que apanharam dos 9 Estados do Brasil. Em São Paulo, atualmente, livro é galho, os grampos são «misses», o casaco de «renard argenté» da mamãe é trôço, um rapaz é um cara, uma amiga é prima, a mexerica é bergamota e quando alguém aborrece uma das pequenas que estêve em Campinas ou mesmo uma sua amiga, leva logo a pergunta: «Vais tirar assinatura comigo, mano?» Vejam só, bandeirantismo, pois, tem muito mais do que apenas ensinamentos corriqueiros. E', sem dúvida, um meio prático de socializar as garôtas e de uni-las, quer sejam de Estados longínquos, quer sejam vizinhas, pois jamais se esquecerão das brincadeiras, dos aprendizados e, especialmente, do enriquecimento da gíria. Não é, queridas?

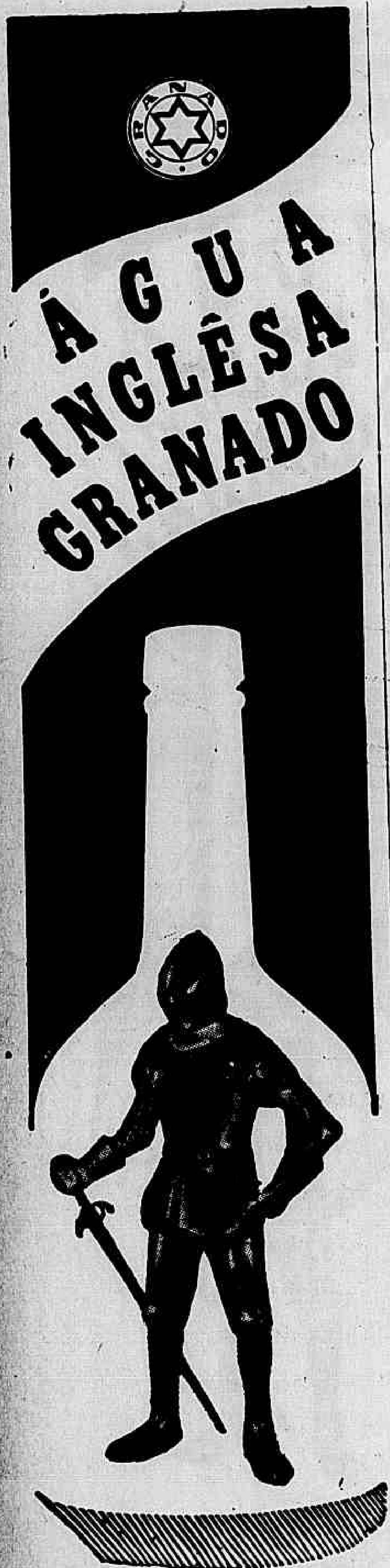
CORREIO DA REVISTA

● R. DE ALMEIDA E SILVA — Salvador — Muito interessante o seu trabalho; mas, infelizmente, versando assunto de caráter político-partidário, não se ajusta a esta Revista. Mande contos e teremos o prazer de publicá-los.

● G.H. — São Paulo — Os contos devem vir escritos numa só face do papel. Por êste motivo o que a senhorita nos mandou ficou prejudicado.

Respostas ao teste

1—Do Estado do Rio
2—Sem fôlhas
3—O louva-a-Deus (asas curtas)
4—Vegetal
5—Instrumento para medir a profundidade do mar
6—Ao correr da pena
7—Coxear
8—Boreste
9—Feito de barro
10—Os gonzos
11—Do Velho Testamento
12—Da lula
13—Marrã
14—Pedra de grandes dimensões
15—Antipatia



TÔNICA-APERITIVA
NAS CONVALESCENÇAS

FAÇA EM CASA O TRATAMENTO DE BELEZA DOS SEIOS



Pasta Russa

Conserva e dá aos seios, firmeza, perfeição e encanto.
PRÁTICO, DISCRETO, EFICIENTE
Garantia absoluta, comprovada em famosos institutos de beleza. Nas drogarias, farmácias e perfumarias.

BÉL-HORMON
A BELEZA DOS SEIOS
Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL - HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

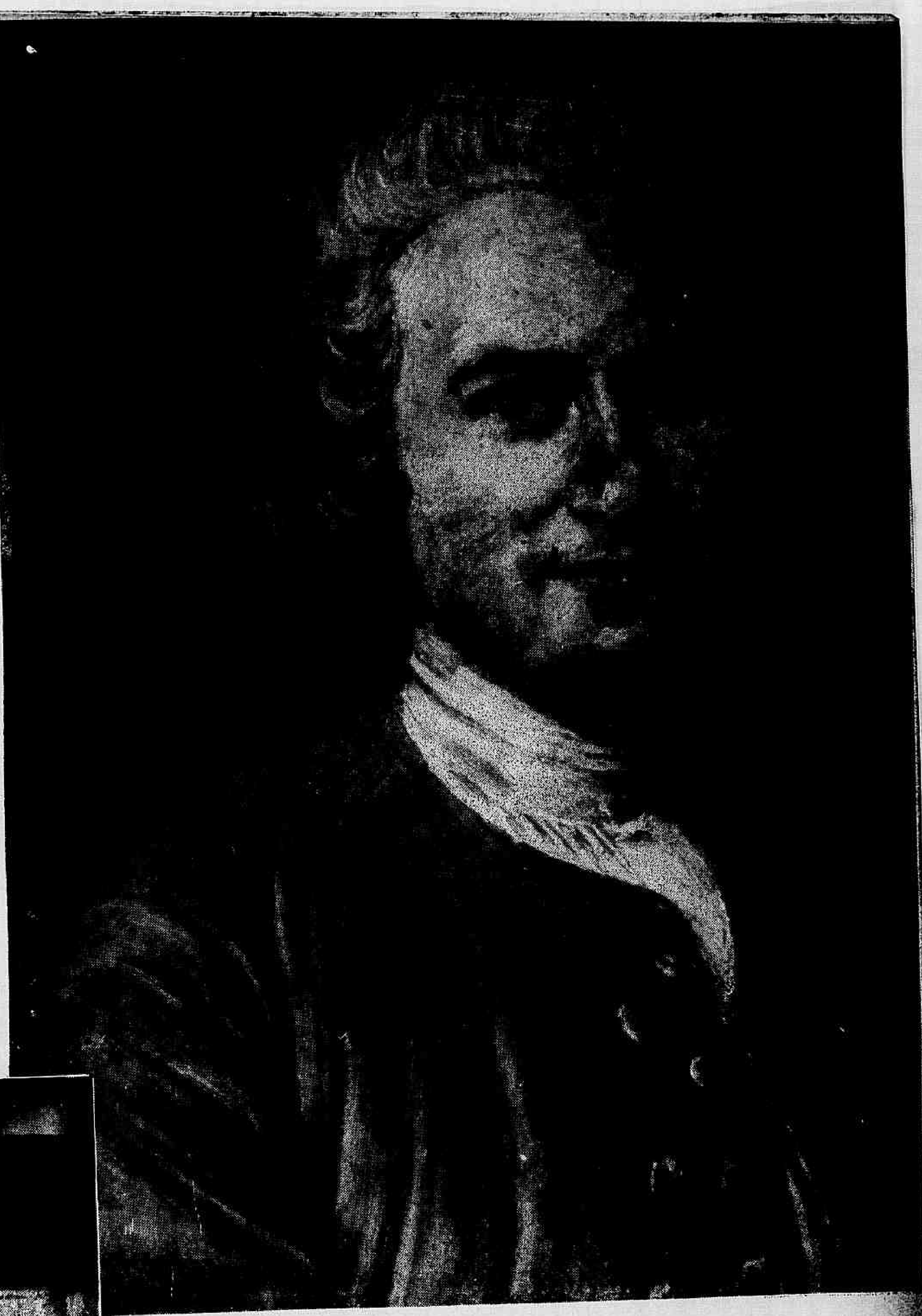


Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

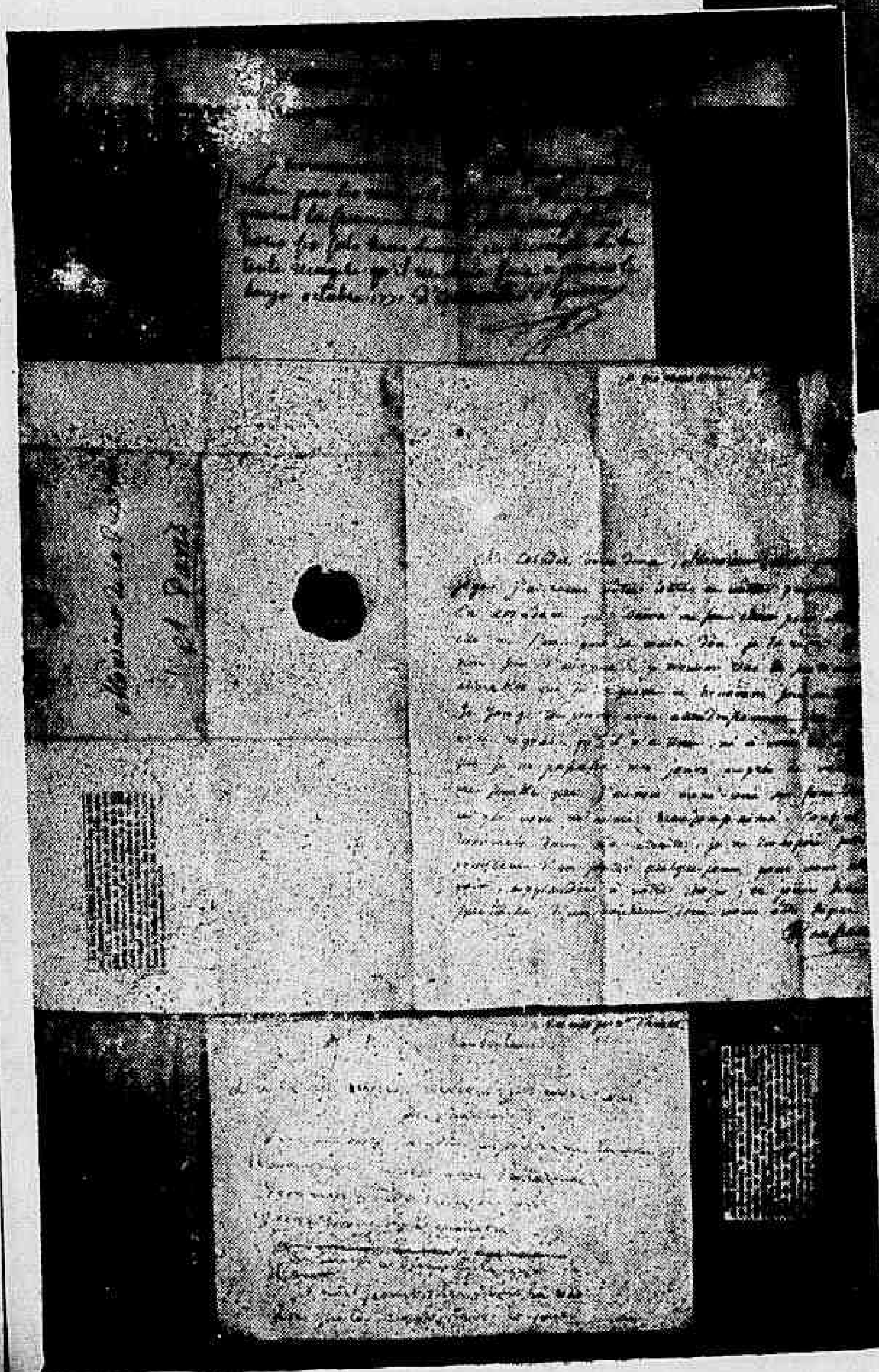
Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

UM LIVRO QUE DERRUBOU TRONOS



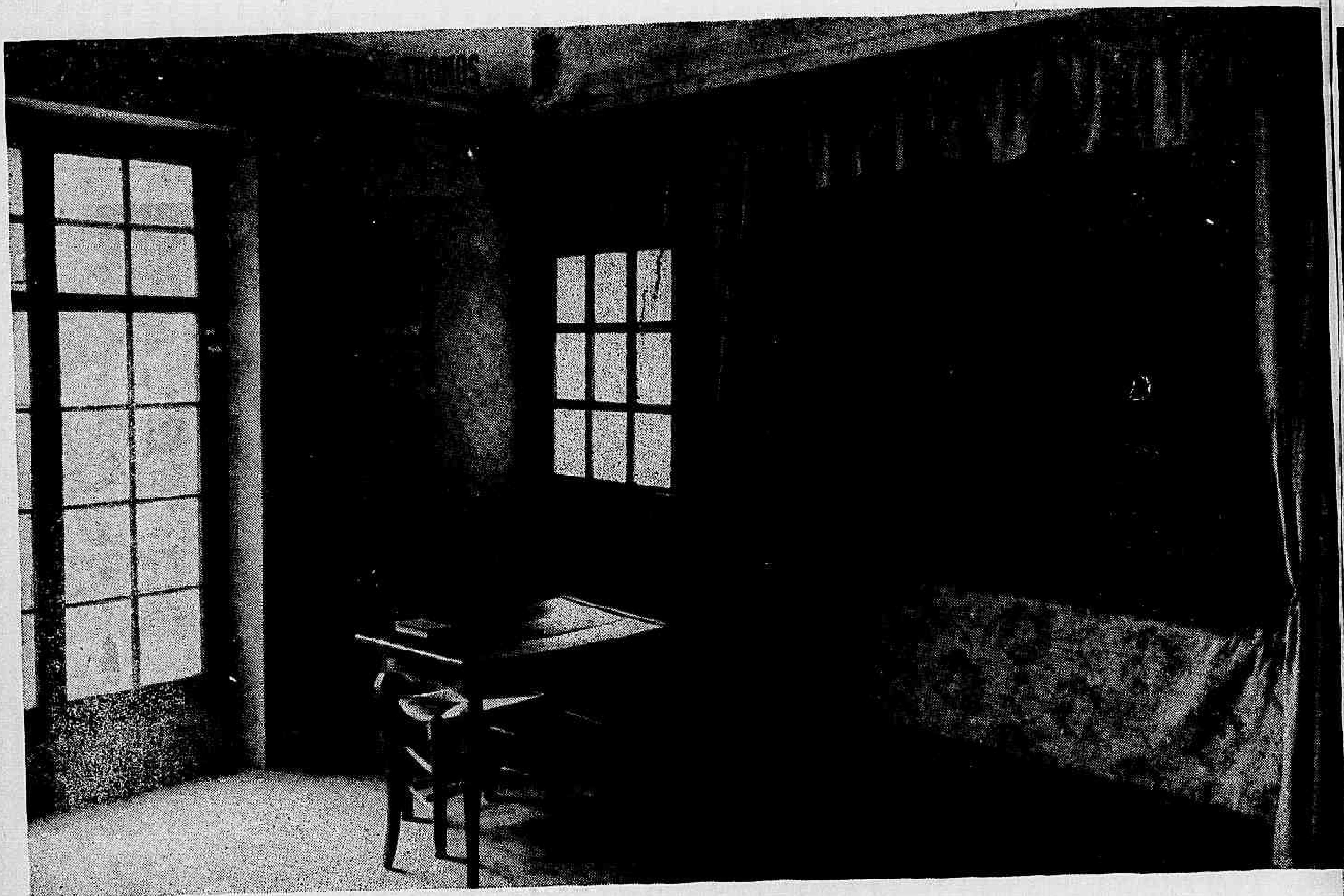
Jean Jacques Rousseau, segundo um quadro executado pelo pintor De La Tour. Na outra foto, reprodução de manuscritos do grande filósofo, cujas idéias sociais abalaram os séculos.



JEAN JACQUES ROUSSEAU EM MONTMORENCY ★ SUAS IDÉIAS, O AMOR E AS MULHERES

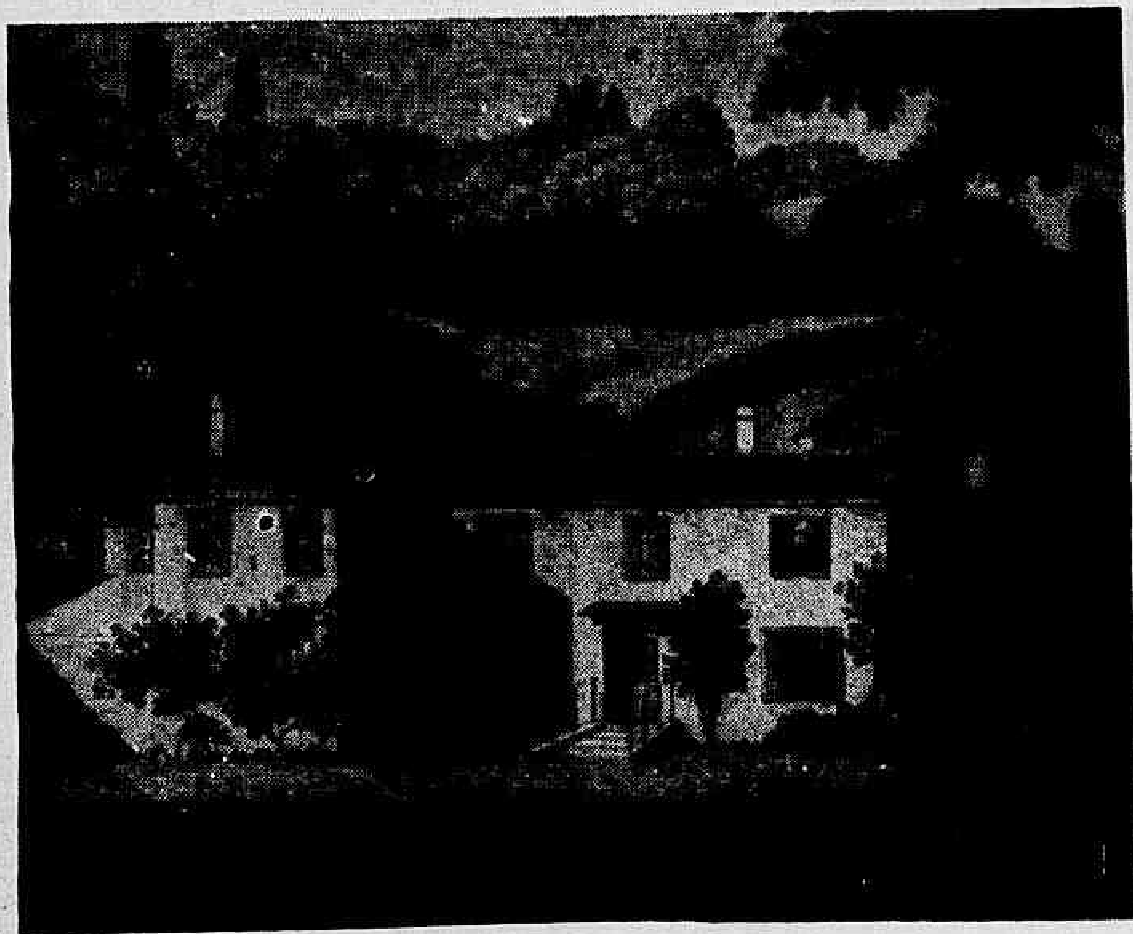
DE JEAN GALLOTTI
(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

MONTMORENCY inaugurou uma "Casa de Jean Jacques Rousseau". A coisa fêz-se com grande pompa, um discurso do ministro da República Helvética e outro de Albert Sarraut. Mas pouco se insistiu sôbre o que representa para a história literária e a civilização, êsse pavilhão. E isso merece ser lembrado. Foi em 1756 que Rousseau se instalou em Montmorency, aos quarenta anos. Já conhecido como escritor pelos dois discursos: **Contra as Ciências e as Artes** e sôbre a **Desigualdade entre os homens**, vinha, a convite de Madame D'Epinay, habitar um pavilhão de jardineiro preparado especialmente para êle. Pretendia esquecer o mau humor que lhe causava a sociedade dita "filosófica" a que pertenciam homens como Diderot, Grim, d'Alembert, d'Holbach, etc. De fato, durante algum tempo, a Ermitage foi para êle uma cura. Mas êste pensador, filósofo, músico, botânico; êste amigo da natureza era sensível aos encantos da mulher, se bem que esta o intimidasse. E mais de uma sentia curiosidade pela misantropia dêste "urso", ao qual não faltava uma bonita cabeça e sedutor espírito. Quis o acaso que a bonita condêssa d'Houdedot, que morava a uma légua, viesse bater à sua



Dormitório de J. J. Rousseau, um dos maiores gênios da humanidade, de cujo cérebro saíram obras de profunda significação, que os séculos não podem destruir.

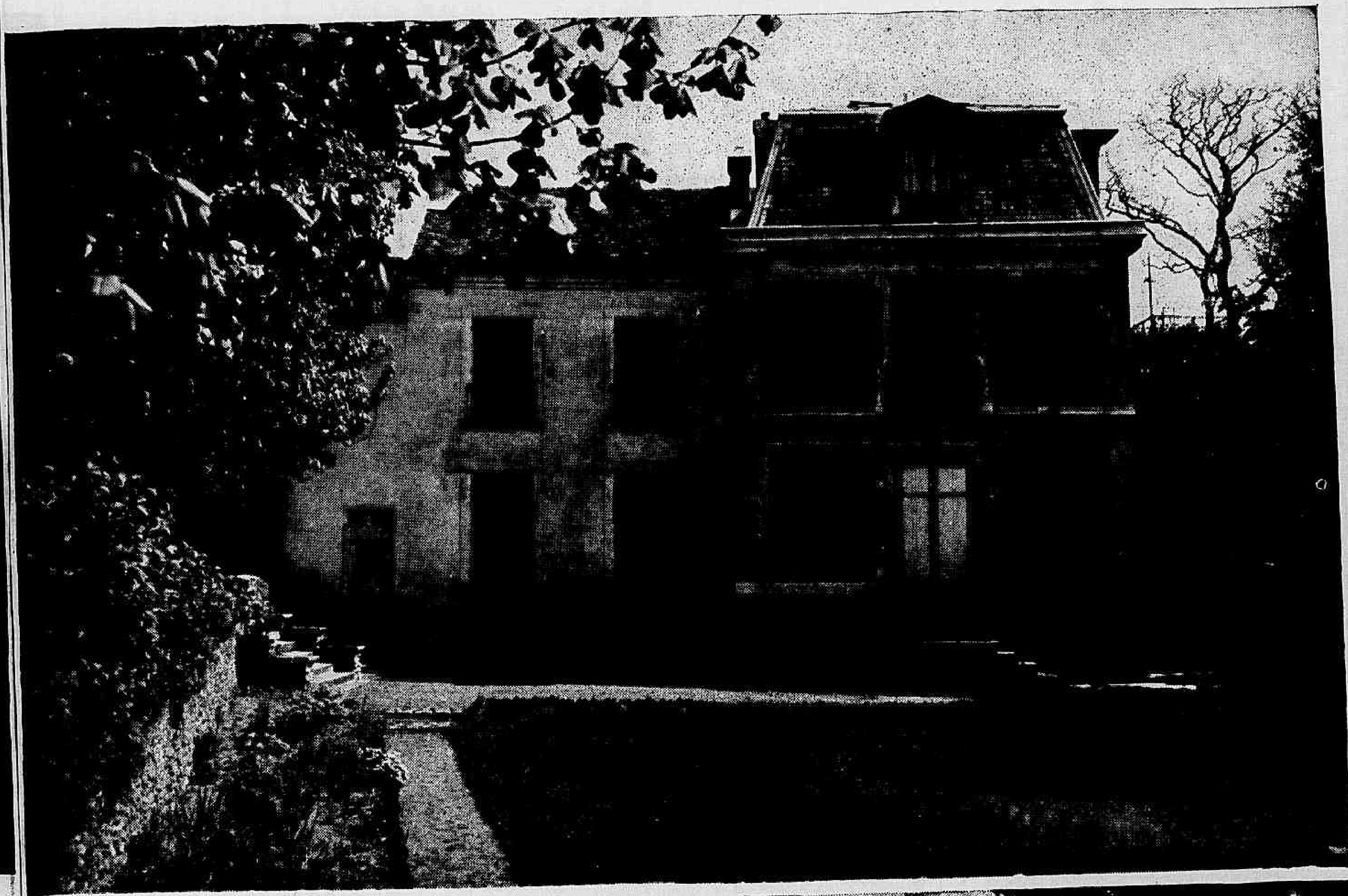
porta. Amou-a. E ela testemunhou-lhe uma terna amizade; mas, como gostava de outro, as suas relações não foram além de uma perturbadora intimidade. O gênio de Rousseau se aqueceu ao ponto de conceber um romance de amor em dois volumes que teve enorme sucesso, se bem que sua leitura hoje seja tarefa quase impossível: **Julie ou la Nouvelle Héloïsa**. Mas a aventura deu o que falar. Madame d'Epinay ressentiu-se e pouco depois Jean Jacques Rousseau instalava-se de repente a um quilômetro de distância, quase no meio da aldeia, numa pequena casa chamada de Montlouis, que pertencia ao Marechal de Luxemburgo, cujo castelo ficava perto. Mas como a casa ruía o Marechal ofereceu a Rousseau um delicioso pavilhão situado no seu próprio parque. Terminados os trabalhos, Rousseau volta a Montlouis. Começam então os anos mais fecundos da sua carreira, aquêles em que elaborou as obras que mais influência tiveram nos destinos do seu país e do mundo. Numa espécie de quiosque a que chamava **le Donion**, na porta de



Sua casa foi transformada no Museu Rousseau, relíquia da França e do mundo.



Túmulo do grande filósofo, na Isle des Peupliers, Jardins d'Ermenonville.



O Museu visto de frente, inaugurado no mês de junho, onde morreu Rousseau.

um terraço do jardim que dominava o vale, acabou **La Nouvelle Héloisa** e escreveu sucessivamente a **Lettre à d'Alembert sur les espectacles, Emile** e o **Contrat Social**. Esta calma foi ameaçada pela censura de Emile, e pela ameaça de prisão de que escapou refugiando-se na Suiça. Cada um dêstes livros contém uma parte do conjunto de idéias novas que constituem a filosofia de Rousseau e que, ao contrário da de Voltaire e dos Enciclopedistas, pretendia ser além de subversiva, construtiva. Sem recorrer à análise, lembremos apenas que, depois de condenar o luxo e os requintes excessivos da civilização, pintara o amor com uma sentimentalidade na qual misturava sensualidade e desassossegos que motivaram tôda literatura amorosa e romântica, exaltando a natureza, cujas belezas, na sua opinião, eram o melhor dos guias. Tratando de educação e propondo uma espécie de religião natural, põe no "Contrato Social" os princípios da Sociedade ideal.

"O homem — diz êle — em estado natural é livre. A sociedade deve, pois, ser fundada num contrato, ao menos tácito, entre os homens: cada um ponde em comum pessoa e bens sob suprema direção da vontade geral. O povo é, por conseqüência, soberano e súdito ao mesmo tempo. A vontade geral manifesta-se pela lei. A aplicação particular das leis é feita pelos magistrados. Quando o govêrno é confiado a todo povo, ou à maioria do povo, êste govêrno chama-se democracia; quando não há mais do que um governante temos então a monarquia.

A primeira forma convém aos pequenos Estados; a segunda, aos médios, e a terceira, aos grandes. E' difícil perceber hoje que essas idéias fôssem tão novas que perturbassem os espíritos ao ponto que se viu. Algumas delas estavam em germe no **Espírito das Leis** de Montesquieu; mas eram completadas pela magia de um estilo incomparável. O "Contrato" teve tal êxito que a Revolução Francesa o tomou como bíblia, as monarquias de direito divino ruíram, e tôdas as constituições do mundo se inspiraram nêle. O espanto que causa o sucesso de tal livro reflete a vitória da consciência humana em matéria política. E' por isso que valia a pena salvar a pequena casa onde foi escrito êste monumento. Graças aos cuidados do conservador Rená Chapuis, tudo se encontra como no tempo do filósofo. Os visitantes podem ver onde **le Donion** escrevia, a aléia de tílias que plantou, a mesa de pedra, na qual venceu no xadrez o príncipe Conti, a cozinha da famosa Thérèse, a alcova onde tantas vêzes estêve para morrer. (S.F.I.)



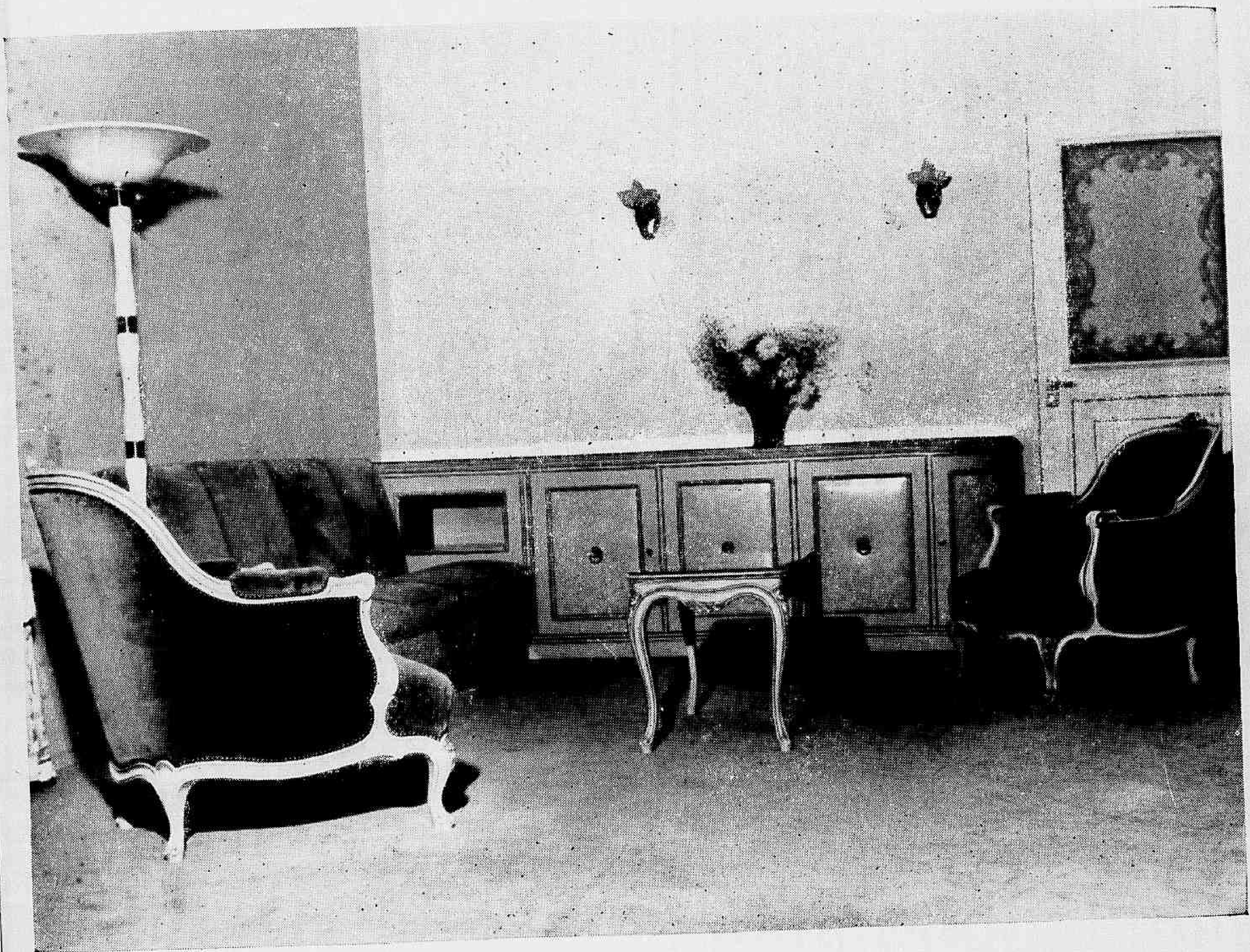
Este modesto recanto, "Le Belvedere", era o aposento que lhe servia de escritório.

ÚLTIMO *Flash*



Êste é o Dr. John E. McKeen, cientista norte-americano, que, com seu grupo científico, inventou a terramicina e criou o método de produção em massa da penicilina. E, ainda com sua equipe, descobriu, êste ano, a hidrazina (ácido isonicotínico derivado do ácido cítrico) que combate a tuberculose. Flagrante feito na sede da L.B.A. quando êle entregava à Sra. Darcy Vargas um vidro contendo o já famoso medicamento.

MÓVEIS E DECORAÇÕES



Projeto e execução da CASA NUNES

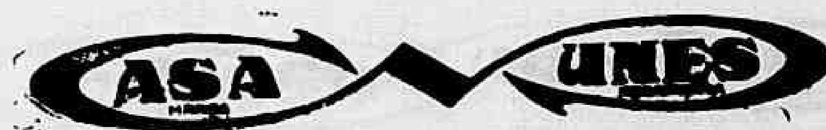
MÓVEIS AVULSOS

TAPÊTES E PASSADEIRAS

agora, a PREÇOS DE ARRASAR!

GRUPOS ESTOFADOS

especialidade de nossas oficinas



65, RUA DA CARIOCA, 67 — RIO

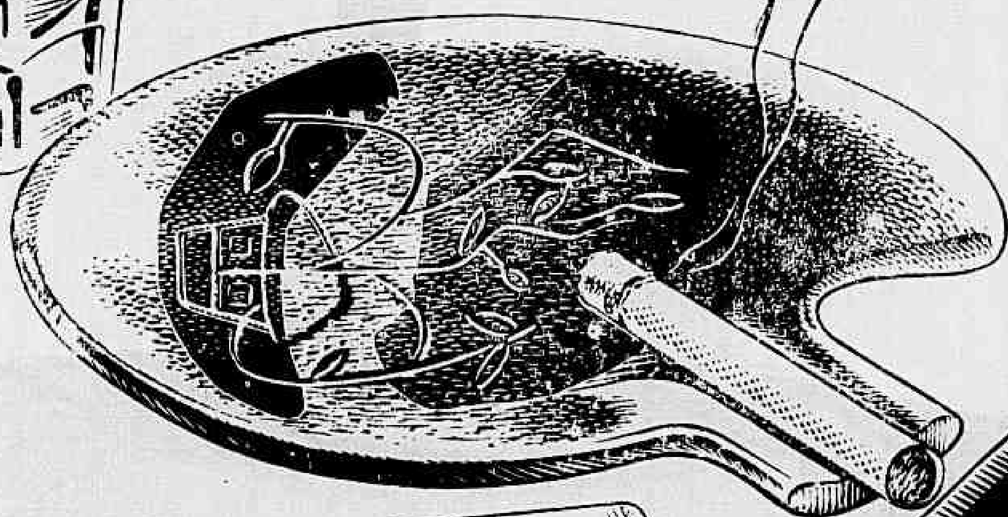


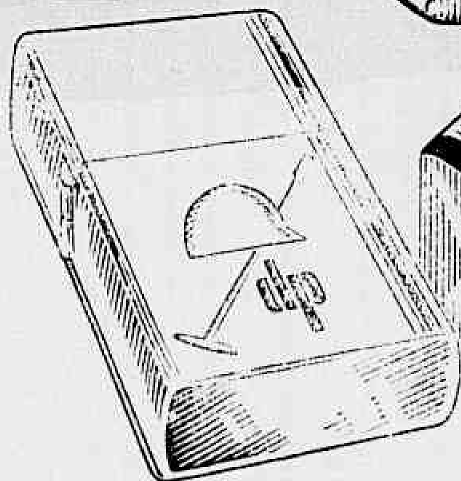
eleito por você... preferido por milhares!

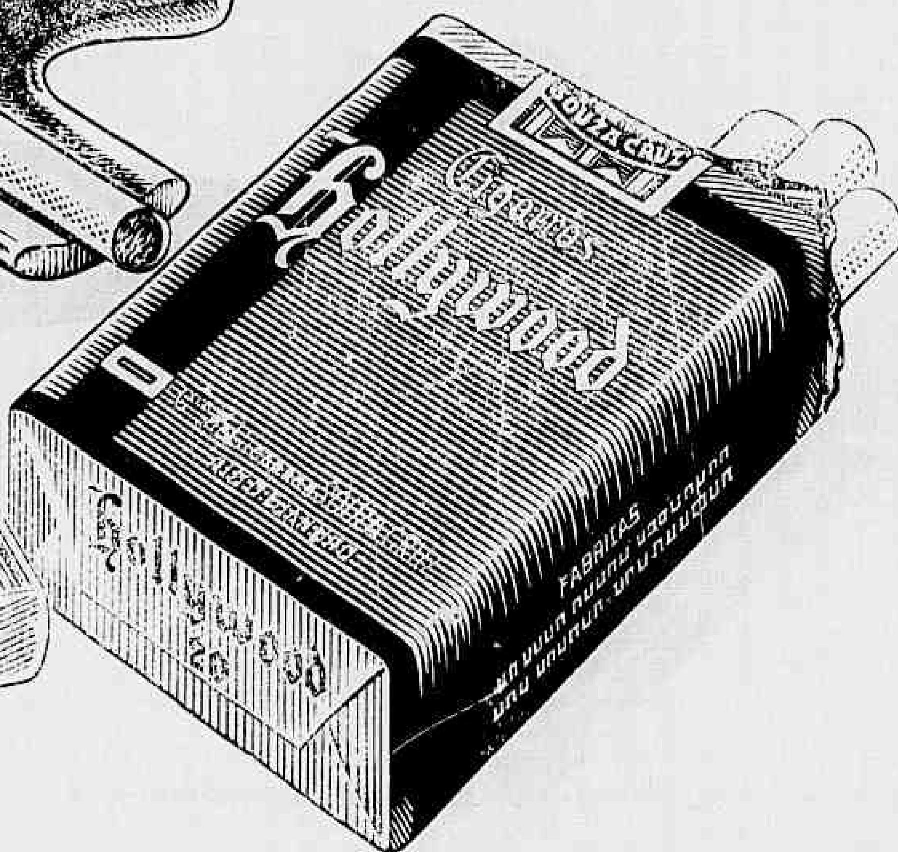
GRATIS

A consagração de que goza Hollywood é resultado da preferência das pessoas de bom gosto — a sua preferência...









H-28.145

cigarros Hollywood

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ